

A LITERATURA E A RELIGIÃO

DOS

ÁRIAS NA ÍNDIA

POR

Guilherme
G. de VASCONCELLOS-ABREU

Lente de Língua e Literatura Sanscritica
no Curso Superior de Letras,
Officier d'Académie, Bacharel em Matemática pela Universidade
de Coimbra, do Instituto de Coimbra,
da Société Asiatique.

Membro honorário e correspondente de outras
Sociedades scientificas e Academias.

PARIS

GUILLARD, AILLAUD E C^{ia}.

RUA DE SAINT-ANDRÉ-DES-ARTS, 47.

—
1885

J

Mr. H. Kern

convenir respectueusement
de

la part de

Nachau
Stockholm le 6, 7. 89

63-04637

PK
2903
V441Q

À MEMÓRIA
DE
VICTOR MADAÍL DE ABREU
MEU PAI
(1811-1868)

He was a Man
SHAKESPEARE.

PARTE PRIMEIRA.

INTRODUÇÃO

LOGAR DA LITERATURA ÁRICA DA ÍNDIA NA HISTÓRIA
DA CIVILIZAÇÃO DO MUNDO
E SUA INFLUÊNCIA NO CRITÉRIO SOCIOLÓGICO
MODERNO.

Bien qu'aujourd'hui déchu (le
sanskrit) à juste titre du rang que
lui avaient assigné nos premiers
maîtres, il n'en garde pas moins
une importance capitale en ma-
tière d'analyse morphologique.

ALFRED DUTENS. — *Es. s. l'orig.
des exposants casuels en
sanskrit*, 1883, p. 1.

In the history of the world the
Veda fills a gap which no literary
work in any other language could
fill.

MAX MÜLLER — *A Hist. of an-
cient sanskrit Literature*,
1859, p. 63.

PREFÁCIO

Êste livrinho, e os que se lhe seguirem para realização da obra « A literatura e a religião dos Árias na Índia », teem por fim dar conhecimento, a quem não é orientalista, da história dos estudos samscríticos, e do estado actual deles, — da ligação histórica dos povos áricos (ao menos pela linguagem) da Índia com os da antiguidade clássica no sentido mais lato, e mesmo com os povos modernos da Europa, — da literatura, religião e outras manifestações de evolução social dos Árias na Índia, — da influência sôbre eles exercida por outros povos (conjéneres principalmente), e da influência que eles exerceram sôbre os povos aos quais por qualquer via chegou notícia ou elemento da civilização hindu.

Não tem aparato científico a obra agora encetada. Mas, lente como é de samscrito (língua e literatura samscrítica clássica e védica), o autor não se tem furtado a sacrificios indis-

pensáveis a quem timbra em manter a dignidade de professor num instituto sem dotação para livros, e num país cujas bibliotecas públicas, mal dotadas, não lhe podem prestar o auxílio carecido, por se dispender a dotação na compra de outros livros mais procurados.

O presente volume reúne parte das lições feitas para rejência da 2.^a cadeira do Curso Superior de Letras em Lisboa, no ano de 1882-1883, e modificadas no ano seguinte, 1883-1884. O autor dá conta do estado da ciência e apresenta alguns modos de ver novos, e até por vezes seus. Os mestres na ciência verão por certo quanto ele lhes deve. Ao público, para cuja leitura destina o livro, carece o autor, porém, de dizer que teve sempre à mão as principais obras sôbre os seguintes assuntos :

História da antiguidade oriental; — História da Índia; — História da literatura samscítica; — História religiosa da Índia; — Filologia indiana; — Jeografia da Índia; — Crítica védica; — Memórias sobre assuntos especiais da Índia; — Glotolojia árica; — Lexicografia árica;

Cujos autores são :

Albrecht Weber; — Anundoram; — Barth; — Benfey; — Bergaigne; — Bopp; — Böhlingk; — Burgess; — Burnell; — Burnouf (Eujénio); — Childers; — Colebrooke; — Cunningham; —

Curtius; — Darmesteter; — Delbrück; — Elliot;
— Estrabão; — Fergusson; — Fick; — Foucaux;
— Go'dstücker; — Grassmann; — C. de Harlez;
— Haug; — Heródoto; — Hodgson; — Hunter;
— John Muir; — F. Justi; — Lassen; — Ludwig;
— Max Müller; — Mc. Crindle; — Molesworth;
— Monier Williams; — Plínio; — Quinto Cúrcio;
— Rawlinson (G. e H.); — Regnier; — Roth;
— Sayce; — Sénart; — Spiegel; — Vivien de Saint-Martin;
— Whitney; — Wilson; — Zimmer.

Carece ainda de dizer que possui os principais textos samscríticos publicados na Europa, parte dos da «Bibliotheca Indica» e «Bombay Sanskrit Series»; os textos em páli publicados por Fausböll; alguns dos principais periódicos de sociedades cultoras dos estudos orientais.

Finalmente deve dizer que para êste volume em especial tirou subsídio das seguintes obras mais :

A. E. Gough « The Philosophy of the Upanishads and ancient Metaphysics », London, 1882. — A. De Gubernatis « Gli Scritti del Padre Marco Della Tomba », Firenze, 1878. — A. H. Sayce « Lectures upon the Assyrian Language and Syllabary », London, 1877. — Barthélemy Saint-Hilaire « Premier mémoire sur le Sânkhya ». — E. Grébaud « Hymne à Ammon Ra » Paris, 1874. — F. Lenormant « Histoire ancienne de l'Orient jusqu'aux guerres médiques », (vol. I), Paris, 1881. — H. Kiepert « Lehrbuch der Alten

Geographie », Berlin, 1878. — *H. Oldenberg* (trad. ingl. de W. Hoey), « *Buddhā: His Life, his Doctrine, his Order* », London, 1882. — *Joseph Edkins* « *Chinese Buddhism: A volume of Sketches, historical, descriptive, and critical* », London 1881. — *K. Penka* « *Origines Ariacae: Linguistisch-ethnologische Untersuchungen zur ältesten Geschichte der arischer Völker und Sprachen* », Wien, 1883. — *Lange* (trad. Pommerol) « *Histoire du Matérialisme* », Paris, 1877-79. — *Oscar Peschel* « *Völkerkunde* », Leipzig, 1876. — *Otto Schrader* « *Sprachvergleichung und Urgeschichte: Linguistisch-historische Beiträge zur Erforschung des indogermanischen Altertums* », Iena, 1883. — *Le Page Rénouf* « *Lectures on the Origin and Growth of Religion as illustrated by the Religion of ancient Egypt* », London 1880. — *Paul Pierret* « *Le Livre des Morts des anciens Egyptiens* », Paris, 1882. — *Paul Régnaud* « *Matériaux pour servir à l'Histoire de la Philosophie dans l'Inde* », Paris, 1876-78. — *P. Guéysson* et *E. Lefébvre* « *Le Papyrus funéraire de Soutimès.....* », Paris, 1877. — *Rājendralāla Mitra* « *Notices of Sanskrit MSS.* », vol. III. part II, n.º IX, Calcutta, 1875. — *Rhys Davids* « *Buddhism (non-Christian Religious syst.)* », London, 1878; « *Indian Buddhism (H. Lect.)* » London, 1881; « *Buddhist Birth Stories...* », London, 1880. — *Théodule Devéria* « *Catalogue des Manuscrits égyptiens... du Musée du Louvre* », Paris 1874. — *Victor Annessi* « *Job et l'Egypte...* », Paris, 1877. — *Zeller* (trad. Alleyne) « *A History of Greek Philosophy* », London, 1881.

Depois de haver enviado o manuscrito do presente volume à casa editora, o autor saiu de Lisboa aonde só regressou em outubro. Nesta cidade veio encontrar duas valiosas publicações, que haviam sido recebidas em sua casa, e que ele deve à jenerosa amizade com que o penhoram Monsenhor C. de Harlze, o distinto eranista e sinólogo, lente na Universidade de Lovaina, e o senhor R. N. Cust, o douto e estimadíssimo secretário honorário da Real Sociedade Asiática da Gran Bretanha e Irlanda. São as duas publicações : o n.º 3 do tomo III do « Muséon » revista internacional dirigida por Monsenhor C. de Harlez, e um folheto « On the Origin of the Indian Alphabet » escrito pelo senhor Roberto Cust.

O número do « Muséon » surpreendeu o autor dêste volume porque nele viu um artigo do senhor Geiger « A civilização dos Árias » i. e. Indo-Eránios, que é a demonstração cabal do que neste volume se lê acêrca da séde comum dos Árias asiáticos.

O sr. Geiger continua a sua preciosa investigação em o número de outubro recebido ha poucos dias.

E fôra de dúvida para quem escreve estas páginas que o senhor Geiger deixou demonstrado que os Árias asiáticos viveram em comum na rejião a oeste do Indo, do norte ao sul do Hinducôs; que o seu território alcançava desde o Sir-Dariá até os desertos do Beluchistão; que mais tarde os Erânios do Avesta se estenderam pelo Corassan até a Média, e que os Hindus, chegaram ao Panjab depois de atravessarem para léste os montes de Solaiman. Depois de assentar estas conclusões no tocante à área jeográfica, reforça-as o senhor Geiger demonstrando que o clima e os produtos da séde árica na Ásia, tanto quanto é possível deduzi-los das expressões comuns ao sâmscrito e ao zenda, são o mesmo clima e os mesmos produtos do Hinducôs.

O folheto do senhor Cust é um magnifico resumo do (*é hoje a fórmula*) estado da questão acêrca da origem do alfabeto indiano.

No Congresso dos Orientalistas, em Leide, em setembro de 1883, discutiu-se êste problema. Ficou todavia sem solução (1). O senhor

(1) A páj. 104-124 das « Actes du sixième Congrès international des Orientalistes, tenu en 1883, à Leide. Première partie: Compte-rendu des Séances. » Leide, 1884.

Cust historia e resume as opiniões e emite a sua. Os leitores estimariam por certo encontrar aqui o trabalho do senhor Cust trasladado a portuguezs; sentimos que não caiba os limites dum apêndice.

Na sessão anual que a 27 de junho de 1884 celebrou a *Société Asiatique*, o senhor Darmesteter comemorava o passamento de tres membros dêste corpo científico : *Lenormant*, *Defrémery*, *Sanguinetti*. Na sessão de 10 de Outubro, o senhor Barbier de Meynard, vice-presidente, communicava à Sociedade em nome do presidente o illustre Regnier já então muito doente, a morte de *Estanislau Guyard*, e pranteava o desastroso acontecimento do dia 16 de setembro que roubara a ele o seu discípulo, o seu amigo, e a nós todos o consócio estimadissimo, zeloso, cujo talento e cuja grande alma estiveram sempre ao serviço da nossa Sociedade, de Paris, e dos amigos e até simples conhecidos que tiveram a honra e a ventura de lhe apertar a mão.

Dez dias depois daquela última sessão, a 20 de outubro, finava-se *Adolfo Regnier* no palácio de Fontainebleau.

Comemora-os aqui, por obrigação de historiador e por dever de respeito e recordação pessoal, quem teve a fortuna de tratar com Lenormant e Guyard, e de sentir-se possuído de merecida veneração ao ver Regnier.

A ortografia dêste volume é a adoptada pelo sindicato da « Biblioteca » de que elle faz parte. Parecerá a muitos dos leitores extravagante por estranha. O sindicato espera ver em breve desaparecer a estranheza, porque os imparciaes hão de estimar que tivesse havido quem se abalançasse a realizar o *desideratum* de todos os que escrevem em lingua portugueza : banir a etimologia pedante, sem cair em contradições destituídas de senso, sem querer impor a ninguém pronúncia exclusiva e contrária ao provincialismo de cada um, e manter a ortografia dentro de limites rigorosamente históricos e científicos.

Nesta mesma « Biblioteca » terá o público, em breve, o « Vocabulário ortográfico » e no prefácio dessa obra verá as razões principais que levaram à reforma adoptada.

De nada mais portanto se adverte aqui o leitor no tocante a ortografia dos vocábulos portugueses. É mister, porém, ponderar que na representação de vocábulos de línguas orientais aportuguesados agora, ou sem fôrros ainda na língua portuguesa, obedecemos a sistema rigoroso mas desconhecido e que vamos submeter à crítica autorizada. Os vocábulos em sâmscrito vão transcritos em conformidade com o sistema já usado pelo autor no seu «Manual para o estudo do saõskrito classico», Lisboa, Imprensa Nacional, 1881.

Na transcrição científica usámos as *capitais menores* ou *versaletes*, e tanto para transcrever vocábulos samscríticos como gregos, latinos, ou de outra qualquer língua.

Para aportuguesar os nomes próprios, os étnicos e os títulos de obras, de povos estranhos, procedemos seguros e não ao sabor de predilecções particulares.

Até agora os vocábulos latinos eram trazidos para o idioma português, por mera alteração, nem sempre coerente, das suas desi-

nências, ou ainda de um ou outro símbolo usado nas *ortografias portuguezas*; e os vocabulos gregos eram, primeiramente latinizados e submetidos depois ao mesmo processo. Os vocabulos estranhos de outras línguas, mais especialmente orientais, com incontestáveis foros de civilidade entre nós, foram aportuguesados pelos nossos classicos e quási exclusivamente com a forma o ouvido lhes aconselhava. Outros, que modernamente entraram na *circulação* trazidos por gente indouta e sem critério, ou por modernos escritores (alguns contemporaneos). Apresentam-se estes (os únicos discutíveis; aquelles devemos baní-los sem discussão) com tantas máscaras quantas são aquelas com que, mais bem ou mais mal disfarçados, eles se encontram nos imensos bazares das literaturas franceza, inglesa, e ainda alemã (coada todavia quási sempre por capilos de aquém-Reno). É mercadoria aviada, cujo valor muitas vezes só podemos conhecer pela marca de fábrica. Ex.: *dsch* = logo proveniência alemã; *u* = *â*, logo proveniência inglesa; *ou* = *u*, logo proveniência franceza.

É necesario sustar a tempo tão extraordinária anarquia; nisto lidamos.

Com respeito aos nomes latinos e gregos romanizados, regulámo-nos em tudo e por tudo seguindo os preceitos assentados para a ortografia que adoptámos de todos os vocábulos portugueses. São ainda esses preceitos que nos guiaram na romanização dos demais nomes ou dições várias de outros idiomas. Tais vocábulos são sempre romanizados, tendo-se em consideração a fôrma que receberiam em latim e deduzindo-se desta a portuguesa.

Assim para os vocábulos do sâmscrito mantivemos os princípios de *transliteração* assentados a páginas 174-175 do nosso « Manual para o estudo do sânskrito classico ». Entendemos, porém, que devíamos ampliar esses princípios : julgámos conveniente *transliterar* a sibilante dental dura, quando entre duas vogais, no interior do vocábulo, por *c, ç*; fica por esta transliteração um símbolo simplez, com um som único em todo o país. Em harmonia com a nova ortografia conservámos os *hh* iniciais e os mediais que representam a própria aspiração, mas banimos os que representam aspiração de outra consoante.

A acentuação dos nomes samscriticos romanizados fica em conformidade com a pro-

sódia latina, e suas modificações evolutivas no português. Dêste modo, é a quantidade da última e sobretudo a da penúltima sílaba a que determina qual seja a sílaba tónica no vocabulo samscrito romanizado : *Quando a última sílaba é longa, em sâmscrito, o acento recai nela, e é marcado se o vocábulo termina em A(s), E(s), o(s), subentendido se termina em outra qualquer letra. — Quando a penúltima sílaba é longa, sendo breve a última, o acento recai naquela, e é subentendido se o vocábulo termina em A(s), E(s), o(s), marcado em qualquer outro caso. — Se o vocábulo tem as duas últimas sílabas breves, o seu resultante romanizado recebe o acento na antepenúltima, sendo em tal caso inalteravelmente indicada a acentuação na escrita.*

Sempre que soubemos de vocabulo já apor-
tuguesado pelos nossos cronistas da Ásia
empregámo-lo tal qual, ainda quando contra-
riasse algum dos preceitos expostos. É óbvia
a razão : essas palavras são já portuguesas
e é mesmo justo (e a tal nos obrigamos) que
muitos dos nomes (e será fácil acontecer com
os étnicos), agora usados com uma fôrma po-
nós deduzida segundo a doutrina exposta
tenham de, em publicações posteriores, rece-

ber outra fôrma divergente, se eles houverem já figurado em escritor portuguez com autoridade sôbre o assunto, investidos nessa fôrma para nós desconhecida ao presente.

Procedendo, como fica dito, o autor não quis tirar ao seu livro o carácter popular. Mas porque mira a que o seu livro seja popular em um só dos dois sentidos que bem definiu Sheldon Amos (*in Science of Law*, 5.^a ed. p. IX-X), carece da transcrição científica e da transliteração rigorosa.

Com efeito um livro ou o ensinamento oral é popular num de dois sentidos : Se o autor ou orador tem o intuito de cativar pelo estilo ameno e claro, em que expõe os resultados adquiridos pelo estudo a quem não pode fazê-lo sério e verdadeiro, e sabe de antemão que o leitor fecha o livro depois de lido, ou o ouvinte sai depois de ouvir a lição, com a curiosidade satisfeita e no cérebro com vagas noções e fogos fátuos sem luz que elucide nem calor que retempere ; — é *popular* se consegue o seu fim. Se o autor ou orador tem em vista doutrinar sem o enfado penoso e desa-

lentante da linguagem enredada de termos técnicos, sem estilo árido e pesado; e para isso desvenda as verdades científicas, aclara as concepções dos sábios, aos olhos de quem não é especialista; — é *popular* se consegue abrir a novos tirões campos e horizontes mais remotos cuja existência ignoravam e onde podem exercer a actividade do seu espírito.

O *desideratum* do autor dêste livro é que a sua obra seja popular neste último sentido.

Lisboa, 20 de novembro de 1884.

G. DE VASCONCELLOS ABREU.

ÍNDICE E SUMÁRIO DOS 22.

CAP. I. — Glótica e Étnica.

§ 1.º Integração política e raças turánicas :
N.º 1. Faculdade que o homem tem de alargar o seu *habitat*. — N.º 2. O centro de convergência primária. — N.º 3. Área da translocação étnica. — N.º 4. Primeiras tendências para integração política. Fixação de caracteres. — N.º 5. Estremança de raças. Primeiras unidades étnicas : Camita, Semita, Elamita ; o tipo negro-mongoloide. — N.º 6. Extensão jeográfica do tipo negro-mongoloide. Contacto com os povos constituídos em centro étnico na Europa a norte e léste do Danúbio. Fôrça constitutiva dos centros integrados. — N.º 7. As raças nómadas : Turánios ou raças turánicas, os Dácios da Índia. Páj. 1.

§ 2.º O princípio de classificação étnica :
N.º 1. A autoctonia dos povos. — N.º 2. O que é etnologia e como estuda os povos. — N.º 3. A base mais segura para a classificação étnica. O que é classificação glotolójica dos povos. —

N.º 4. Falta de documentos para esta classificação. Línguas mortas.— N.º 5. Línguas literárias na antiguidade, sua importância na classificação. De quais possuimos inscrições para documento. Páj. 10

§ 3.º A classificação das línguas e a classificação glotolóica dos povos : N.º 1. Os tres estádios de evolução glotolóica, ou melhor, os tres estados correspondentes às tres maneiras ou métodos de expressão frásica. Em que consiste cada um dêstes métodos. — N.º 2. Grau psicológico da compreensão de relatividade e subordinação, próprio a cada um deles. — N.º 3. Área ocupada pelas jentes de linguagem remática.—N.º 4. Área ocupada pelas jentes de linguagem aglutinativa. — N.º 5. Área ocupada pelas jentes de linguagem flexiva : família camítica, família semítica, família árica ou indo-céltica. — N.º 6. Os povos deanteiros da civilização. Páj. 15

§ 4.º Éxodo do centro de converjência primária pelos povos de línguas flexivas : N.º 1. Relação glotolóica das famílias camítica e semítica. — N.º 2. Foram dois os dialectos camíticos. Os quatro ramos principais da família semítica. — N.º 3. Relação glotolóica das

famílias camítica, semítica e árica. Antiguidade das civilizações dos povos destas famílias. — N.º 4. Os grupos da família árica ou indo-céltica; ramos em que se subdividem os grupos; quais os povos que pertencem a esses ramos. — N.º 5. Migrações dos Indo-Celtas na Europa e na Ásia; principais vias da translocação. — N.º 6. O centro da constituição étnica dos proto-Árias. Unidade do ramo árico asiático; lugar da sua constituição; caminho seguido até a separação. — N.º 7. Direcção em que se partiram os Erânios. Direcção em que se partiram os Árias-Hindus. O insulamento dos Hindus; a expansão dos Erânios. — N.º 8. O que deve entender-se por Árias-Hindus, Hindus, e Índios. Páj. 20

§5.º Caracteres antropológicos e áreas geográficas dos povos de linguagem flexiva, na antiguidade: N.º 1. Raça branca, raça caucásica, povos mediterrâneos. — N.º 2. Caracteres jerais antropológicos do tipo caucásico; emquanto a: índice cefálico, prognatismo, proeminência malar, cabelo, barba, olhos, nariz, beiços. — N.º 3. Diferenças físicas do tipo caucásico, e regiões em que se encontram: ao norte o tipo loiro, ao centro o tipo trigueiro;

ao sul o tipo baço ou de pele fula. — N.º 4. Variação dos limites jeográficos destas rejiões. Insuficiência do critério glotolójico. — N.º 5. Impossibilidade de se determinar *habitat* exclusivo e raça irreductível. Como se chegou a determinar o centro de converjência primordial das mais antigas civilizações ; irradiação destas. Páj. 30

§6.º Árias e Anárias : N.º 1. O Ejipto, a Mesopotámia e a Índia, desenvolveram a sua civilização em terreno de aluvião. — N.º 2. Condições orográficas da rejião entre o Indo e o Ganjes. — N.º 3. O terreno de aluvião ou planície do norte da Índia ; o Decão ou península indiana propriamente dita. Os Árias ou nobres ; os Anárias ou ignóbeis. O Ária-varta, morada dos Árias, ou Hindustão, país dos Hindus. — N.º 4. Relação jeolójica da Índia com o continente asiático. O teatro das invasões áricas na Índia, e das lutas dos Árias-Hindus com os indíjenas e entre eles próprios, é o receptáculo do transbordamento étnico dos planaltos do continente. — N.º 5. As portas da Índia na orla continental. — N.º 6. As populações primitivas da planície do norte da Índia : negritos, raças amarelas, proto-Drávidas. Como

os descreve e denomina o Ramáiana. Os Uralo-Altaicos, os Drávidas. Modificação do tipo árico. Páj. 37

CAP. II. — Períodos da Literatura Samscritica. —
Conservação e antiguidade desta Literatura.

§ 1.º Arcaísmo do sâmscrito e preponderância desta língua na literatura indiana : N.º 1. Entrada dos Árias no vale do Indo e no Saptasíndu ou Panjab; origem destes nomes jeográficos. — N.º 2. O deserto de Tar obriga os Árias-Hindus a seguirem o curso do Ganjes. As tribus independentes ou principados do Saptasíndu. — N.º 3. O Mádia-dexa, país central, e o Brahmárxi-dexa, país dos BráhmanesRíxis, dos Vates brahmánicos. Fronteiras limítrofes do Mádia-dexa; do Brahmárxi-dexa. O Cúru-cxetra. Os cabos de tribu das terras a noroeste. Os habitantes de Prachí ou Prasioi. — N.º 4. Quem eram. Como falam deles os livros brahmánicos. — N.º 5. Os dois centros principais de civilização árica na Índia. Os cabos de tribu e chefes de família nestes dois centros, em Hastinápura e em Aiodiá. — N.º 6. A cada um destes centros correspondeu um falar árico. Motivo da diferenciação dos dois dialectos áricos da Índia, e do

arcaísmo da redacção escrita. — N.º 7. A civilização do noroeste estende-se para oriente. Diferenciação crescente entre os dialectos vernáculos e o arcaico esotérico. Comêço da análise gramatical e da exejeese. — N.º 7. Existência de uma língua esotérica, árica, na Índia, ao tempo da invasão de Alexandre. Esta língua é o sámscrito, linguagem sagrada do Brahmárxi-dexa, mas não comum ao Mádia-dexa, guardada em misterioso segrêdo e fixada pelos Ríxis ou Vates brahmánicos. — N.º 9. Axoca, o Constantino da Índia, funda a primeira unidade política no Hindustão. Como êste facto determinou a fixação literária da língua de Mágada, o páli dialecto árico do oriente. O que quer dizer páli. — N.º 10. A literatura da Índia antiga é constituída por duas ordens de documentos literários — em sámscrito, em páli. O plano desta obra obedece a êste facto. Superioridade da literatura brahmánica. Páj. 44

§ 2.º A literatura samscrítica em geral: N.º 1. Define-se sámscrito. — N.º 2. Sámscrito védico e sámscrito clássico. No sámscrito védico ha dois dialectos: um arcaico, outro teológico; e êste com dois momentos de evolução glotológica,

o último dos quais é a transição para o sâmscrito clássico. — N.º 3. Períodos de evolução religiosa que os textos sâmscríticos abranjem. Carácter jeral da literatura sâmscrítica. — N.º 4. O que é Veda, e o que são Vedas. Autenticidade da invenção humana dos Vedas. Crença na origem sobrenatural dos Vedas. — N.º 5. A teoria da revelação, ou xrúti na Índia. Motivo do uso tardio da escrita. O que se entende por literatura xrúti e smríti. — N.º 6. Antiguidade e importância capital dos Vedas. — N.º 7. Carácter da literatura em sâmscrito clássico como expressão de pensamento e como forma de expressão. — N.º 8. Limite inceptivo da literatura sâmscrítica clássica e extensão desta. Redacção métrica. Carácter aforístico da prosa. — N.º 9. Géneros literários do sâmscrito clássico. — N.º 10. O género épico : iti-haças, cávias, puranas. — N.º 11. O género dramático. — N.º 13. O género didáctico e gnómico. — N.º 14. Importância histórica do apólogo indiano na literatura europeia desde a idade-média; e nas lendas de mártires e santos das Igrejas cristãs. — N.º 15. O estudo de gramática na Índia antiga. — N.º 16. Os códigos de leis hindus. — N.º 17. A filosofia dos Índios.

§ 3.º Psicologia do Índio : N.º 1. Amesqui-
nhamento do carácter moral do Hindu. Insufi-
ciência da explicação dêste facto pelo insula-
mento. — N.º 2. Fôrça de vida histórica da
China. — N.º 3. O Hindu é um mestiço, física
e moralmente. — N.º 4. A teoria da revelação
aniquilou a consciência individual e a cons-
ciência do passado histórico do Hindu. —
N.º 5. Nefasta influência do sacerdócio brah-
mánico. A teoria do bem e do mal. O brahma-
nismo é um feiticismo estulto, artificial a fa-
vor duma casta. — N.º 6. Esmagamento da
mentalidade do Índio. Páj. 70

§ 4.º Os manuscritos hindus : N.º 1. A exac-
tidão dos textos samscritos deve-se, porém,
à teoria da revelação. Origem da escrita na
Índia. Época provável da sua introdução e
emprego. — N.º 2. A superstição conservou
o rigor das composições samscriticas transmi-
tidas oralmente, e ainda hoje é a sua contra-
prova. Necessidade da redacção escrita. —
N.º 3. Os materiais da escrita. — N.º 4. Os
mais antigos manuscritos. Número de obras
conhecidas na literatura samscrita. Princi-
pais colecções de manuscritos. Páj. 76

CAP. III. — O descobrimento do sâmscrito e da literatura sâmscritica. — Suas consequências nos estudos históricos.

§ 1.º Notícia e primeiro conhecimento que houve da língua e literatura sâmscritica : N.º 1. Foram os Chins o primeiro povo que teve conhecimento da literatura e religião hindu. — N.º 2. Ainda mesmo depois da conquista da Índia a Grécia desconhece a literatura hindu. Estrabão que menciona o facto da embaixada indiana a Augusto, lastima não ter informação bastante para escrever com segurança e largamente acêrca da Índia. — N.º 3. Motivo desta ignorância na antiguidade grega e latina. — N.º 4. Como exploraram modernamente a Índia as nações europeas. — N.º 5. Os Árabes da côrte de Almançor foram os primeiros povos a occidente da Índia que estudaram a literatura sâmscritica. Por intermédio dos Árabes conhece a Europa a matemática hindu, e os próprios algarismos de que usamos. Albiruni traduz do sâmscrito para o árabe a filosofia de Sânquia e a do Ioga. — N.º 6. A época e a côrte de Ácbar. Versão do Mahá-Bárata e do Ramáiana encarregada a Al-Badauni, que dispense nove anos no trabalho para esse fim. — N.º 7. Tradução das Upanixadas por Dará, bisneto de Ácbar.

Páj. 81

§ 2.º Os precursores do estudo da língua e literatura samscrítica na Europa : N.º 1. Foram missionários e principalmente Gemignano da Sant' Ottavio, Marco Della Tomba, Hanxleden, Pons, Cœurdoux. Atribui-se a Filipe Sassetti a tradução de um dicionário de medecina. Portugueses, que estiveram na cõrte de Ácbar. — N.º 2. Trabalhos de Gemignano e de Hanxleden. Frei Paulino de S. Bartolomeu. — N.º 3. Trabalhos de Marco Della Tomba. — — N.º 4. O padre Pons. — N.º 5. O padre Cœurdoux. Páj. 88

§ 3.º Como se firmaram os estudos de samscrito clássico : N.º 1. A Inglaterra assegura para a ciência o valor da literatura samscrítica. Warren Hastings, Halhed e o « Code of Gentoo Law ». — N.º 2. Wilkins traduz, em 1785, a Bagavadguitá, que foi a primeira tradução directa do samscrito conhecida na Europa. Traduz também o Hitopadexa. William Jones traduz, o Xacúntalam obra-prima de Calidaça. — N.º 3. Admiração e entusiasmo na Europa, em 1789, produzido por esta peça de teatro — N.º 4. Errado critério, cuja última expressão desculpável é a « Biblia da Humanidade » de Michelet. — N.º 5. Fundação da Sociedade de Calcutá, em

1784, por W. Jones. — N.º 6. Os continuadores de W. Jones: Colebrooke e Wilson. Os grandes trabalhos dêstes dois samscritólogos. — N.º 7. Desconhecimento do valor histórico dos Vedas. — N.º 8. Os estudos de samscrito na Europa começam em Paris, pelo ensino feito por Hamilton, prisioneiro de guerra da França. Os seus discípulos: Chézy, os dois Schlegel, Fauriel, Langlès. — N.º 9. Vidência de Frederico de Schlegel. — N.º 10. Luis XVIII cria a primeira cadeira de samscrito na Europa. É nomeado Chézy, em 1814. As cadeiras de Berlim e Bonn, criadas em 1818 a conselho do barão Stein von Altenstein e G. de Humboldt. Criações semelhantes em quasi toda a Europa e nos Estados Unidos. O Duque de Ávila e de Bolama cria em 1877 a cadeira de samscrito no Curso Superior de Letras. Páj. 90

§ 4.º Os criadores dos estudos védicos: N.º 1 O Português Pedro da Silva, médico do rajá de Jaipur, entrega ao coronel Polier a primeira cópia autêntica dos Vedas. A coleção de manuscritos de Robert Chambers. — N.º 2. Engano de Voltaire. Ellis mostra a fraude do (?) jesuíta Robertus de Nobilibus. — N.º 3. Os sábios Colebrooke, Rosen, Roth

e Benfey asseguram o estudo dos Vedas. Os vedistas alemães Weber, Aufrecht e Max Müller, o americano Whitney. Os vedistas franceses da escola do grande Burnouf: Regnier. As primeiras edições do texto do Rigveda. — N.º 4. Os vedistas modernos. — N.º 5. A tradução de Langlois. Páj. 9

§ 5.º Os fundadores da teoria da unidade árica. — Principais trabalhos históricos e filológicos posteriores : N.º 1. Os trabalhos de Anquetil Duperron dão à sagacidade de Rask elementos para assentamento da autenticidade dos livros avésticos e da língua zenda. — N.º 2. João Cristóvão Adelung determina a passagem dos antigos processos da glotolójia para os modernos, criados pelas investigações de Rask, Bopp, Burnouf (Eujénio), Grimm (Jacob). Burnouf assenta a interpretação metódica do Avesta, com o célebre « Comentário ao lácena ». Bopp estabelece positivamente a unidade glotolójica árica, escrevendo a sua admirável e immortal obra « Gramática comparada do sámscrito, zenda, arménio, grego, latim, litávico, gótico e alemão ». — N.º 3. Põe-se o problema da séde orijinária, corolário da unidade glotolójica. As opiniões de F. de Schlegel, Link, Rhode, G. de Schlegel. O lema

« Ex Oriente lux » e a teoria de Pott e Grimm « as emigrações áricas seguiram o curso aparente do sol ». A « Paleontologia linguística » de Pictet dá força às teorias aceitas e estabelece a unidade social, e psíquica dos indo-europeus. Schleicher tenta a reconstituição da linguagem proto-árica. Fick escreve o « Tesouro » do proto-árico e das línguas que se ramificaram dèste tronco. — N.º 4. Estado da resolução do problema em 1877. Poesche em 1878 introduz os dados antropológicos. Em 1883, Carlos Penka, e independentemente dele Otto Schrader, confirmam em parte a ideia de que a séde originária dos Árias foi na Europa. Poesche quer encontrá-la nas terras dos marneis de Rokitno, Schrader nas planícies do nordeste da Europa próximo do Báltico, Penka na Escandinávia. — N.º 5. A mitologia e a história comparada das religiões, estudo fundado por Kuhn. A jurisprudência comparada. — N.º 6. Os materiais acumulados no tocante à antiguidade indiana. A obra colossal de Lassen.

Páj. 102

§ 6.º Interêsse do estudo do sâmscrito :
N.º 1. O descobrimento do sâmscrito é, na opinião de Hegel, grande e memorando como foi o do Novo Mundo. — N.º 2. O sâmscrito

e a política europea. — N.º 3. Valor do sâmscrito clássico exclusivamente. — N.º 4. Valor do sâmscrito védico exclusivamente. — N.º 5. Importância e resultados práticos do estudo do sâmscrito. Páj. 11

CAP. IV. — A literatura búdica e o Budismo. — Conjecturas sôbre analogias entre o Budismo e filosofia grega.

§ 1.º A literatura búdica em jeral : Seus cultores : N.º 1. Textos mais conhecidos sâmscritos da fase religiosa búdica. A collecção canónica em pâli, Tripítaca ou Triplo Panário. — N.º 2. Budistas do norte, budistas do sul. — N.º 3. Os tres Panários ou cânones do sul. Antiguidade e língua orijinária dêstes textos e do Lálita-Vístara. — N.º 4. Os Játacas búdicos representados em baixos relevos do III séc.º a. da n. era. O que são Játacas e Apadanas. Interêsse jeral da literatura búdica (Em nota : Os cultores do Budismo). Páj. 113

§ 2.º Identidade de orijem no Budismo e na doutrina pitagórica : N.º 1. BUDDHA é um KHRISTÓS, um Salvador. Analogia dos seus discípulos com os apóstolos São João, São Pedro e São Paulo. N.º 2. Orijem do Budismo (Em nota : define-se religião). — N.º 3. Orijem do

filosofia hindu. Oposição entre as obras e a meditação. — N.º 4. Os mantras e o átman. As obras são a causa da dor. — N.º 5. O carácter retraído dos Bráhmanes deixa livre a especulação filosófica da classe guerreira. — N.º 6. O que é átman. O Ser Universal, ininteligente, inconsciente, impassível. O nirvana. — N.º 7. Os revolucionários hindus eram apenas uns místicos. — N.º 8. A filosofia sânquia : a impassibilidade absoluta é o sumo saber. Hindus e Estoicos. — N.º 9. A ciência, que os Hindus não possuíram, salvou os Gregos do misticismo. — N.º 10. Os princípios da Escola de Pitágoras. A alma segundo os pitagóricos e a filosofia sânquia. — N.º 11. O duándua, a diáde. Metempsicose. Transmigração. A idea de immortalidade da alma. — N.º 12. O estado de quéda. As sucesivas renascenças. Platão. — N.º 13. A teoria da metempsicose tem origem na India. Os nomes BUDDHA e PYTHAGORAS. Páj. 121

§ 3.º Influência das ideas orientais na Grécia e diferença entre a teoria pitagórica de metempsicose e a egípcia de transformações. Os povos commerciantes: N.º 1. Influência de ideas eránicas em Platão. A visão do Juízo Final. — N.º 2. Os Eránios na civilização grega.

Troia e os Troianos. — N.º 3. Os Fenícios conheceram a doutrina da metempsicose; mas não a conheceram pelos Ejípcios. A teoria ejípcia não é de metempsicose necessária, é de transformações voluntárias. — N.º 4. A ressurreição ejípcia. Tres modos de a considerar. — N.º 5. Concepções simétricas nem sempre teem a mesma origem. — N.º 6. Erro da designação: metempsicose ejípcia. — N.º 7. Os elementos étnicos acumulados na Ásia Menor antes do VI século precedente à nossa era explicam a possibilidade de haverem chegado à Grécia ideas hindus. Os inícios da filosofia grega são devidos principalmente aos Jónios em relações com o oriente árico. — N.º 8. A aurora do pensar científico na Grécia coincide com o movimento religioso prebúdico na Índia. Os povos errantes entre a Índia e a Ásia Menor e ilhas do Mar Egeu. Páj. 144

NOTAS.

I. — Sobre os cinco modos de se recitarem os Vedas. Páj. 161

II. — Indicações bibliográficas acêrca da Lenda dos Santos Barlaam e Josafat. Páj. 166

III. — Sobre o interêsse do estudo do sâmscrito. » 171

A LITERATURA E A RELIJIÃO

DOS ÁRIAS NA ÍNDIA.

PARTE PRIMEIRA

Logar da Literatura árica da Índia na história da civilização do mundo e sua influência no critério sociológico moderno.

CAPÍTULO PRIMEIRO

GLÓTICA E ÉTNICA

§ 1.º

Integração política e raças turánicas.

1. — O jénero humano tem logar preeminente em a natureza orgánica. Com seres semoventes, outros apenas transportáveis, e outros inteiramente fixos, a natureza orgánica constitui à superfície do globo, que habitamos, a riqueza variadíssima do solo e clima, — em jeral dêstes dois factores absolutamente dependente. Só o

homem, móbil como é por excelência, tem a faculdade, quási ilimitada, de ir deliberadamente de um lugar para outro na terra e de se aclimatizar, mais ou menos vitoriosamente, às diferenças de solo, atmosfera e alimentação.

Por motivo desta admirável faculdade, o homem não permaneceu nunca em zona circunscrita como os outros seres organizados; antes alargou sempre a área do seu *habitat*, já pela necessidade resultante da sua reprodução, já pela necessidade imperiosa da sua inquieta actividade.

Do alargamento resultou maior variedade na cooperação e maior sôma de fôrças para a civilização quando aquela se realizou. Os povos em contacto uns com os outros foram conhecendo melhor os seus mútuos dons e aptidões naturais, e os seus mútuos interêsses, depois de à porfia cada povo só cuidar em satisfazer os próprios.

2. — Não é dado ao historiador dizer como se constituíram primitivamente os povos. É certo, porém, que quanto mais profundamente penetramos por todos os meios científicos no passado da Ásia Anterior e da Central, mais adqui-

rimos a confirmação de que antes da existência de qualquer civilização de que possuímos documentos históricos, se encontraram ali jentes diversas, necessariamente vindas, pelo menos na maior parte, de logares inteiramente separados. A linguagem dessas jentes seria mais um estádio em todas idéntico, do que uma língua definida ou línguas afins, sem que de tal facto se possa deduzir unidade glótica e muito menos ainda étnica. Encontrar-se-iam ali todas essas jentes num momento primário de civilização, e por consequência de desenvolvimento intelectual, antes de haverem manifestado as necessidades próprias de um corpo social caracterizado, antes de haverem revelado o modo calculado e inteligente de as satisfazer.

Hordas errantes, que viviam quasi exclusivamente da caça, percorriam vastas extensões de terra; e essa necessidade absoluta era o motivo imperioso que lhes determinava a translocação étnica na área jeográfica das melhores estepes, dos mares interiores, dos maiores planaltos, dos rios magníficos por excelência da Eurásia.

3. — Esta área abranje desde o Danúbio, pelo menos, até o Indo; desde o Mar Báltico e de

Aral até o Golfo Pérsico. Fica dentro dela compreendida a região montanhosa da Ásia Central e a das terras de fácil passagem, e para assim dizermos de um só continente, entre a Ásia e a Europa. Está nessa área a terra natal do cavalo, do onagro, do boi e do búfalo, do carneiro e do hirco; a terra onde em tempos pre-históricos, o cavalo serviu de alimento ao homem, assim na Europa; onde são espontâneos os cereais, e crescem sem cultivo a figueira, a oliveira, a cepa, o cânhamo e o linho, o limoeiro e a laranjeira, assim na Ásia Central; onde as roseiras e outras plantas de jardim teem a sua primeira pátria, assim na antiga Pérsia.

Do Óxus e Indo, desde as suas origens, e pelo Hinducô e Parapaniso até os montes donde desce o Eufrates e o Tigris, a região era fertilíssima e temperada até o Golfo Pérsico; e verdadeiro paraíso entre as terras adustas dos trópicos e as frías a que limita o Mar Negro. Nas estepes ainda hoje galopam em greis numerosas as antílopes, e nalguns logares, em estações próprias as pastagens crescem até altura de homem.

4. — O convívio e o conflito foram modificando os instintos comuns e as comuns tendências que

são o património de todos os homens. Uma parte daquela jente chegou primeiro a elevar-se de instintos a processos, de tendências a usos; e tendo-os, determinados, fixos, formou uma sociedade mais unida, e estabeleceu-se de modo já sedentário.

Onde a heterojeneidade étnica existe, só aptidões definidas podem impelir uma parcela da aglomeração de jente diversa em direcção proseguida para a evolução social dum povo. As aptidões manifestaram-se primeiro no Senaar, no Elám, na Baixa Caldea. A proximidade do Eufrates e Tigris, quasi paralelos, à distância entre ambos de um dia de marcha no percurso de perto de 80 léguas, em uma planície de facilima rega por meio de enjenhos rudimentares, como o *xaduf* egípcio, a *cegonha* de algumas das nossas provincias, transformou o pastor em agricultor. A proximidade do Golfo Pérsico transformou o pescador em marítimo, cuja missão foi levar em correntes benéficas a outras rejiões os elementos de civilização e tomar por pátria o mundo conhecido.

5. — Asseguradas por esta fórma as aquisições sociais; convertidas algumas hordas em tribus

sob rejimen comum, começou a preponderar o que podemos chamar diferenças étnicas, — ao princípio verdadeiras diferenças unicamente pela falta de nexos social nas hordas que percorriam a área jeográfica desde o Pamir até os montes Urales e do Altai, depois verdadeira estremança de raças pela união da maior sôma de condições homojéneas.

Na Baixa Caldea constituíram-se provavelmente dois centros predominantes *Camita*, *Semita*. A gente camita passou depois o istmo de Suez e invadiu as terras de aluvião do Nilo. Pelo que hoje podemos saber, os tipos étnicos dos *Camitas* e *Semitas* eram diferentes. Os *Elamitas* emigrados dos brejos do Golfo Pérsico, e refugiados a oriente em Dilvun ou Dilmun, e a occidente no pequeno arquipélago, em Arad, em Sur ou Tilo (1), onde levantaram santuários, eram ainda

(1) Os Fenícios não se esqueceram nunca de que tinham vindo do golfo Pérsico. As cidades do Mediterrâneo com os nomes de ARVAD (*Arados*, a actual *Ruad*) e ÇOR ou ÇUR (*Tyros*, *Tiro*) são testemunho do facto. A fôrma *Tyros* veio aos Gregos da aramaica *Tur* por intermédio de dialecto estranho aos Arameus. No antigo latim encontra-se *Sarra*, fôrma derivada directamente do falar púnico da Sicília ou da África. A Vulgata diz *Sur*.

de outro tipo, o *negro-mongoloide*, a que alguns etnólogos chamam *raça cuxita*. Os caracteres físicos da grande massa da população assírica, de cujos indivíduos conhecemos a figura e as feições pelos baixos relevos dos monumentos de Cor-sabad, Nemrud e Cuiunjique, são de *tipo inter-médio* entre os Semitas e os povos que mais tarde a história conheceu pelo nome de *Erânios*.

6.—O tipo negro-mongoloide ou cuxita encontra-se, no Malabar e em Madrasta, nos pescadores e povos montanheses, e ainda ao sul e oeste da Austrália nas tribus que usam do *bumerango*, a arma de arremêso dos serranos de Madrasta, semelhante ao *trombás* da Abissínia, e à arma de que usavam certas jentes em contacto com os antigos Ejípcios. Eram da mesma raça dos Elamitas os Medos anárquicos (não Árias) que entraram como elemento preponderante nas civilizações dos dois ramos áricos da Ásia Central. Habitavam eles Atropatena e foram, ainda mesmo depois de vencidos, o elemento principal, se não o corpo todo, da casta sacerdotal dos *Magos*. O culto do fogo, exconjuros e práticas mágicas que só tem iguais na Caldea, as doutrinas relativas ao poder curativo e rejuvenescente

das águas e à bebida do *não-morrer* (*Sóma* dos Bráhmaes, *Haoma* dos Zoroastreus), são de ensinamento dado por Anárias aos *proto-Árias*, que não só aos Eránios e Árias da Índia, pois é crença indo-céltica darem as águas e as plantas a saúde e o não-morrer.

Só os Hindus e os Eránios, porém, conservaram este ensinamento em grau preponderante na sua civilização. Os povos que irradiaram do centro proto-árico pela Europa não tiveram tão íntimo contacto com os das regiões onde foi depois Atropatena; viveram noutras partes mais afastadas e estas só podiam ser na Europa para norte e leste do Danúbio.

Por todos estes motivos que ficam ponderados vemos que os centros de evolução social dos Camitas, dos Semitas e dos Árias, se constituíram em virtude de homogeneidade preponderante em meio étnico misto: aceitando mais, Semitas e Árias asiáticos principalmente, de gente diversa da que assegurou aquelas evoluções, ideias e práticas, fundamentais no desenvolvimento orgânico posterior das respectivas civilizações.

7. — Os indivíduos que ficaram fóra destes centros não chegaram à integração política. A

heterojeneidade étnica repeliu-os por antipatia, e o lugar geográfico, onde as seus hábitos nómadas não encontravam obstáculos, estorvou por disseminação que se aproximassem; de modo que eles jamais conheceram as vantagens da cooperação social e a necessidade da obediência para a vida cooperativa.

Errantes, em hordas sem nexos social, espalharam-se desde o extremo norte do Altai até para aquém dos montes do Ural; inquietaram os povos sedentários do Eran que os denominaram *Turas*, os *rápidos* cavaleiros; vieram como *Citas* à Europa, e na idade-média assentaram domínio nas ruínas da antiga civilização da Ásia Menor e sul da Europa Oriental.

Os Citas, porém, que vieram à Europa, eram sobretudo Árias do ramo erânico que habitaram até tarde as regiões ocidentais do Cáspio.

A essa aglomeração de raças diversas, sem centro fixo de integração política, repelida principalmente para a Ásia do norte e pelas civilizações da Ásia Anterior e Central, damos o nome de *família turânica* ou *raças turânicas* ou *Turânios*, e também o nome de *família uralo-altaica*, ou *raças uralo-altaicas*.

Foi jente das raças uralo-altaicas, que levou à Índia a civilização que os Árias ali encontraram e a que de certo modo se amoldaram.

Os *Dácius*, inimigos, que os *Árias-Hindus* tiveram de vencer, e então apelidaram *Daças*, escravos, mas por cujo número foram, se não absorvidos, profundamente modificados após alguns séculos de cruzamento físico e câmbio de ideas, eram povos de raça mista (e não simplesmente mestiça), formada ao norte da península indiana por jente de raça de *negritos*, raça *amarela* e raças *uralo-altaicas*.

§ 2.º

O principio de classificação étnica.

1. — As aglomerações, que primeiro se constituíram sedentariamente e de modo definitivo, nas terras de aluvião da Mesopotâmia e do Nilo, se não eram, em ambas as partes, promiscuidades étnicas, de elementos mais ou menos determináveis, fixadas pela coesão de indispensável sôma de caracteres homojêneos, eram de certo jente estranha ao logar em que se formaram.

A antiguidade não considerava por êste modo os povos. Considerava-os autóctonos. A cooperação disciplinada, a permanência num certo *habitat*, a identificação do homem com o clima são condições fundamentais da estabilidade dum povo. A suposta autoctonia significa apenas que era já antiga e immemorial a estabilidade dos povos que se julgavam autóctonos.

2. — Sem nos importarmos com a distribuição jeográfica, variável com o tempo e revoluções sociais, estudamos hoje o jénero humano atendendo às mútuas semelhanças e distinções específicas dos seus indivíduos. A ciência que assim estuda os povos é a *etnologia*. Estuda primeiro os seus caracteres físicos e mentais, depois agrupa por analogias, e mais ou menos extensamente, os povos, e finalmente constitui *unidades étnicas* ou *designativas da origem*, às quais dá o nome de *famílias de jentes*, sob o ponto de vista dos factos mentais, e o nome de *raças*, sob o ponto de vista da conformação física.

3. — Sob o ponto de vista dos factos mentais a etnologia estuda principalmente os factos glotológicos ou lingüísticos, os mitológicos, os religiosos e os de interdependência social. Êste mo-

do de investigação dá o critério mais seguro que temos para apreciarmos a relação próxima ou remota e mesmo a distinção radical dos povos, sem contudo decidir a questão física; é a base *mais sólida* de classificação étnica, e a classificação que sôbre ela assenta, verdadeiramente satisfatória, porque se harmoniza com a importância histórica dos povos.

Esta classificação é denominada a *classificação glotológica* ou *classificação lingüística*; e pela denominação de *lingüística* ou *glotológica* compreende-se tudo o que é facto mental conhecido pela linguagem normal.

Todavia devemos notar desde já, que nem sempre as *famílias étnicas* ou *de jentes* são *raça* da origem designada pelo epíteto da família. Assim a *família latina* não é *raça latina*, nem existe *raça latina*.

4. — Para o critério lingüístico ser completo faltam-nos muitos documentos. Perderam-se inteiramente alguns, e restam-nos fragmentos exíguos de outros. Em compensação vamos surpreender as nações mortas nas suas mais notáveis manifestações de carácter étnico, podemos alargar com vantagem a área das nossas pesquisas para

além do campo das línguas vivas, e estudamos por consequência os precedentes — condição indispensável em história — do desenvolvimento actual das nações do nosso tempo.

As nações mortas falaram línguas que ou ainda vivem modificadas no seu organismo, ou se extinguiram sem evolução que chegasse até os nossos dias. Estas línguas são, umas e outras, denominadas jeralmente línguas mortas. Línguas mortas, porém, são propriamente aquelas que desapareceram porque não tiveram evolução continuadora. Aconteceu isto no Egipto ao cóptico, extinto ha dois séculos, aconteceu na Europa ao gótico no século nono, e modernamente vai acontecendo ao gascão, ao vasconço, e succedeu, embora na Irlanda se levante a reacção avigorante por ódio contra a Inglaterra, ao irlandês.

5. — Com relação às nações da antiguidade devemos portanto procurar os factos nos documentos escritos. Teem importância capital as línguas literárias. Para nós Europeus são as, por excelência, línguas clássicas — *grego e latim* — importantissimas. Mas, se ficássemos aqui na investigação étnica, teríamos o ponto de vista falso e até quasi exclusivo que a mesma antiguidade clássica teve

quando considerou autóctonos os vários povos. Nós somos os continuadores directos da civilização greco-romana; mas para conhecermos esta civilização é forçoso que conheçamos os seus antecedentes, tanto quanto é dado ao homem conhecer antecedentes. Possuímos documentos literários, em número e importância notabilíssimos, que nos esclarecem esse passado.

Além das duas línguas clássicas por excelência, são línguas propriamente literárias da antiguidade: as duas conjéneres daquelas — na Índia, o *sámscrito*, e no Eran setentrional, o *xenda* — e mais pertencentes a outras famílias o *hebraico*, o *siriaco*, o *etiópico*, na família semítica, e o *ejípcio* (*cóptico*, na sua última fôrma) na família camítica.

São línguas literárias conhecidas por inscrições: em caracteres hieroglíficos, e quási exclusivamente por inscrições, o *antigo ejípcio*; em caracteres cuneiformes de valor vário, o *assiro-babilónico*, o *susiano*, e o *antigo persa*; em caracteres himiaríticos ou sabeus, o *árabe do sul*; em caracteres gregos, na Ásia Menor o *lício* e o *frígio*, na Itália (com modo gráfico a que podemos já chamar latino), o *osco*, o *umbro* e o *etrusco*.

Temos ainda documentos relativos ao celta, ao escando, e outros que não mencionamos : ou por insuficientes, ou por não respeitarem a povos que tivessem tido preponderância histórica nas civilizações do mundo antigo, e de cuja mútua influência resultou a moderna civilização europea.

§ 3.º

A classificação das línguas e a classificação glotológica dos povos.

1. — A classificação natural das línguas assenta no facto de a linguagem se haver desenvolvido sucessivamente em *tres estádios*, ou, mais rigorosamente, no facto positivo, demonstrado, de a linguagem se haver fixado em *tres estados* a que podemos chamar *sucessivos*.

Estes estados diferem pela maneira de se expressar a relação das ideas que a linguagem deve dar a conhecer. São pois tres as maneiras de expressão : a) O *método exclusivamente sintáctico* nas línguas propriamente sem morfologia; constituem estes idiomas a *classe das línguas*

remáticas (algumas monossilábicas); porque o seu estado é *remático*, RHÊMA, RHÊMATOS « palavra ». No estado glotológico remático o vocábulo, invariável, não expressa relatividade de categoria grammatical, e no discurso tem o valor dado pela posição sintáctica. b) O *método aglutinativo* em línguas cuja morfologia consiste na reunião, e até união mais ou menos íntima de raízes, uma só das quais tem o seu valor real e conserva a significação característica na palavra, e as outras são determinantes (sufixos, prefixos, inserções ou infixos) do modo de ser ou acção da raiz fundamental, como verdadeiros expoentes da relação e função do vocábulo na frase. c) O *método inflexivo* ou *de flexão* em línguas cuja morfologia se faz por modificações internas e externas de uma só base correspondentes às modificações de relação da parte fundamental com as outras palavras no discurso. As palavras formadas pelo método inflexivo são verdadeiras unidades, indivisíveis sem perda de significação própria do vocábulo quando simples; e cada uma destas unidades tem, por si só, determinada a sua categoria grammatical.

2. — O primeiro estado é próprio de desen-

volvimento intellectual curto; e parece corresponder, nos povos, à mentalidade da criança, que está ainda incapaz de aprender vocábulos e só repete frases cujos membros não distingue.

O segundo estado é a expressão *objectiva directa* da coisa significada e da sua relação na frase; tem o cunho da distinção do vocábulo e da compreensão da relatividade e subordinação.

O terceiro estado é peculiar de notável abstracção, e de mentalidade já potente, capaz de conceitos que se traduzem na fôrma *subjectiva* e na significação *indirecta* das relações gramaticais.

3. — *As jentes de linguaagem remática* estão espalhadas em enorme área da *Ásia transganjética* e nos vales himalaicos das bandas orientais. Teem na lingua antiga chinesa o tipo característico do seu estado glotolójico. Constituem a maior parte das raças chamadas *amarela* e *mestiça negro-amarela* que foi a base notável da população da Índia pre-árica.

4. — *As jentes de linguaagem aglutinativa* são várias também, e a sua área jeográfica é no mundo inteiro. Existem na *Ásia*, na *África*, na *Austrália*, na *América*, e até na *Europa* (Bascos ou Vascon-

sos, *Euscaras* ou *Escuaras*, e os *uralo-altaicos* (*Fineses, Lapões, Turcos, Húngaros* ou *Majiares*). No continente asiático importa para o nosso estudo que notemos os *uralo-altaicos da Ásia Central* e os *Drávidas* habitantes da parte da Índia propriamente peninsular, mestiços de cruzamento de *uralo-altaicos* e *negro-amarelos indianos*.

As línguas aglutinativas do continente americano dá-se o nome de *holofrásticas* (ou *incorporativas*) e *polisintéticas*, porque reúnem mais ou menos assinaladamente num só vocabulo uma frase toda, incorporando nomes e verbo.

5. — *As jentes de linguas conhecidas inflexivas ou de flexão* constituem tres grandes famílias; e são essas:

a) *Familia de lingua camítica, hamítica ou ejípcio-berbere*, na costa do norte da *África* e regiões do *Médio e Baixo Nilo*. O centro principal foi o *Egipto*.

b) *Familia de lingua semítica ou siro-arábica*, na *Assíria* e *Babilónia*, na *Aramea* ou *Síria*, em *Canaan* (língua dos *Fenicios, Israelitas, Amonitas, Moabitas, Edomitas*), na *Arábia* e nos pontos aonde levaram a sua linguagem os *Ára-*

hes que, saídos daquela península, se dilataram fóra da pátria.

c) *Família de lingua jafética, árica, indo-europea, indo-jermánica, e melhor indo-céltica.* É a mais moderna na história; todavia depara-se-nos aí já com tres zonas jeográficamente distintas e com aptidões notabilíssimas, no mundo antigo.

6. — *A classe étnica das jentes de linguas flexivas* é aquela a que principalmente se deve a civilização do globo. Os povos que nela entram chegaram a desenvolvimento mais completo do pensamento, pela palavra e pela escrita, e puderam por consecuéncia melhor do que os outros povos fazer progredir a civilização. É natural que a sua integração política se constituísse com elementos de sociabilidade elamita, já antes criados por jente de raças diferentes; mas, não só pelas aptidões e alargamento glotológico, como porque são os povos de linguas flexivas aqueles de quem possuímos documentos autênticos de maior antiguidade, são eles os povos verdadeiramente *deanteiros* da civilização.

§ 4.º

Éxodo do centro de converjência primária pelos povos de línguas flexivas.

1. — O critério lingüístico é o critério seguro que nos diz, que os dois focos de civilização tão remotos, no vale inferior do Nilo e na Mesopotâmia, teem estreitas ligações, se não até origem comum. Os egiptólogos dizem-nos que a língua antiga dos *Rotus* (nas inscrições hieroglíficas: os povos invasores e dominadores do vale inferior do Nilo) pertence ao mesmo tronco de que se ramificaram as línguas semíticas; e que fixada em tempos remotíssimos e independentemente de fixação das línguas siro-arábicas ou semíticas não poudé chegar ao desenvolvimento a que estas chegaram. Seguindo a autoridade de Bunsen, diremos que a linguagem camítica foi o mais antigo sedimento em tempos primordiais de língua ainda imperfeita, levado com a emigração da Ásia para o Ocidente, por parte de um

povo cujos irmãos ficaram na Ásia Anterior e aí desenvolveram posteriormente essa mesma língua.

2. — O sedimento glotológico levado pelos Rotus cindiu-se em dialecto do norte e dialecto do sul. A língua dos povos de que eles se separaram e que permaneceram na Ásia cindiu-se em quatro ramos principais, tres ao norte e um ao sul.

São estes ramos: — Ao norte:

a) A língua semítica dos *Arameus*, a quem os Gregos denominaram *Sírios* (de *Stria*, *Sur*, *Tiro*), já conhecidos, no seculo XI antes de Cr., nas inscrições assíricas pelo nome de *Aramu*, *Arimu*, a quem a Bíblia se refere como filhos de *Arão* e cujas cidades descreve em diferentes livros.

b) A língua semítica dos habitantes de *Canaan* nomeadamente o povo da costa *PHOINÍKĒ* (isto é « terra das tâmaras », se neste nome *PHOINÍKĒ*, dado pelos Gregos, o tempo não confundiu um derivado de *PHOÍNIX* « palmeira, tamareira » com o modo de enunciar, *FENEKHU*, a designação usada já no reinado de *Tutmósis III*, 1600-1550 antes da nossa era, e por consequência anteriormente às

relações de Ejípcios e Gregos), o *povo fenício*, e as *tribus hebraicas*, os *Israelitas* e as mais próximas parentas *Amonitas*, *Moabitas*, *Edomitas*.

c) A língua semítica dos povos civilizados das terras do *Eufrates* e *Tigris*, aos quais se referem, *únicamente como suas colónias*, outros povos da Ásia Menor, na *Cilícia*, na *Lídia* e na *Capadócia*.

Finalmente : — Ao sul :

d) A língua semítica dos *Árabes* não só da península asiática, mas dos apelidados na antiguidade, por confusão, *Ettopes*, e domiciliados nas terras altas da Abissínia, para onde subiram depois de em tempos pre-cristãos haverem atravessado o Mar Vermelho, partindo do Iémen e do Hadramaut.

3. — A análise glotológica não poudé ainda chegar a demonstrar a unidade comum primordial das famílias camítica, semítica e árica. Alguns investigadores pendem para tal hipótese, outros contestam-na com todo o vigor.

Os Árias viveram ainda vida errante muito tempo depois de Semitas e Camitas haverem chegado à integração política. Em quanto na região do Eufrates e Tigris, e na bacia do baixo Nilo

a civilização é já notabilíssima em desenvolvimento intelectual e social, mais de 4000 anos antes de Cristo; os Árias só a partir dos fins do terceiro milénio, ou princípios do segundo, começam a tomar posse sucessivamente das áreas geográficas que finalmente veem a ocupar, e em que desenvolvem a sua vida independente.

4. — Relativamente a estas rejiões são tres os grupos da família árica ou indo-céltica; e a sua enumeração é a seguinte, a partir do sul para o norte e do oriente para o poente:

a) *Grupo asiático*:

1.º RAMO. Os *Árias-Hindus*, povos de civilização desenvolvida entre o Himálaia e o Víndia, na vasta extensão de terreno a que banham o rio Indo e principalmente o Jamna e o Ganjes; depois levada até o extremo sul da Índia, às ilhas próximas e à península a oriente.

2.º RAMO. *Eránios* ou *Iránios*, povos de civilização desenvolvida nas partes orientais da Ásia Anterior: na Média, alcançando até o Golfo Pérsico; e na Ásia Central na rejião do Cábul e proximidades do Indo até o Iaxartes.

3.º RAMO. *Arménios* e os povos afins, desde tempos remotos extintos, os *Capadóci*os e os *Fríji*os.

b) *Grupo europeu meridional :*

1.º RAMO. *Gregos (Helenos)*, incluindo as tribus do norte com elles relacionadas, como são os *Macedónios*.

2.º RAMO. Os povos da *Trácia* e *Ilíria*, talvez com linguagem diversa, ou apenas bifurcação oriental e occidental de um só ramo.

3.º RAMO. Os *Lígures* e provavelmente alguns outros povos dos Alpes.

4.º RAMO. Os *Ítalos* ou *Italiotas*, ou com maior rigor povos *itálicos centrais*: *Latinos*, *Sabinos*, *Umbros* e *Oscos*, principalmente.

c) *Grupo europeu central e setentrional :*

1.º RAMO. *Celtas* do ocidente europeu (*Gálias*) até as Ilhas Británicas, e cujas migrações pela Hispanha e Danúbio até a Ásia Menor são bem conhecidas na história.

2.º RAMO. Os povos *jermánicos*; e inclui-se nesta designação o ramo escandinavo.

3.º RAMO. Os povos que a antiguidade conheceu pelo nome de *AESTUI* (*Éstuos*) e *VENEDI* (*Vénedos* ou *Vendos*), e de que descendem os *Lituanos* ou *Letões*, e *Eslavos* ou *Esclavões*, na Europa oriental parte da antiga *SARMATIA* (*Sarmácia*).

5. — Os *Árias* viveram em contacto com os po-

vos uralo-altaicos da Ásia Central e deles herdaram, como dissemos já, alguns usos cultuais e práticas de magia, e receberam ensinamento e aceitaram doutrinas, mas não herdaram nada que viesse afectar a morfologia e a syntaxe característica dos diferentes dialectos da língua comum proto-ária. Viveram em contacto com os povos semitas da Ásia Anterior: encontram-se cedo em Babilónia e nas elevadas montanhas do Curdistão. Chegaram até ali indo da Europa, passando uns ao sul do mar Cáspio, e vindo outros à Ásia Menor, depois de passarem às ilhas do Mar Egeu, atravessando o desfiladeiro de Dariel no Cáucaso. Os que passaram ao sul do Cáspio atravessaram primeiro as estepes extensas, outrora mar interior, que são de fácil passagem e terreno de um só continente, desde o Mar de Aral e norte do Cáspio até o sul dos montes Urales e norte do Mar Negro.

Seriam estes últimos emigrantes os Árias do grupo asiático, como diremos logo, e principalmente o ramo de que tiram sua origem os Persas aguerridos, os probos Parses ou Guebros, os Tajiques activos e industriais, comerciantes por excelência dos canatos da Transoxiana, os

Galchas e outros habitantes das serranias e vales alpestres do Óxus superior e regiões adjacentes.

É muito provável que alguns ramos de gente árica vivessem entre a Europa e a Ásia, desde o comêço da constituição glotológica do proto-árico, percorrendo, ainda depois da determinação dos centros, como hoje os Quirguizes em hordas na Europa e na Ásia, e os Tajiques, por tráfico e indústria, na Ásia Central, as terras que se estendem pelo norte do Cáspio desde o Mar Negro, e mesmo norte do Danúbio até o Pamir. Seriam eles os mais inquietos dos Árias, e os que no século XV antes da n. e. faziam o tráfico marítimo do Mediterrâneo e comerciavam com povos estranhos nas bandas orientais do Arquipelago. Estes mesmos Árias, no século XIII, ao tempo de Rámeses III, desceram das ilhas em que habitavam no Mar Egeu, e avançando atacaram e dispersaram as populações siríacas tributárias e aliadas dos Egípcios, e penetraram ao sul da Palestina até Amaor.

6. — Presumiu-se — e ensina-se ainda pela bôca de respeitáveis professores e em livros de escritores autorizados — que os dois ramos fixa-

los na Ásia, por isso mesmo que a sua translocação fôra menor, haviam conservado o seu falar mais próximo do proto-árico, reconstituído na hipótese de que a séde orijinária tivesse sido na região do Óxus e Iaxartes.

A ciência, porém, hoje, vai tomando outro rumo. Não vê no zenda, nem mesmo no sâmscrito representantes exclusivos da linguagem proto-árica; e as sim como pela antropologia guiada pela botânica, pela zoologia jeral e pela jeologia, descortina o mais remoto passado dos Árias na Europa e próximo do Báltico, assim pela fonologia encontra em línguas da Europa, por ex. nas inscrições rúnicas da Escandinávia, vocábulos de feição muito a par da samscritica.

O grupo étnico asiático estreitou a sua unidade glotolóica evidentemente na Ásia, e conservou-se uno até chegarem os emigrantes próximo do Panjab. Ai, no paiz provávelmente para aquém da marjem direita do Indo, uma parte voltou a passar os montes de Solaiman e entrou definitivamente nas terras entre o Indo e o Ganjes.

Os nomes jeográficos trazidos a confronto pelos mais hábeis orientalistas, com o estudo do *Avesta*, livro sagrado dos Erânios, e com o *Rigveda*, livro

sagrado dos Hindus, mostram que a direcção dos emigrantes árias na Ásia seguia o curso dos grandes rios, entre montanhas em cujo labirinto de fragosidades e alcantis se abriam os caminhos naturais.

7. — A poente de Solaiman o rio Etimandrou ou Hilmend leva as águas dos seus vários afluentes a um brejo. O mar, que então formaria o que é paúl que ali existe ainda hoje na extensão de norte a sul de uns 300 kilómetros, obrigaria os emigrantes, que não houvessem atravessado de novo os montes de Solaiman, a que subissem até os do Parapaniso. O deserto de sal no centro do Eran forçá-los-ia a continuarem por visos e cumiadas e vales alpestres até os montes Zagros.

Os Árias que entraram no Panjab tiveram deante o terreno de aluvião do Indo e Ganjes e o deserto do Tar a sul a determinarem-lhes a emigração para nordeste e oriente. Os Árias que tomaram para aquém dos montes do Afganistão peregrinaram por ásperos caminhos e invias brenhas até o ocidente do Eran.

Assim se explica como ficaram insulados na civilização jeral da antiguidade os Árias da região ganjética, e como os Eránios foram, dos

povos do grupo asiático da família indo-céltica, os de mais considerável translocação e influência histórica em toda a civilização mediterrânea. Encontramo-los entre os Citas do Ponto e do Istros, encontramos-los no cêrco de Troia, e sabemos como, constituídos em nação, o seu império levou o domínio persa desde o Mar Eritreu até os confins da Grécia, avassalando o Egipto e as terras até o extremo oriente e norte da Ásia Central.

8. — Os Árias que immigraram na India desenvolveram ali a sua linguagem e a civilização que levavam já em grau notável. A estes Árias damos o nome de *Árias Hindus*. Modificados, física e intellectualmente, por cruzamentos e influências jeográficas, constituíram as sociedades antigas mais civilizadas do vale do Ganjes. A estes povos assim modificados (e ainda aos seus descendentes) damos o nome de *Hindus*.

Reservamos o nome étnico de *Índios* para designação de todos os naturais da Índia independentemente da sua estirpe.

§ 5.º

Caracteres antropológicos e áreas jeográficas dos povos de linguagem flexiva, na antiguidade.

1. — À classe de jentes de línguas flexivas deu-se o nome de *raça branca* por predominar a cor branca da pele na maior parte dos povos que a constituem, e deu-se-lhe ainda, a exemplo de Blumenbach, o nome de *raça caucásica*.

Esta determinação levou a julgar-se erradamente fôsse o Cáucaso a pátria primitiva de todos estes povos, e, como corolário, a que proviessem de um único tronco.

A denominação é exacta quando por ela apenas se entenda que o tipo, que mais se aproxima do *suposto tipo orijinário*, se encontra actualmente ainda no Cáucaso.

Atendendo-se ao ponto para onde a maior parte dos povos de linguagem flexiva converjiu, mais do que à área em que se desenvolveu a civilização de cada um, dá-se a estes povos a designação de *povos mediterrâneos*. Todos, com efêi-

to, se exceptuarmos unicamente os Arias-Hindus, converjiram para o Mediterrâneo.

2. — Os caracteres antropológicos jerais do tipo caucásico são : a) Predominância das fórmulas cranianas mesocefálicas e braquicefálicas ; podendo num ou noutro indivíduo a relação craniana dos diâmetros máximos ou *índices cefálicos* (1) ir além de 82.

b) Prognatismo e proeminência dos ossos maxillares, raras vezes.

c) Cabelo mais ou menos ondedado, e que quando liso não tem a secção, feita perpendicularmente ao eixo do cilindro, tão circular como a do cabelo

$$(1) \text{ Índice cefálico } = \frac{\text{diâm. transverso} \times 100}{\text{diâm. ántero-posterior}}$$

Os caracteres antropológicos são dados *apud* Peschel pag. 517. Entende este autor, pag. 57, por *mesocefalia* a conformação craniana, mais ou menos alongada, de índice cefálico entre 74 e 79 ; por *dolicocefalia* a conformação craniana, alongada e estreita de índice cef. de 74 para baixo ; por *braquicefalia* a conformação craniana, mais ou menos redonda, de índice cefálico superior a 79.

Topinard e Broca não usam da denominação de mesocefalia. Dizem (Topinard, 2ª ed. pag. 242) :

<i>dolicocefalia</i>	quando o índ. cefálico é	75,00 e abaixo
<i>sub-dolicocefalia</i>	— —	75,01 — 77,77
<i>mesaticefalia</i>	— —	77,78 — 80,00
<i>sub-braquicefalia</i>	— —	80,01 — 83,33
<i>braquicefalia</i>	— —	83,34 e acima.

dospovos mongois, nem tão elíptica como a dum cabelo de carapinha de negros.

d) Barba farta nos indivíduos que habitam o centro, e ainda abundante em muitos dos que habitam o norte da área geográfica jeral; barba fraca nos indivíduos que habitam ao sul, na região norte-africana.

e) Olhos rasgados, horizontais.

f) Nariz proeminente.

g) Beiços finos, pelo menos nunca intumescentes por natureza

3. — As *diferenças físicas* do tipo caucásico, na raça mediterrânea, estão jeralmente, pôsto que com bastantes excepções, limitadas a certas regiões e variam no decorrer de tempo largo. Podemos distinguir tres regiões.

1.^a *Ao norte. Tipo loiro.* É nesta região que se encontra a cor de pele mais clara; os cabelos são loiros, algumas vezes ruivos, corredios ou anelados; os olhos são azues ou raras vezes verdes; a estatura notável pela altura. Este tipo é considerado por alguns antropólogos e etnólogos como mais puro e próximo do originário de toda a raça; não está, porém, plenamente confirmado este modo de ver, quiçá o mais certo.

Referem-se a êste tipo, na antiguidade, a calcularmos pelo que nos dizem os Gregos e os Romanos, os povos *celtas* e *jermánicos*, e provavelmente os *Dácios* e *Trácios*; e ainda os *Eslavos*, pôsto que a antiguidade clássica pouco os houvesse conhecido.

Actualmente a área jeográfica do tipo loiro da raça mediterrânea está muitíssimo circunscrita e, principalmente, para os povos celtas, sem continuidade. O número da jente loira é muito inferior ao da jente que a rodeia em cada um dos pontos onde ainda existe. Limita-se o tipo aos povos celtas das ilhas — na Irlanda e nas montanhas da Escóssia — e à maior parte dos povos jermánicos, principalmente ao norte, aos Escandinávicos, aos Eslavos do norte, e a tribus isoladas do Cáucaso.

Sempre que jente dêste tipo tem chegado ao sul da Europa, e mais ainda à Ásia anterior e à África, parece ter sido por excepção, ou pelo menos por translocação para fóra do seu *habitat* próprio.

2.^a *Ao centro. Tipo trigueiro.* Nesta rejião a estatura é menor. A pele é mais escura indo a côr até o moreno. O cabelo é castanho e por ve-

zes preto; é jeralmente ondeado, anelado ou crespo. Os olhos são predominantemente castanhos escuros; correspondendo na feição à tez menos trigueira, olhos de côr entre o pardo esverdeado e o castanho claro, e cabelos lisos, ou corredios.

Referem-se a êste tipo os habitantes das terras banhadas pelo Mediterráneo, tanto ao sul da Europa como na Ásia Menor; mas da África só os habitantes das terras do Atlas. Referem-se ainda — mas com a côr do cabelo e da tez jeralmente mais carregada, e com talho de cara exclusivo em que sobressai a proeminência do nariz — os habitantes da Síria, da Arábia, as povoações dos distritos eránicos; mais ainda, com as restrições que já fizemos, os habitantes das terras do Eufrates e Tigris, e dos Índios os Hindus.

3º *Ao sul. Tipo baço.* Os povos desta rejião teem a côr da pele fula, indo até o castanho escuro; teem o cabelo negro e luzidio, a barba escasseia-lhes ao passo que se aproximam do equador como seu *habitat*. Teem os olhos pretos e na maior parte notávelmente rasgados.

Actualmente esta rejião está limitada ao sul da Arábia, e, em o norte da África, às terras do Nilo inferior e médio, e ao planalto da Abis-

sínia. A antiguidade clássica deu aos povos desta região o nome genérico de *Etiopes*, confundindo-os assim com os negros. No estado actual da ciência, porém, devemos distinguir a cor de pele branca da propriamente negra, porque é certo apenas que na África o tipo vai cambiando notoriamente e passando definitivamente ao do negro à medida que o *habitat* é mais proximo do equador.

4. — Os limites geográficos de todas estas regiões variam, como o provam os documentos históricos, com o tempo e as vicissitudes políticas. Não ha possibilidade de se separar o que seja devido ao cruzamento, à alimentação, ao modo de vida, e, ainda, para o mesmo modo de vida e idéntica alimentação, às influências geográficas.

Pelo que deixamos dito vê-se que o critério linguístico determina a unidade glotológica, mas não é infalível para determinar a unidade física, nem pode decidir na questão de diversidade de raças humanas. Já fizemos notar que ha uma família latina mas não uma raça latina. Abundam os exemplos de um povo falar a língua de outro por motivo de conquista, comércio ou lenta absorção, por superioridade mental

do povo a que por natureza pertence a língua falada.

Se a língua suplantada é da mesma família da língua aceita, o critério lingüístico ainda conserva toda a exactidão. Assim ficaram sempre na mesma família glotolójica (semítica) os Judeus, depois de perderem o hebraico que falavam anteriormente ao VI século precedente a Cristo, apesar de falarem posteriormente um dialecto aramaico. Mudam, porém, de família glotolójica os Americanos a quem os Europeus impõem principalmente o português, o hispanhol; mudam igualmente os povos uralo-altaicos a quem os Russos impõem o falar eslavo que é da família indo-céltica.

5. — Não podemos pois determinar, nos povos cujos caracteres glotolójicos e antropolójicos acabamos de resumir, nem *habitat* exclusivo, nem uma raça, nem raças irredutíveis a que os refiramos historicamente de modo certo. Para a relativa posição histórica de cada um daqueles povos, sem restrição de *habitat orijinário*, sem nos prenderem na filiação considerações jeográficas, temos, como já dissemos, o critério exclusivo — manifestações mentais.

Por meio dêste critério chegou-se a determinar, para jente hoje muito afastada jeográfica-mente, o centro de converjência primordial nas terras do Eufrates e Tigris, junto ao mar, onde foi o Elâm, a Susiane, a Caldea, e hoje em parte é o Irac Árabi e em parte o Cuzistão ou Arabistão ; mostrou-se existente já em tempos de remotíssima antiguidade, e com documentos seguros, o alargamento posterior desde o Golfo Pérsico até o Mediterrâneo, e a subsecuente integração política, na Ásia Anterior com séde em Babel, em Nínive, bem como nas bandas orientais do norte da África em Túnis, em Ménfis, em Tebas; mostrou-se finalmente o advento dos Árias ao estado sedentário, na Europa, na Ásia Central, na Índia.

§ 6.º

Árias e Anárias.

1. — Da foz e delta dos rios a civilização subiu o curso fluvial na Mesopotâmia e no Ejipto, e firmou-se na parte mais produtiva enriquecida pelo húmus trazido dos montes lonjínquos pelas

enchentes. Os Árias immigrados nas regiões ao sul da cordilheira himalaica chegaram também ao terreno de aluvião do Ganjes e civilizaram toda a bacia, acompanhando o curso dos rios, mas na direção da sua foz.

No Ejipto, os povos, que se haviam encontrado na Ásia, vieram encontrar-se de novo e estabelecer a corrente de ideas modificadora das civilizações, da qual resultou a brilhante cultura helénica. Na Índia os Árias ficaram sequestrados do continente asiático e fóra de todo o movimento coevo sociológico.

2. — Estabeleceram-se na região entre o Indo e o Ganjes, a qual fica separada do continente propriamente dito por motivo das condições especiais da orografia asiática.

A Ásia é atravessada pelos montes que se erguem e correm desde o Mediterrâneo ao sudoeste até o estreito de Behring ao nordeste. Ao meio desta enorme extensão, outros montes sobem à mais elevada altura conhecida acima do nível do mar na superficie da terra, e fecham quasi em semicírculo o sul do continente: desde o Mar Arábico pelos montes de Halá no Beluchistão, e pelo Hinducós, de poente a nascente pelas ser-

ranias paralelas do Himálaia, até o oriente pelos montes Nága e Patcoi que descem na direcção de norte a sul ao Golfo ou Mar de Bengala.

Estas cordas soberbas de montanhas elevadíssimas, que sêparam ao sul o continente asiático propriamente do que hoje é a península indiana, deteem as nuvens que as monções impelem dos mares tropicais para o norte. As duas serranias paralelas que formam a cordilheira do Himálaia são as que opõem maior impedimento; constituem o condensador mais potente em todo o mundo pela altura, extensão e volume. As águas, que as nuvens gigantes não despejaram ao atravessarem por sôbre a Índia, são arrancadas aos monstros aérios e descem espumantes, iradas, em catadupas e torrentes grandiosas, pelos barrancos e vertentes, pelas escarpadas e altíssimas portelas; ou, detidas e em jêlo, assentam nas fragosas cristas, enchem e nivelam os valeiros, demoram no dorso das montanhas.

3. — Nesta *morada* (ĀLAJA) dos *jelos* (HIMA) eternos, que por isto se denomina *Himálaia*, existe, em toda a sua extensão de nascente a poente, uma caleira natural formada pelas duas serranias paralelas, a do norte que limita o planalto do Tibet, e a com essa contínua que lhe serve

de contrafortê. Juntam-se ali todas as águas das vertentes interiores; veem, trazidas pelos caudais enormes chamados Indo e Sampô ou Brahmaputra, criar com as águas do Ganjes, em que se reúnem quasi todos os mananciais das vertentes do contraforte, as terras do Hindustão, que fertilizam depois.

A esta série de planícies, a que podemos chamar a planície do norte da Índia, segue-se a península propriamente dita, o Deccão, DEKAN, DEKKAN ou DEKHAN, o antigo DAKṢINĀ-PATHA, o *país dacxiná* ou da *dextra*, o país do sul, porque fica à direita do Bráhmene que orando no Hindustão está voltado para o oriente. Limita-a por todos os lados o mar, excepto pelo norte, onde é *orla divisória*, ou *Vindia* (VINDHJA), a cordilheira dêste nome que do poente corre para Benares e com as de Aravali, Satpura e Caimur termina a oriente no vale ganjético onde são os montes Rajmahal.

O Decão é um planalto soberbo de ondulações e acidentamentos grandiosos, fortalezas e redutos naturais, valha-couto dos aborígenes da Índia central invadidos por estranhas raças. É o país dos *Drávidas*, dos *refugiados* (?), o país dos

Anárias dos que *não são Árias*, dos *ignóbeis*, como lhes chamam os livros samscriticos, opondo este epíteto ao de *Árias* (ĀRJA), *nobres*, *leais* (aos seus deuses), com o qual se apelidam os invasores indo-celtas estabelecidos do Himálaia aos Víndias na terra que denominaram ĀRJA-VARTA, *Ária-varta*, *morada dos Árias*, e os Persas denominaram HINDŪSTĀN, *país dos Hindus*.

4. — Assim a Índia não é porção própria do continente asiático: é ao norte uma extensíssima e em parte ubérrima rejião aluvial, e ao sul já antes dos Víndias e rio Nerbada, ou Narmadá, a península ligada pelo depósito dos rios ao continente.

O terreno de aluvião foi o teatro das invasões áricas, da luta dos Árias com os povos ali já domiciliados, e dos próprios Árias uns com os outros depois de senhores das terras trans-himalaicas. Fechado a norte pelo planalto do Tibet na altura de mais de 5.800 metros com montanhas que passam de 8.000 metros acima do nível do mar, a sul pelo planalto do Decão na altura média de 600 metros e montanhas que chegam até 1.500 metros, o Hindustão depara-se aberto súbita e misteriosamente, a ocultas por detrás

das insondáveis muralhas, aos povos do continente cansados de lutas e gazivas, mostrando-lhes na feracíssima rejião ganjética triclínio e mesa, em que o repouso é cómodo e a subsistência fácil.

5. — Vivem ali hoje cêrca de 150 milhões de homens, e ali se teem encontrado e confundido todas as raças do antigo mundo. As portas daquelle paraíso traçoeiro são : — ao noroeste, no vale superior do Indo, as portelas de Caracorum de prodijiosa eminência e a profunda e extensa rejião do Tibet Menor ou Baltistão; no vale do Cábul, as portelas de Caibar e Curám; e descendo mais a oeste, as pilas e forcas em que fenecem as não menos famosas dos montes de Gualari e Bolan; — ao nordeste as portelas que, do extremo oriental do Himálaia, dominam os vales em que estrondeiam os caudais que veem terminar com o Brahmaputra no delta do Ganjes.

6. — A população primitiva do Hindustão era a léste raça de *negritos* e a oeste raça menos escura e de cabelos corredios. Cruzaram-se com os primeiros invasores, raça amarela que do Tibet e da alta Bermânia desceu pelos vales do Sampô e propriamente do Brahmaputra. Do seu cruzamento

resultaram os *proto-Drávidas* cujos tipos principais são os *Gondes* e os *Biles* ou *Bilas*. Os livros samscritos denominam aqueles *Rácxasas* (RĀ-KṢASA) *destruidores* e descreve-os o *Ramdiana* como negros lanudos e de beiços grossos, antropófagos abomináveis. Aos *Bilas* parece corresponderem os *Nixadas* da literatura samscritica, povos caçadores e pescadores.

À primeira invasão succedeu a de gente uralo-altaica descida da Ásia Central, onde sempre envolvera os Árias e a quem, por deanteira na emigração, ensinou o caminho por onde mais tarde e em diferentes épocas eles entraram nas terras do Panjab.

Do cruzamento dos invasores de raça uralo-altaica com os *proto-Drávidas* resultou a *raça dravidica*, propriamente dita, que os Árias forçaram a immigrar, em grande número, no planalto do Decão.

O tipo árico foi modificado, como já dissemos, pelos cruzamentos com *Drávidas* que ficaram na região ganjética, mas é ainda hoje evidente nos Bráhmanes de Caxmira e do Panjab setentrional, nos *Rajaputes* dos distritos montanhosos da Índia Central, no país denominado Rajaputana.

CAPITULO II

PERÍODOS DA LITERATURA SÂMSCRÍTICA. — CONSERVAÇÃO E ANTIGUIDADE DESTA LITERATURA.

§ 1.º

Arcaísmo do sâmscrito e preponderância desta língua na literatura indiana.

1. — Como dissemos, os Árias entraram na Índia em diferentes épocas, e pelas portas do noroeste, no segundo milénio antes da nossa era. Foram com efeito diferentes as invasões.

Os Árias descidos da Ásia Central ao vale do Indo designaram êste rio pela sua grandeza e fôrça de águas, chamando-o por excelência o SINDHU « a torrente caudalosa », e ao povo que habitava as margens deram o nome de SAINDHAVÂS. A primeira denominação é para nós, que dela tirámos indirectamente o nome *Índia*, a mais notável. Encontra-se sob a fôrma HINDU nas inscrições persas, sob a fôrma SINTU nas susiânicas e babilónicas, depois da conquista de Dario;

encontra-se sob a fôrma HINDŪSTĀN «pais dos Hindus» no persa moderno; encontra-se entre os Gregos na designação do rio 'INDÓS, do país 'INDIA, dos habitantes 'INDOI; encontra-se finalmente sob a fôrma SINDH o país do *Sind* no delta do *Indo* onde se fala a língua (SINDHĪ) *sindi*, que é das vernáculas uma das mais isentas de elementos estranhos ao falar árico.

Chegados ao sul de Caxmira e até a confluência do *Indo* com o Cábul, os Árias, ou, como lhes podemos chamar pois que chegaram a esse ponto, os Árias-Hindus, conheceram o território que se estende para o sul e para o oriente até o actual rio *Satlaj*, a *Xutudri* dos livros samscriticos. Designaram-no pelo número de «sete rios» SAPTA-SINDHAVAS, o *Saptasindu* que por certo os Erânios também conheceram e igualmente disseram HAPTA HENDU, se este nome de *sete rios* não havia sido já anteriormente dado a outras linhas fluviaes, como é provável que o fôsse aos rios que entram no Hilmend. Os Romanos contemporâneos de Verjílio souberam ainda que havia ou tivera havido os *sete rios* do noroeste da India. Mais tarde contam-se apenas cinco rios, PANKA-NADA, e modernamente o país tem o nome

de *Panjáb*, cuja significação é a mesma em língua persa.

2. — A maneira pela qual os rios depositavam as terras, o limo, todos os detritos que arrastavam das montanhas, e o facto de se haver formado o deserto arenoso de *Tar* (Thar) ao sul do *Sa-laj*, determinaram a derivação da corrente imigrante pelas portas de noroeste segundo o curso do *Ganjes*, na parte central do *Hindustão*.

Antes, porém, de assentarem aí os seus arraiais e castros, demoraram os Árias largo tempo no *Saptasíndu*. A este primeiro território se refere o maior número de dados colhidos nos hinos do *Rigveda*, e até as conquistas de Alexandre se conservou ele dividido entre algumas tribus independentes e em principados que os Gregos designaram conjuntamente pelo nome dinástico *Poros*, em sâmscrito *PAURAVA* «de *Púru*», e em particular pelo nome dinástico do principado *Taxilês* (gr.) cuja capital era *Táxila* (gr., em sâmscrito *TAKṢA-ŚILA*), *'Abisárês* (gr., em sâmscrito *ABHISĀRA*, capital *ABHISĀRĪ*), na formosíssima *Caxmira* (em sâmscrito *Kaśmīra*, em gr. *Kaspeiría*, forma próxima de outra em sâmscrito *Kaśjapamīra* segundo conjecturou *Burnouf*).

3. — O maior número de dados colijidos nos hinos védicos refere-se ao Saptasíndu. Todavia a civilização védica transformou-se em brahmânica depois dos Árias haverem assentado na parte ocidental do terreno de aluvião ganjético por eles mesmos denominada MADHJA-DEŚA « país do meio, » país central, *Mádia-dexa*. Notóriamente entre o Jamna e o Ganjes, o país era de Bráhmanes, e os Vates eram Vates brahmânicos; assim o denominaram eles BRAHMARSI-DEŚA, « país dos Brahmárxis », isto é: dos *Rixis*, dos *Vates brahmânicos*. A oriente viviam outros Árias cuja civilização parece ter começado primeiro e continuado até tarde sem influência dos Bráhmanes.

O *Mádia-dexa* confinava a noroeste com os domínios dos *Páuravas*, a oeste com o rio, a *Sarasuati*, e deserto do noroeste hindustânico (o actualmente denominado THAR); seguia a curva do terreno de aluvião pela margem direita do *Jamna*, e um pouco abaixo de *Caxi*, a actual Benares, subia para norte revertendo outra vez para noroeste até o sopé das montanhas. O *Brahmárxidexa* vinha até a confluência do *Jamna* com o *Ganjes*, compreendendo o *Cúru-cxetra* « Castro dos Cúrus, » as terras dos *Panchalas* e de outros cabos

de tribu, como eram na margem esquerda do Ganges, os *Báratas* (BHĀRATA). Para além da confluência ficava a terra dos PRÁSIOTI como lhes chamavam os Gregos do nome PRĀKIJĀS « habitantes de *Prāchi* », isto é do oriente.

4. — Eram estes em grande número os *Árias-Hindus* que provavelmente foram os primeiros immigrantes Árias, e ali haviam desenvolvido e levado para além do *Média-dexa* civilização, independente da védica e só tarde influenciada pela Brahmanica.

O cruzamento dos *Árias* com os *Drávidas* nestas regiões orientais é antropológicamente muito mais notável do que nas regiões a noroeste. Além disto os livros samscritos atribuem ao *Brahmárxidexa* civilização de grau mais subido, aos seus habitantes maior brio, ao culto carácter sagrado mais proeminente do que ao país, ao culto, e aos habitantes das bandas orientais. Referem-se a este, dizendo terem sido os habitantes do noroeste seus mestres nas cousas sagradas e no saber.

5. — Foram portanto dois os principais centros de civilização árica no Hindustão. No centro occidental desenvolveu-se a civilização védica. Teve a

sua frente no período heroico os *Gúrus*, os *Panchalas*, os *Púrus*, os *Báratas*, os *Pándavas*, *raça lunar de Hastinápura* nas margens do Ganjes superior. No centro oriental desenvolveu-se a civilização do país de *Coxala* e para além do *Mádia-dexa* na região do baixo Ganjes, mas para aquém do delta, nos países de *Videha* e *Mágada*. A esta civilização oriental prende-se a evolução búdica e a estirpe dos *Icxuacos*, a *raça solar de Aiodiá* (AJODHJĀ) a moderna *Aude*.

6. — Un dialecto introduzido em país estranho por immigrants differencia-se tanto mais do tipo fundamental quanto mais longe vão demorar as tribus e mais tarde fixam a sua linguagem pela escrita. Assim aconteceu no Hindustão. O falar árico introduzido a oriente da região ganjética pelos que, provavelmente, foram os primeiros immigrants, differenciou-se cada vez mais do tipo proto-árico, à proporção que foi seguindo a evolução própria de língua vernácula sem fixação literária.

Em meado do terceiro século antes de Cristo, os Hindus possuíam dois sistemas gráficos: do norte conhecido pelas inscrições de *Axoca* nos rochedos de *Capurdagari* (KAPŪRDAGARHĪ ou KAPUR-

-DI-GIRI e ainda KAPARDIGIRI, aldeia em Xabazgari, distrito de Pexáuar), do sul conhecido pelas inscrições do mesmo rei na península do Guzarate e em Bengala. Preferiam, porém, os doutos, seguindo a tradição, transmitir oralmente o seu saber, e obrigavam os discípulos a decorar o saber transmitido.

A literatura — propriamente produções do espírito fixadas em certa redacção breve — era necessariamente, por motivo de falta de escrita, objecto de estudo esotérico, e as lucubrações eram quasi exclusivamente religiosas. Dêstes factos resultou que a linguagem árica foi seguindo na bôca do povo evolução própria, e se conservou até muito tarde em estado notável de arcaísmo na redacção de certas composições poéticas lírico-épicas, transmitidas de família em família, no *Brahmárxi-dexa*.

7. — Dêste centro de cultura mental a civilização brahmánica irradiou para oriente até além do *Mádia-dexa*. Com a civilização foi também a religião brahmánica. Não havia, porém, unidade política, à qual se chegou apenas em meado do terceiro século anterior à era cristã; e portanto, cada tribo conservou o seu dialecto mais ou me-

nos diferenciado da língua árica, introduzida no sul do Himálaia ao tempo da immigração.

A sociabilidade natural, mais dilatada pela influência do ocidente sôbre o oriente, no *Má-dia-dexa*, transformara a linguagem de que os Hindus se serviam nas relações quotidianas. Um dia os iniciados conheceram a necessidade de estudar a língua arcaica das suas composições hieráticas: tanto entre eles mesmos se havia alterado já o falar vernáculo. Começaram então os gramáticos a sua obra crítica, e a exejese a concorrer com esta no intuito de explicar o *saber* e manter a *sabedoria* do *Brahmárxí-dexa* — de se desvendar e preservar o *Veda*.

8. — A fixação de regras de uma língua não se efectua senão quando os homens doutos, que se entendem por linguagem vernacula com os indoutos, conhecem a diferença dos seus falares e pressentem o que eles chamam crescente corrupção e é apenas evolução própria da vida, espontânea, e sem cultivo artificial, das línguas faladas. Essa corrupção no falar árico fez-se por tal fôrma na Índia, que, ao tempo de Alexandre, havia já ali uma língua religiosa esotérica e fixada segundo aforismos gramaticais redijidos, se

não pelo célebre *Pānini*, ao menos pelos seus predecessores.

É esta linguagem sagrada, fixada pelos gramáticos, e de que os Bráhmaes se serviam no culto e no discorrer teológico, a língua que se denomina *SĀSKRTĀ BHĀṢĀ* « a língua pura » ou simplesmente *SĀSKRTAM* « o sâmscrito (1) » isto é o falar *puro*, próprio dos actos *puros* e sagrados. Formou-se por derivação do falar védico no *Brahmârxi-dexa*; mas não era comum ao *Mâdia-dexa*, e ficou esotérica.

Para que um dos dialectos áricos ficasse predominante era preciso o cultivo literário. É o povo quem faz a língua. Uma língua é um facto social; mas é o sábio, o vate, o poeta (bardo e contador) quem a fixa. Poeta, sábio, vate que sabe e conhece e conta o passado mis-

(1) Escrevemos hoje *sâmscrito*. O autor dêste livro escreveu já, porém, *sâoskrito*. A reforma ortográfica obrigou-o a mudar *k* para *c*; a necessidade de acentuar *são*, levou-o a escrever *sâm* que em frente de *s* um Português lerá necessariamente *são*. No seu folheto « Sobre a séde originaria da gente árica » Lisboa, 1878, deu ele, a página 37, as razões da pronúncia *sâoskrito* (com *i* átono e a acentuação em *são*). Mantém ainda hoje essas mesmas razões mas ortografa *sâmscrito*.

terioso, e prevê porque dirige e é o intermédio entre o homem e deus, é nos tempos primitivos um só — na Índia, o *Rixi*.

Os *Rixis brahmánicos*, os Bráhmanes constituídos em casta sacerdotal, fixaram o sâmscrito, mas guardaram em misteriosíssimo segrêdo todas as produções em que fixaram a sua *língua sagrada*, e em igual mistério o uso falado dêsse instrumento de comunicação de pensamento entre os *homens, deuses na terra* (os Bráhmanes) e os *deuses, homens subidos ao ceu*.

9. — Assim continuava a multiplicidade glotológica, bem como a falta de unidade política. Quando esta chegou, e efémera, *Axoca*, o seu fundador, o Constantino da Índia, cêrcà de 250 anos precedentes a Cristo, cuidou logo em assegurar de modo autêntico a doutrina que *Buda* (BUDDHA) no fim do seculo VI prègara, e a *série* — PĀLI — dos seus discípulos propagara em linguagem vernácula dos *Práchias*.

Para conseguir o seu fim, *Axoca* fez que se escrevesse no dialecto de *Mágada* a doutrina búdica em conformidade com os preceitos da *série* — PĀLI — dos discípulos e apóstolos do grande prègador do seculo VI. É esse dialecto árico

preservado nos textos em *lingua de Mágada*, que hoje denominamos *páli*.

Axoca era neto do vencedor de *Seleuco*, neto de *Chandra-gupta*, daquele rei a quem os Gregos chamaram SANDRÓKOTTOS por assim pronunciarem seu nome. Desde tal momento, havia, pois, na rejião ganjética a rivalidade de duas línguas, de duas doutrinas mantidas por cânones, e havia também a influência grega a abrir a época histórica para a Índia. Começou nesse momento a literatura propriamente samscritica post-védica, e a nova fase religiosa búdica em luta com o brahmanismo, até então existente como quasi exclusivo senhor das consciências.

10. — Para tratarmos da literatura da Índia antiga teremos, por consequência, de tratar dos monumentos em *sâmscrito* e dos monumentos em *páli*. Assim o fazemos. Êste volume serve de introdução à história dessas duas fases de transformação da religião árica, segundo os monumentos literários, na Índia.

A literatura propriamente samscritica é a mais notável porque a ela pertence o monumento escrito mais antigo da nossa raça — a árica, e porque abranje os tres períodos de evolução

religiosa — o *védico*, o *brahmánico* e em parte o *búdico*, e modernamente ainda o período religioso do *neo-brahmanismo*, em virtude da preponderância que teve na literatura por ser o *sâmscrito* a linguagem da casta predominante.

§ 2.º

A literatura *sâmscritica* em geral.

1. — O termo *sâmscrito* — cabe restritamente só ao dialecto árico regulado e assente pelos trabalhos dos gramáticos Hindus, de emprêgo artificial ha mais de vinte e tres séculos.

Por jeneralização emprega-se, porém, o termo — *sâmscrito* — para designar os dialectos antigos e sagrados da Índia; e tanto os anteriores à evolução búdica, nos quais foram redigidos os *Vedas* e os *Bráhmanas*, como o dialecto polido em que foram escritas posteriormente à evolução búdica obras tais como: o *Ramãiana*, o *Xacúntalam* ou o drama de *Xacuntalá*, e as fábulas conhecidas pelos nomes de *Panchatantra* « cinco livros » e *Hitopadexa* « instrução útil », as máximas, *Centúrias de Bâtri-Hári*. Êste dialecto é hoje ainda instrumento sociológico no-

tável, mas não língua vernácula, de comunicação mental em toda a Índia.

Por *sâmscrito*, pois, no sentido lato, entende-se o idioma em que se conhecem escritos os monumentos literários e sagrados da Índia brahmânica (1).

2. — É de rigor que distingamos entre *sâmscrito védico* e *sâmscrito clássico*. A literatura em sâmscrito clássico é toda posterior ao III século antes de Cristo, pelo menos na sua última redacção escrita. A esse tempo já o sâmscrito não era língua vernácula. A literatura anterior ao III século é toda *védica*, isto é comprehende os *livros dos hinos*, propriamente *Vedas*, e os *livros* que estudam os *Vedas*. Foi redijida em dois dialectos cujas formas sintácticas, e cujo vocabulário na morfologia e significação, obrigam a dar ao mais antigo o nome de *dialecto arcaico* e a reconhecer no segundo uma linguagem do período de transição das formas arcaicas para as formas clássicas. — *Vide* páj. 166.

(1) Esta definição é para nós rigorosíssima, porque entendemos que é *brahmânica* a redacção escrita dos *Vedas*.

O dialecto de transição conhece-se, única e exclusivamente, pelas fórmulas conservadas nos livros de literatura crítica, exejética e escoliástica, dos teólogos que discorreram, dissertaram — explicando, autenticando, comentando — acerca da linguagem, origem e ideias dos hinos védicos, e definiram e assentaram dogmas e ritos cuja base é tradicionalmente védica. É portanto pelos documentos um *dialecto teológico*.

Os livros escritos no dialecto teológico pertencem evidentemente a dois momentos de evolução glotológica, ao último dos quais pertencem os livros chamados *Sutras*, cuja linguagem é a bem dizer clássica, e ao primeiro pertencem os livros chamados (os) *Bráhmaṇas* (BRĀHMANA, *n.*) e (as) *Upanixadas* (UPANIṢAD *f.*).

Portanto, a literatura samscritica divide-se em dois períodos glotológicos — o védico e o clássico. No período védico distinguem-se dois dialectos — o arcaico e o teológico, e este com dois momentos de evolução glotológica. No período clássico ha um só dialecto samscritico, ainda que se afastem da pureza dos primeiros tempos as composições mais modernas dos séculos posteriores a Cristo.

3. — Abranjam tres períodos de evolução re-

lijiosa os monumentos escritos nos dialectos do período védico : a evolução propriamente védica, a brahmánica, a búdica. Os monumentos escritos no dialecto clássico abranjem a época de decadência brahmánica, os períodos de luta do brahmanismo com o budismo, e o neo-brahmanismo.

Toda esta literatura tem o carácter jeral de sagrada : é pelo menos hierática ; e a parte composta dos *Vedas*, *Bráhmaṇas* e *Upanixadas*, absolutamente havida como sagrada. Reúnem-se mesmo estas tres ordens de livros sob o nome jenerico de *Vedas*, e a sua redacção é évidentemente brahmánica.

4. — VEDA — de VID «conhecer, saber, ver», é a sabedoria brahmánica por *vidência* sobrenatural dos *Vates*, dos *Rixis brahmánicos* ; e *Vedas* são os livros em que se colijiu toda aquella sabedoria, porque deles se fez o repositório de todo o saber.

Os livros védicos, porém, attribuem, jeralmente, a autores humanos os cánticos mais tarde considerados *palavra divina*. Em alguns desses hinos encontra-se expressa a idea de que o autor canta um hino que é *novo*, a idea de que o autor canta um hino *agradável à divindade que exalta* ;

noutros lê-se a *prece*, o *convite* feito à divindade para que ela *aceite* o hino ou *venha tomar* de sobre o altar a parte da hóstia que lhe é votada, e beber com o cantor a bebida fermentada, o doce néctar, que o excita mentalmente.

Tudo leva a crer que os autores de tais hinos não se julgavam mais do que homens, em *relação directa* sim com os deuses, mas porque eram *leais aos seus deuses*; — por vezes tementes como homens que sabem que pecam, por vezes convencidos dos merecimentos de homens cumpridores dos seus deveres pios.

Pouco e pouco, formou-se a tradição de que os Rixis, que primeiro haviam cantado um hino, eram aedos, videntes que repetiam apenas, religiosa e esotéricamente em família, esses hinos tais como os tinham ouvido à divindade com a qual comunicavam. Alguns passos do *Rigveda* serviram de base para sustentar esta crença. Podemos citar : a 1.^a *riche* (1.^o verso) do hino 31 do *mándala* (círculo, livro) I; e bem assim a 4.^a do hino 37; e a 2.^a do hino 179; e mais III, 18, 3.^a; VII, 76, 4.^a

5. — Segundo esta crença, o *Veda*, a *sabedoria* não tem autor humano e foi transmitida oralmente (como de facto o foram os hinos) por ininterrupta

série de iniciados, desde a *audição* — *xrúti*, directa, da *palavra* — *xabda*, da *voz* — *vách*, divina, pelo primeiro Ríxi, pelo primeiro vate que repetiu o canto sagrado por excelência. Os autores dos Vedas seriam, pois, segundo esta teoria, *de revelação por audição*, teósofos, aedos cuja comunicação directa com a divindade seria mais íntima do que segundo a teoria das doutrinas e textos *de revelação por inspiração*.

Tal é a idea central de toda concepção religiosa Hindu, de toda crença em que o Brahmanismo influíu e a que deu molde; tal é o motivo do uso tardio da escrita.

A literatura do dialecto teológico é de iniciados que, ainda de boa fé, sentem, não obstante, já a necessidade de combate, manifesto com todo o vigor nos *Sutras*.

Por bôa lógica os Hindus consideraram *xrúti*, *de audição directa*, sem autor humano, os *Vedas*, os *Bráhmanas*, e as *Upanixadas*; e consideraram *smrúti*, *de recordação* por ensinamento tradicional, os *Sutras* e toda a literatura posterior.

6. — Os textos védicos contêm hinos anticuíssimos, cantados mais de 11 séculos, mais até de 15 séculos antes de Cristo. Estes hinos são os mo-

numentos mais antigos e preciosos para a vida dos nossos primeiros pais, — facto de importância capital, mas não único de interêsse real. Os Bráhmanas e as Upanixadas conteem doutrina crítica e exejética em jeral, de ordem teológica; e filosófica nas Upanixadas.

7. — Em sámscrito clássico estão escritos monumentos literários de outra ordem. O seu carácter emquanto às ideas é ainda religioso na maior parte dos textos: — ou pelos fins com que esses escritos foram redijidos, ou pela maneira pela qual os Bráhmanes alteraram as tradições sôbre que eles assentam, ou pela dependência que existe entre esses escritos e os escritos arcaicos. Emquanto às fórmulas sintácticas, é artificial e notóriamente por estricta observância das regras dadas tanto pelos gramáticos anteriores a *Pá-nini*, como por êste mesmo, e por ele resumidas em aforismos.

Nos escritos clássicos notam-se: — excessos de rigor na representação fonológica da frase, — exa-jeração do carácter sintético da língua na formação dos compostos, — disposição predominante da ordem das ideas, construindo-se em jeral a frase pela passiva, de modo que o objectivo

passa de complemento directo a sujeito, e o sujeito lógico fica complemento circumstancial, — emprêgo preponderante de fórmulas nominais do verbo em substituição das pessoais próprias, — uso da *directa oratio* fujindo-se à construção da *obliqua oratio*, que traria como consequência de dição o desenvolvimento dos modos subjuntivo, potencial e optativo, em cujo detrimento prevaleceu o indicativo.

8. — Os monumentos da literatura clássica em sâmscrito abrangem o tempo decorrido desde o III seculo antes de Cristo até o XVI depois, e mesmo fins do XVII com parte da literatura dos *Puranas*.

A redacção desta literatura é quasi exclusivamente métrica; não só a das concepções poéticas, mas a de estilo narrativo e de crónicas, e a de obras científicas e práticas como as de legislação. Na prosa é notavelmente aforística. Tal modo de escrever é proprio do hábito de decorar em verso, de só tarde se ter escrito a redacção e portanto haver necessidade de ser-se breve e conciso na frase; é finalmente proprio do hábito de se reproduzirem as frases estereotipadas, cristalizadas, como o estava a linguagem que servia

os autores já sem espontaneidade completa, e portanto escritores por artifício de imitação.

9. — Os géneros literários propriamente ditos do sâmscrito clássico, mais estimados e cultivados pelos Hindus, são : o *didáctico* e *gnómico* que invadiu todos os géneros e se tornou caracteristicamente indiano, o *épico*, o *lírico* e *erótico*, o *dramático*. Não conheceram os Hindus o *género histórico*, nem se preocuparam com o cómputo do tempo; não conheceram o *género propriamente patético e trágico*.

A literatura científica da Índia antiga é muito notável em tres ramos do saber humano — a *gramática*, a *legislação*, a *filosofia*, cujo estudo é para nós de importância capital. Em aritmética e geometria tiveram os Hindus independência; em astronomia deram um reflexo da grega; em medicina ficaram no período rudimentar.

10. — As principais produções literárias no *género épico* são :

Os *Íti-haças* (quer dizer: ITI « assim »; HA « em verdade »; ĀSA « foi » — o caso), ou *poemas épicos*, as *grandes epopeias*: o *Mahá-Bárata*, prodigiosa colecção de lendas hindus, algumas antiquíssimas e que, apesar de serem em verso, tem

redacção natural, simples; — o *Ramáiana*, o poema épico por excelência pela unidade notável com que está redijido e pelo assunto — a conquista árica da Índia e a expedição (AJANAM) de Rama a Ceilão. Atribui-se o *Mahá-Bárata* a *Viaça*, e o *Ramáiana* a *Valmíqui*, duas individualidades que a ciência reputa meras entidades míticas.

Os *Cávias* (quer dizer: cujo autor é um *Cávi*, um poeta), *poemas épicos menores*. Os mais notáveis são: o *Nascimento de Cumara* (deus da guerra) e o *Rágu-vamxa* i. e. a *Família de Rágu*, de que podemos dizer os *Ragütadas*, e cujo assunto é a celebração dos ascendentes e dos feitos gloriosos de Rama, o heroi do *Ramáiana*. Ambos estes poemas são de *Calidaça*.

Os *Puranas*, ou tradições antigas, de carácter pseudo-histórico, que segundo a crença foram compiladas por *Viaça* — a redacção personificada. São corpo de doutrina lendária e mitológica moderna.

11. — No *jénero lírico e erótico* contam-se muitos escritos. São os mais estimados: a *Nuvem mensajeira*, as *Estações*, do célebre *Calidaça*; as *Centúrias*, de *Bártri-Hári*; o *Canto de Govinda*, do poeta *Jaiadeva*, literária e exejeticamente

semelhante ao *Cântico dos Cânticos de Salomão* na Bíblia.

12. — São peças capitais no *jénero dramático*: as tres obras cénicas de *Calidaça* — *Urvaxi*, *Màlavicá*, *Xacuntalá*, tres nomes de heroínas, e títulos de tres magníficas e espléndidas composições. É ainda para mencionar o *Carrinho de barro* do rei e poeta *Xúdraca*, a *Ratnavali* do rei *Harxadeva*, e *Nagananda*, espécie de *mistério* ou *auto de devoção* de carácter búdico.

13. — Influindo em todos estes jéneros, infiltrando-se no subsolo, e jorrando alto em muitos pontos, encontra-se o *jénero didáctico e gnómico*. São notáveis, jeralmente, em máximas morais as obras em sámscrito. Abundam em conceitos sublimes, em elevados sentimentos, e em persuasivas lições de vida prática as epopeias; teem carácter exclusivamente ético em parte dos seus escritos *Bártri-Hári* e outros autores que escreveram no jénero que se tem denominado lírico e erótico.

Cultivaram os Hindus, desde remotíssimo tempo o *jénero didáctico e gnómico* com fôrma dialogada, compondo apólogos — contos e fábulas. Encontra-se o apólogo no período védico

em uma das *Upanixadas*, na *Chandóguia-Upanixada*, encontra-se no *Mahá-Bárata*, e é a feição característica da literatura búdica.

Posteriormente formaram-se várias colecções de apólogos interessantíssimas: o *Panchatantra*, o *Hitopadexa*, o *Oceano do rio de Contos*, os *Setenta contos de um papagaio*, etc.

14. — Estes apólogos teem na história das tradições e lendas populares do mundo, principalmente na Europa, logar importante; pelo quê são para a história da literatura medieval, e ainda dos tempos modernos, a parte mais interessante da literatura antiga da Índia árica.

Foi jente da raça semítica e da mongólica quem trouxe à Europa a torrente poderosíssima das ficções indianas. Com ela veio tornar mais fértil o campo da imaginação popular do ocidente, em adágios, anedotas e facécias, em contos satíricos e cómicos; e mais apta a consciência para compreender doutrina moral e preceituação de amor e caridade búdica — em nada menos sublime que a evanjélica.

Nas obras de *Carlos Perrault*, e já antes nas obras de *Rabelais*, de *Straparola*, de *Boccacio*, sentimos a injenuidade e descomedimento orien-

tal mais polido, mais artisticamente apresentado, mas por isso mesmo ainda mais viva a facécia e mais punjente o sarcasmo. Nas obras de *Chaucer*, de *Shakespeare* e nas de *Ariosto* sentimos fragrâncias delicadas e perfumes activos das flores, que vieram enfeitar a musa de *Jil Vicente* e lhe deram o misto de dicacidade, desenvoltura e melancolia, a que pela corrente da época bem se adequava o seu espírito sardónico e magoado.

A Igreja católica deu a virtude búdica modelo de santidade, apresentado pela pena de *São João Damasceno* na lenda de *Barlaám* e *Josafat*, aceito por ordem pontificia, principalmente de Xisto V e Pio IX-(1). Veiu também o apólogo búdico trazer ao cristianismo exemplificação moral por parábolas e contos, que se leem nos *Gesta Romanorum*, *Vitae Sanctorum*, *Vitae Patrum*, *Disciplina Clericalis* e noutros livros.

15. — Foram tres os mais notáveis gramáticos do período clássico: *Pánini*, e subsecuentemente *Catidiana* e *Patánjali*. Muitos outros os

(1) Os Santos *Barlaám* e *Josafat*. Os seus dias são: a 27 de novembro na Igreja católica; a 26 de agosto na Igreja grega. — *Vide*, páj. 166.

precederam, que os estudos de gramática na Índia começaram cedo e antes das escolas em que se originaram os *Sutras* chamados *Pratixá-quiás*, tratados especiais de fonologia védica para cada um dos quatro Vedas.

Por motivos religiosos, como fica dito, a primeira investigação gramatical começou nos fins do período védico. Os nomes dos investigadores ficaram na maior parte perdidos, pois até nós só chegou notícia de dois: *Xacatáiana* e *Iásca*. Dêste, o mais moderno dos dois, possuimos valiosísimos trabalhos.

É prodijiosa a minudência a que os gramáticos hindus levaram a análise não só do sâmscrito, mas até mesmo da *linguagem*.

16. — Dos códigos de leis hindus, ou *Darma-xastras*, mais notáveis, mencionamos: o *Livro das leis mânavas*, o *Livro das leis de Iajnhaválquia*, ambos em verso heroico; o *Livro das leis de Gáutama*, o *apastámbico*, etc.

Estes códigos são o desenvolvimento, dos *Grithia-Sutras*, *sutras da casa* ou leis domésticas dos tempos védicos, adequado a sociedade mais amplamente constituída.

17. — A especulação filosófica na Índia co-

meçou muito cedo também, no vigor do período védico. No período clássico encontramos seis sistemas filosóficos, cuja relação histórica é ainda ponto de controvérsia, mas cuja base é para todos a filosofia das *Upanixadas*.

Podemos, não obstante a dúvida de precedência, considerar os seis sistemas como tres: o *Sánquia* (com o *Ióga*), o *Niaia* (com o *Vaixé-xica*), o da *Mimamsá* (com o *Vedanta*).

Jiram todos em volta do mesmo eixo; o seu fim é darem remédio para o mesmo mal; os processos são diferentes, mas na demanda dêsse remédio houve um só e mesmo impulso, o qual foi a reacção contra a depressão moral — impulso de todas as grandes revoluções, que jamais se efectuam quando as ideas novas não passam a sentimento. O remédio, julgavam os Hindus encontrá-lo na *unificação com a Grande Alma*. Só ali procuravam, o que procuram os revolucionários sinceros, — a consolação no desánimo, a reelevação contra a depressão, e o proseguimento tranquilo em encontrar-se um bem embora fugitivo, mas em cuja demanda ha outro bem seguro, certo, real, quando a desesperança não afoga o coração humano desiludido.

§ 3.º

Psicologia do Índio.

1. — A falta de jénero histórico e de exacta cronologia na literatura samscítica é resultado da psicologia do Índio sujeito à preponderância brahmánica, sob a influéncia do clima deletério na rejião oriental ganjética.

As condições climatéricas e topográficas no Hindustão; assim como concorreram para o decrescimento dos instintos guerreiros e para o desenvolvimento da especulação mental pelo ócio e pelo bem estar das classes dirigentes, também concorreram para o insulamento dos Hindus e desenvolvimento do misticismo trucidante da inteliência. As muralhas naturais que defenderam os Hindus até 508 anos antes de Cristo, e os tiveram ao abrigo de novas invasões por quási dois séculos depois de Dario, foram as paredes do seu túmulo. Sem necessidade de defesa da terra, da família e das leis, absortos pela casta sacerdotal, os Hindus não adquiriram o vigor de espirito que torna um povo

apto para grandes cometimentos; e muito menos o adquiriram os outros Índios que formaram casta servil na sociedade brahmânica. O carácter moral amesquinhou-se em todos, a ponto de o lavrador ver impassível os exércitos gregos invadirem o país, atravessando os campos que ele lavrava e continuava a lavar sem fito nem previdência, sem intuito de futuro, indolente, despercebido, indiferente, sem conhecer pátria.

A riqueza do solo e o carácter sofredor do indijena deu à Índia os meios com que ela pagou a Dario o pesado tributo; mas só o contacto com os Gregos, depois de Alexandre, pôde trazer a Índia ao convívio histórico do mundo a tigo, e ainda, como sempre, sem que ela tivesse consciência do seu passado. Já assim não aconteceu à China, apesar do seu notabilíssimo insulamento, por lonjínquo afastamento do ponto de converjência das principais irradiações da cultura humana da Europa e Ásia.

2. — Podemos determinar épocas, marcar datas, na história da China desde tempos remotíssimos. O reinado de *Iau* começou talvez no ano 2356 antes de Cristo, e com todo o rigor diremos que a consolidação da obra político-re-

lijiosa dos *Chous* se fez desde 1122, ano em que *Uú-Uám* subiu ao trono, até 1100 antes da nossa era. O *Chou-li*, o código do *Chou-Cum* é documento precioso do século XII antes de Cristo, importante já sob o ponto de vista histórico e jeográfico.

A China teve desde o seu princípio vida histórica; possuíu desde tempos immemoriais um processo gráfico de assegurar o pensamento, e não teve hierarquia nem casta sacerdotal, nem livro sagrado de revelação divina. Os seus astrónomos computaram o tempo, determinaram o curso de alguns astros, e os períodos das estações e o ánuo, adoptando os meses intercalares e organizando o calendário ainda hoje a uso como no século XXIV antes de Cristo.

3. — Na Índia os Árias foram sensivelmente modificados, e podemos dizer que sensivelmente quasi absorvidos pela raça dravídica, cuja civilização não seria muito inferior à daqueles invasores em grau de fôrça resistente, apesar de serem na essência diferentes e antagónicas as aptidões e qualidades mentais. Com effeito nada faz desaparecer tão rapidamente uma raça como a civilização a que ela não se adapta por infe-

rioridade própria, e lhe é imposta por vencedores de outra raça superior em mentalidade e em aquisições sociais. Os Drávidas, porém, não desapareceram; os que não emigraram cruzaram-se e em grande número com os Árias invasores, — que o tipo físico do Hindu é evidentemente o tipo negroide melhorado por notável influência árica em alguns pontos da extensa área hindus-tânica.

Assim, pois, o cruzamento com estirpes de mesquinho desenvolvimento intelectual; a acção intibiante do clima nos trópicos; a falta de fixação de carácter hereditário por motivo de elementos antagónicos coexistentes; o insulamento; o desprendimento de cuidados cívicos; tornaram enfermiço o sistema nervoso do Hindu e perverteram-lhe o mecanismo psicológico.

4.— A Índia não teve vida histórica senão por influência estranha e muito depois de ter sido a ela chamada por Alexandre. Não possuiu caracteres gráficos, próprios, nem ideográficos, nem silábicos, por meio dos quais tornasse perduráveis as lucubrações do espirito. Os sábios meditavam nas composições tradicionais, cujo carácter de *revelação* obstava a que se lhes investi-

gasse a origem humana e buscassem determinar o momento histórico do seu aparecimento. Os ignorantes ouviam a *palavra sagrada*, se eram iniciados como adeptos; ou transformavam-se em trabalho sem utilidade própria, se lhes eram vedados os místicos arcanos. Uns e outros consumiam a existência, inconscientes da vontade livre, sem dignidade humana. Absortos no sonho constante de ilusões metafísicas, viviam na eterna escuridão do adormecimento de brios cívicos.

5. — As únicas verdadeiras sociedades humanas são as que se constituem em corpo político. Ao sacerdócio, parte docente, pensante por excelência, quando existe nas sociedades primordiais, cumpre desenvolver por sua influência os tres elementos — vida agrícola, propriedade, família — sem os quais não pode nunca chegar-se à unidade política. O sacerdócio na Índia não realizou nem este fim, nem nenhum dos fins sociais que são a sua razão de ser. Em vez de robustecer a *moral* — que enobrecia já a religião védica, principalmente com as tendências para o mono-teísmo e compreensão de justiça reguladora, misericordiosa para com o homem fraco, providente e iniludível do deus *Váruna* —, ensinou a esperar

o *efeito das obras* independente da divindade, e a distinguir o *bem*, como *bom resultado*, do *mal*, como *mau resultado*. En vez de desenvolver o politeísmo despenhou a mentalidade dos ignorantes no mais abjecto feiticismo, — o feiticismo de uma casta ! Ensinou que *do Bráhmene só é rei o Sóma* (a bebida do *não-morrer* personificada) e o *rei só é rei das outras castas*. Ensinou que *ha duas espécies de deuses: os Deuses e os Bráhmanes*, e que *os Bráhmanes são os Deuses visíveis na Terra*. Ensinou finalmente que *o Bráhmene tem o poder de fazer cair do alto sólio aos Deuses e ao maior dos Deuses, Indra*. Dêste modo os Hindus confundiram a *idea de divindade* e de *intermédio* entre Deus e o homem, o que é ficar ateu sem consciência da criação humana da divindade, e feiticista sem possibilidade de comunicar com o seu deus!

6.—Para que o Bráhmene conservasse esta elevação fictícia era-lhe absolutamente necessário o mistério como invólucro e a ignorância nos outros homens como impedimento de aproximação. Como dissemos, os hinos eram transmitidos oralmente, esotéricamente. Em tempos que vieram depois da espontaneidade dos Vates, formaram-se diferentes escolas védicas. O ensino era feito

entre mestres e discípulos oralmente. A vida dêstes homens passava-se a decorar e a transmitir o saber decorado. Transformavam-se em bibliotecas vivas. Um doutor védico sabia de còr tudo o que dizia respeito à sua escola védica. Mas a superstição, que assim desenvolvia a memória, tornava o Hindu um místico, e anulava o *douto* para a sociedade; e de facto esmagou a mentalidade na classe (castas) pensante, e deixou no embrutecimento a classe (castas) que sustentava os ócios sagrados e os faustos réijos.

§ 4.º

Os manuscritos hindus.

1. — À superstição esmagadora do espírito do Índio devemos, porém, a exactidão dos textos da literatura da Índia antiga, como não existe em nenhuma outra literatura que até nós chegasse por cópia de manuscritos.

Não foi, por certo, muito tempo antes de Alexandre que a Índia recebeu do *alfabeto* (1)

(1) O monumento mais antigo de sistema gráfico alfabético propriamente, hoje conhecido, é o da lápide moabita, *Estela de Mésa*, que é do século IX antes de Cristo. Foi descoberto em Diban por Clermont-Ganneau e está no Museu do Luvre, em Patis.

fenício segundo parece mais provável, por intermédio talvez dos Árabes himiaríticos, e por mar, e de um sistema gráfico aramaico, da Mesopotâmia, e por terra, os elementos de que formou os seus sistemas gráficos, aperfeiçoados na representação das vogais e com desenhos representativos de sons peculiares, como eram os cacuminais. Dar à escrita as composições reveladas era, porém, crime nefando; e ainda modernamente o facto é reprovado, a despeito da inutilidade da reprovação porque os textos estão conhecidos e não pertencem esotéricamente a uma casta. Por tais motivos o sistema gráfico pouco serviu na Índia em tempos antigos, desde talvez 400 anos até 250 antes de Cristo, a não ser quasi exclusivamente para relações comerciais. A esse tempo havia já terminado o período védico propriamente dito, e do sámscrito, se ainda se falava, era apenas o dialecto clássico e entre os doutos, com menor carácter de instrumento social do que hoje — que impulso moderno avigora os Hindus e os acorda do torpor em que teem jazido.

2. — Para a conservação dos hinos concorreu poderosíssimamente o modo disciplinado de os decorar. Havia cinco modos de dizer um hino.

O Bráhmene sabia todos os hinos segundo esses cinco modos, contraprova mútua do rigor e fidelidade absoluta da recitação. Graças à prática verdadeiramente assombrosa, não se perdeu um verso, nem uma palavra, nem timbre; e conservou-se rigorosíssima a enunciação. — *Vide* páj. 161.

Hojemesmo, ainda o ensino brahmánico é feito oralmente; e ha na Índia milhares de Bráhmanes que sabem de cór todo o Rigveda — 1028 hinos e 153.826 palavras — e alguns seus discípulos que aos doze ou quinze anos podem repetir esse livro sagrado sem olharem para ele! (Max Müller, H. Lect. p. 157).

A complicação ritualística e a diferenciação dialectal crescente tornaram absoluta a necessidade de assegurar e desenvolver a crítica, a interpretação, e as prescrições teológicas. Recorreu-se então à redacção escrita, embora o doutrramento continuasse oral.

3. — Os materiais da escrita foram a casca ou entrecasco de certas árvores (bétulas), tábuas, folhas de palmeira (principalmente da *corypha taliera*, *corypha umbraculifera*, e também da palmeira *borassus flabelliformis*), tiras de paninho,

e mais tarde papel de algodão; raras vezes lâminas metálicas.

Em Caxmira parece ter sido a casca da *betula bhojpatra* ou *betula bhurja* a matéria prima de manuscritos. É digno de menção especialíssima o texto de um Veda — do *Atarvaveda* (ATHARVAVEDA) — descoberto ali ultimamente, escrito naquela substância.

Os caracteres eram gravados com estilo metálico na superfície preparada, ou traçados a tinta (preta para o texto e entrelinhas, vermelha e amarela para glossas e emendas) de especial composição e com um cálamo.

De *Nearco* diz-se que ele conhecera uma espécie de tecido ou massa (como se fôra papel) de algodão, em que os Índios escreviam. Porém, o conhecimento do papel, e o fabrico desta substância, na Índia, datam apenas do século onze da nossa era. É certo que em livros de leis se mencionam, já em tempo antigo, documentos legais em que entreveem testemunhas para serem válidos e produzirem efeitos futuros. Não podia portanto o material de tais documentos ser a fôlha de palmeira, sempre frágil por maior que seja o cuidado no preparo, e por mais consis-

tente que fique a substância preparada. Eram com efeito escritos esses documentos em PATA, em KĀRPĀSIKA PATA, uma espécie de paninho.

É por consequência provável que as tiras (de algodão) preparadas como se fôsem de massa, e das quais deu notícia *Nearco* fôsem pastas de paninho preparado com mucilagem e pós de natureza própria (como o carvão usado no Canará) para cobrir a superfície do lado onde houvesse de escrever-se.

O papel de algodão também é preparado com mucilagem de tamarindos e arsénico. Esta última droga preserva-o da destruição pela traça.

4. — Dos manuscritos mais antigos que conhecemos na literatura indiana, a maior parte tem só 300 anos ou 400; alguns teem 500 anos. Os manuscritos em folha de palmeira de textos jainas, teem 700 anos, e só um é do ano 1132. Mais antigos do que estes são os nepalenses do ano 1000 e mesmo do ano 883.

Conhecem-se hoje mais de 10.000 obras em manuscritos, cuja parte principal está publicada na Índia e na Europa. As bibliotecas mais ricas são a do *Mahá-Rajá de Tanjor* que possui para cima de 1.800 Ms. em caracteres diferentes; a

biblioteca do *India Office* em Londres, as de *Calcutá*, a de *Benares*, a *Bodleiana*, a de *Berlim*.

CAPÍTULO III

O DESCOBRIMENTO DO SÂMSCRITO E DA LITERATURA SÂMSCRÍTICA. — SUAS CONSEQUÊNCIAS NOS ESTUDOS HISTÓRICOS.

§ 1.º

Notícia e primeiro conhecimento que houve da língua e literatura sâmscrítica.

1. — Os povos que primeiro conheceram literatura e religião hindu foram os Chins. Os Budistas tentaram levar a sua religião à China no ano 217 antes da nossa era; e no ano 122 um jeneral chinês apodera-se duma estátua de Buda nas bandas orientais de Iarcand, e apresenta-a ao imperador, como também nesse mesmo ano um embaixador chinês informa *Uú-ti*, da dinastia Han, acêrca dos reinos e costumes dos países limítrofes do celeste império a ocidente, e lhe menciona a Índia e os bárbaros de Buda.

No ano de 64 da nossa era, o Budismo entrava definitivamente na China. No século II tradu-

zia-se o « Lódão da Bôa Lei » Em 381 o imperador *Hiau-Uí* edificava o pagode búdico no seu palácio de Nanquim, e era tal a aceitação do Budismo, no século IV, na China, que havia templos búdicos nas principais cidades, e era permitido oficialmente aos Chineses que fizessem votos de *Xámen*, isto é de *Sámanas* ou *Xrámanas*, discípulos de Buda.

Quando tratarmos da influência da Índia e da literatura e religião hindu nos povos estranhos à península himalaica, faremos a resenha histórica do Budismo na China e do conhecimento que os Chins tiveram dos livros hindus. Aqui, porém, só buscamos o fio condutor do conhecimento do sâmscrito e literatura sâmscritica a occidente da grande península.

2. — Como se fôra fermento de levadura que, por diminuto que seja, altera o sabor da massa a que se junta, encontramos, em teorias e doutrinas que abalaram os povos occidentais, sabor de ideas absolutamente indianas, que por certo penetraram na Ásia Menor e na Europa já antes da existência do filho de Filipe. Qual fôsse o veículo, não é fácil demonstrá-lo, porque ainda não temos provas seguras de que a Índia, para ex-

pansão da doutrina búdica, viesse em demanda de adeptos ao ocidente, como o fez quando tentou apostolar aos povos a oriente, em cujo meio social, em breve, o Budismo se tornou elemento próprio.

Foi Dario quem lhe impôs tributos. Foi Alexandre quem a avassalou. É a Grécia que a torna quasi pagã do ocidente e lhe ensina em escultura a representar Apolo guiando os cavalos do seu carro solar; e lhe ensina a ornar os capiteis das formosíssimas colunas da architectura de Caxmira. É a Grécia, no dizer de Plutarco, a insufladora da alma helénica em todo o Cáucaso indiano; e é a Grécia quem faz descer ao vale do Indo as *Iavanis*, as filhas da Jónia, para formarem o séquito real dos efeminados rajás. Mas o Ocidente parece ignorar que exista na Índia a civilização que a sua literatura revela, e que as suas obras d'arte demonstram.

Augusto recebeu os emissários de Poro (?), e Horácio alude ao facto com certo encarecimento. Mas Estrabão, que também relata o mesmo facto, lamenta a escassez de documentos e a falta de informações para tratar da Índia, aonde só vão para comércio homens de tráfico,

ignorantes e incapazes de observarem com discernimento, homens sem idoneidade para informadores.

3. — Com efeito a antiguidade grega e latina desconheceu a literatura da Índia árica, então já existente na sua melhor parte, porque os antigos só pensaram na Índia sob o ponto de vista militar e comercial; como sob o ponto de vista religioso e comercial exclusivamente a exploraram os modernos Europeus.

Nem *Heródoto* (III, 98-106), nem *Ctésias* (*Indica*), nem *Diodoro Sículo* (II, 35-41), nem os dois grandes jeógrafos *Estrabão* e *Ptolomeu*, nem *Plínio* o naturalista, nem *Arriano* (*Indica*), nos relatam cousa que nos mostre terem os antigos conhecido a, já então, vastíssima literatura samscritica.

4. — Nós os Portugueses fizemos pouco mais do que os Romanos, que mandavam todos os anos à costa do Malabar navios, que pelo Mar Vermelho trouxessem animais, plantas, pedras preciosas, ouro e outros produtos aos senhores do mundo, e breve se perderam engolfados nas riquezas extorquidas. Nós não conhecemos a riqueza literária da Índia, e só explo-

rámos a sua riqueza material. E assim fizeram Holandeses e Franceses; e só o não fizeram os Ingleses porque teem sabido abrandar a sêde de ouro buscando mananciais, em toda ordem de factos para a mitigarem. E por êste motivo foram os Ingleses levados a conhecer a literatura da Índia pelo comércio e com fins comerciais.

5.— Os Persas e mais ainda os Árabes foram, todavia, os primeiros povos a ocidente da Índia que estudaram a literatura samscritica.

Em 750 da nossa era, na côrte do *Califa Almançor*, traduziu *Abd-Alah* apólogos indianos; e em 773 levou ali um Índio alguns tratados de astronomia.

Foi por via dos Árabes que a Europa conheceu os algarismos devanágricos representativos dos números dígitos, e que apelidamos letras de conta árabes; foi só depois disto que a Europa conheceu o valor de posição no sistema de numeração.

Harun-al-Raxid teve na sua côrte dois médicos índios.

Albiruni, um dos maiores sábios do seu tempo (970-1038), viveu durante quarenta anos na Índia;

estudou a literatura, os costumes, a religião, as ciências dos Índios; traduziu do sâmscrito para o árabe a *Filosofia de Sânquia* e a do *Ioga*, e deixou um livro admirável a respeito da Índia. — *Vide*, páj. 166.

6. — Nos séculos immediatos continuaram os Árabes o trasladar para a sua língua diferentes obras escritas em sâmscrito. Todavia, só, na segunda metade do século XVI, um grande imperador conseguiu assenhorear-se, em parte, do segredo dos Bráhmanes e dar em outra linguagem as epopeias samscríticas. Foi este imperador *Jalalo-din-Mohámad*, o *Grande*, como o apelida com razão a história pelo nome de *Ácbar*; foi ele quem primeiro, com intuitos de civilização e de sondar o espírito do povo cujo império tinha (1560-1605), fez conhecer boa parte da literatura samscrítica.

A corte de *Ácbar* compunha-se de homens de vastíssima ciência. Ali havia grandes poetas, e sábios, e pensadores profundos. Entre eles havia poetas e filósofos como o xeque *Mobárac* e seus dois filhos e discípulos *Faizi* e *Abu-l-Fádel*; havia os historiadores *Cuaja-Nizamo-din Áhmad*; o xeque *Iláhdad Faizi Sirhendi* e *Máulana Áhmad*,

e o também historiador, astrónomo e músico, o fanático *Mula-Abdu-l-Cáder* conhecido por *Al-Badauni* (natural de Badaun).

Era, êste, insigne investigador e profundo conhecedor de várias línguas; e foi ele quem mereceu a honra de ser encarregado por *Ácbar* de traduzir todo o (MAHĀBHĀRATA) *Mahá-Bārata*, e todo o (RĀMĀJANA) *Ramāiana*. Dispendeu o sábio no trabalho a que procedeu desde 1582 até 1591. Ficou, porém, estéril para a ciência a tradução feita por *Al-Badauni*.

7. — Um século depois do grande imperador tiveram as letras samscriticas novo cultivo. O bisneto de *Ácbar*, única pessoa da sua família capaz de manter a dignidade daquele nome, o denodado e altivo quão infeliz *Dará*, estudou a língua sagrada dos Bráhmanes e trasladou para a língua persa as *Upanixadas*. Foi a tradução feita por esse príncipe o texto de que *Duperron* (1795) se serviu para dar a versão francesa, único manancial donde proveiu por muito tempo aos sábios da Europa o conhecimento da filosofia da India.

§ 2.º

Os precursores do estudo da língua e literatura samscrita na Europa.

1. — Os verdadeiros precursores dos estudos do sámscrito na Europa foram missionários e principalmente os italianos *Gemignano da Sant'Ottavio* e *Marco Della Tomba*, o dinamarquês *Hanxleden* e os padres jesuítas franceses *Pons* e *Cœurdoux*.

Antes destes, parece ter, já em fins do século XVI, *Filipe Sassetti*, negociante florentino, traduzido do sámscrito um dicionário de medicina.

Na côrte de Ácbar tinham estado : *Rudolfo Aquaviva*, *Monserate*, *Antonio Cabral*, *Jerónimo Xavier*, *Manuel Pinheiro*, e *Benedito* ou *Bento de Goies*. Mas nenhum destes trouxe a lume para a ciência conhecimento do que *Sassetti* chamava as *belas cousas da Índia*, e *Marco Della Tomba* julgava indispensável para as boas missões entre o *jentio hindustânico*.

2. — *Gemignano de Sant'Ottavio* esteve na Índia por meados do século XVII. Atribui-se-lhe uma tradução de *Upanixadas*, e de outros livros sams-

críticos. *Hanxleden* viveu na Índia de 1699 a 1732. Estudou o sâmscrito e traduziu do orijinal um trabalho de gramática (VJĀKARANA), de que se serviu depois o carmelita húngaro *Frei Paulino de S. Bartolomeu* (Roma, 1790-1804), a cujas mãos foram ter os manuscritos de *Hanxleden*. Atribui-se-lhe também um dicionário malabar-sâmscrito-português. Verteu para latim o dicionário (KOŚA) de AMARA-SĪHA, o AMARA-KOŚA. Desta versão tirou também o carmelita húngaro o trabalho que apresentou do primeiro livro dêsse cóxa. Mas o carmelita pouco sabia, no dizer de Schlegel, do que trazia a lume e era de alheia lavra.

3. — O capuchinho *Marco Della Tomba* esteve na Índia de 1756 até 1773. Foi um dos mais notáveis e modestos investigadores. Traduziu trechos do *Mahá-Bārata*, dos *Puranas*, dos *Códigos*; conheceu o *Ramáiana*, e deu versão em italiano de alguns dos cantos dele. Parte dos manuscritos preciosíssimos de *Marco Deila Tomba* foi já trazida a lume por *Ánjelo de Gubernatis*, lente de sâmscrito em Florença, arrancada ao olvido em que jaziam no Colégio da Propaganda, na biblioteca do *Museu Borjiano* em Roma.

4. — O Padre *Pons* escrevia, em 1740, uma extensa carta ao Padre *Du Halde* da companhia de Jesus, dando-lhe notícias minuciosas da literatura indiana e mostrando, como também o mostrou depois *Della Tomba*, quanto importava para o bom resultado das missões conhecer essas particularidades. Mais tarde reuniram-se na *Biblioteca do Rei*, em Paris (Bibl. Nacional), os Mss. com que o ilustre Jesuíta a enriqueceu.

5. — Ao Padre *Cæurdoux* deve a ciência o ter ele notado com sagacidade que muitas palavras do sâmscrito correspondiam de modo singular em som e significação, a palavras das duas principais línguas da antiguidade clássica. O Padre *Cæurdoux* chamou para isto a atenção da *Academia das Inscrições e Belas Letras*, de Paris; os académicos, porém, não souberam estimar quanto valia a memória que ele lhes endereçou

§ 3.º

Como se firmaram os estudos do sâmscrito clássico.

1. — O que os sábios das Academias desprezaram, aproveitou-o o talento administrativo britânico. A honra de assegurar para a ciência

o valor da literatura samscritica coube por fim à Inglaterra.

Ia em meio do segundo decénio a segunda metade do século XVIII, quando, pelo tratado de *Alahabad* (1765), a *Companhia das Índias* foi reconhecida soberana de Bengala. *Warren Hastings*, governador geral, entendeu conveniente rejeitar os Índios segundo as próprias leis destes. Onze Bráhmaes fizeram um extracto dos principais códigos da Índia que, dado em persa, foi trasladado desta língua para a inglesa. O livro é conhecido pelo «*Code of Gentoo Law*» e o seu editor científico foi *Halhed*. No prefácio deu-se pela primeira vez aos sábios, que não só a um ou outro erudito de convento ou colégio sacerdotal, noticia já bastante circunstanciada da língua original dos códigos extrahidos — o *samscrito*. Foi isto em 1776.

2. — Só, porém, em 1785 conheceu a Europa a primeira tradução directa do *samscrito*. O tradutor foi um negociante inglês, *Wilkins*; o texto, o poema filosófico a *Bagavadguitá* (BHAGAVAD-GITĀ) extraído da colossal enciclopédia indiana o *Mahá-Bárata*.

Aquele texto seguiram-se logo outros. O mesmo

Wilkins traduziu a colecção de fábulas conhecida pelo nome de *Hitopadexa* « instrução útil ».

William Jones traduziu o célebre drama de *Calidasa* a *Xacuntalá* ou o *Xâcûntalam*.

3. — A admiração e o entusiasmo que, em 1789, esta obra cénica do poeta hindu veio despertar e levantar é indescritível. Comunicou-se rapidamente o sentimento espontâneo de aplauso, e chegou ao extremo o louvor, na Inglaterra, na França, na Alemanha, na Dinamarca, na Rússia, na Itália.

Anteviam-se minas preciosas de finíssimas delicadezas literárias na Índia. Esperançosos em retemperarem as suas concepções, os poetas, os romancistas, os filósofos, os historiadores, os filólogos, os artistas, adivinhavam a segunda renascença; mas só queriam monumentos literários de beleza orijinal e côres vivas, cheios de íntimo calor, como a ardência que se manifesta no colorido vegetal da natureza dos trópicos.

4. — Espíritos esclarecidos, como o de *Herder*, crítico sagaz e apreciador excelente de assuntos literários, deixaram-se arrastar nestas ondas de fantasia sobreexcitada, e ficaram cegos sem ver a maior importância dos *Vedas*, que o pró-

prio *Colebrooke*, o primeiro que revelou esses livros, desconheceu em parte e amesquinhou.

Esta direcção errada que o sentimento estético deu aos estudos e à crítica filológica dos monumentos literários samscritos manifesta-se ainda hoje. A sua última expressão desculpável foi a «Bíblia da Humanidade» de *Michelet*.

5. — *William Jones* tinha sido advogado em Londres. Horas que muitos dão ao ócio occupava-as ele no estudo de idiomas e literaturas orientais. Diz-se que sabia mais de vinte línguas. Foi ele quem, logo depois de iniciado por *Halhed* nas jeneralidades da antiguidade indiana, tendo ido para Calcutá como juiz, fundou ali em 1784 a *Sociedade Asiática*, donde partiram, onde se robusteceram e onde prosperam os estudos de samscrito, onde se realizaram e continuam grandes trabalhos de investigação acêrca do Oriente. *William Jones* é digno da celebridade do seu nome, pela firmeza com que assegurou os estudos samscritos; mas às mãos vigorosas dos sábios que lhe sucederam se deve o grande êxito.

6. — Por morte de *Jones* em 1794, homens de grande vulto, *Colebrooke* e *Wilson*, proseguiram e consolidaram a obra encetada.

Colebrooke principiou a ensinar à Europa o sistema hindu de gramática (VJĀKARAṆA) samscritica (1.º e unico volume impresso em Calcutá em 1805); revelou-lhe os *Vedas* (1805); explicou (até 1827) os sistemas de filosofia, de poética, de aritmética, álgebra e astronomia hindu, e fez que fôsse melhor apreciado o dijesto de leis da Índia sobre contratos e obrigações, direitos testamentários e sucessões.

Wilson deu jenerosamente o tesouro das palavras do samscrito no seu excelente dicionário (1.ª ed. Calcutá, 1809); escreveu doutíssimas memórias que constituem vasta e preciosa enciclopédia, na qual se leem profundos juízos sôbre a literatura e relijião dos Índios; deu a tradução completa de todo o *Vixnu-purana*, a de seis obras cénicas do teatro hindu, a análise de mais vinte e tres, e deu uma dissertação, ainda hoje capital, do sistema dramático, enrêdo das obras cénicas, desempenho, caracteres, declamação e aparato cénico na Índia clássica.

7.— Os *Vedas* foram a princípio julgados com desfavor, por não haver chegado a ciência europea à altura conveniente para os interpretar. Mas sem eles a literatura samscritica ficaria mera

curiosidade, sem merecer jamais importância sob o ponto de vista da estética; porque os seus monumentos não atraem pela fôrma, estranha para nós Europeus, e não podem servir de modelo no mundo ocidental como ainda hoje servem os monumentos literários da Grécia e de Roma.

8.—As guerras, em que, ao tempo de estes trabalhos se prepararem, andava empenhada e acesa toda a Europa, não eram de feição para que estudos tão difíceis tivessem largo e rápido desenvolvimento. Os sábios, isolados pela grande muralha de ferro e bronze que o primeiro Napoleão estendera de ocidente a oriente, não tinham conhecimento dos seus respectivos e mútuos trabalhos. Mas nessa época, a mais assombrosamente produtora e dotada de jénios, as grandes criações, as úteis descobertas, parece que achavam mão oculta que as servisse e fizesse conhecidas.

Hamilton, official inglês, estava prisioneiro em Paris em 1803. Empregava o tempo em examinar e catalogar a preciosa colecção de manuscritos, que, na segunda metade do século XVIII, o *Padre Pons* havia reunido para a *Biblioteca do Rei*. *Hamilton* era membro da *Sociedade Asiática* de

Calcutá. Paris era a capital do mundo dos Orientalistas. Por *Hamilton* foram alguns deles habilitados com os primeiros conhecimentos do sâmscrito; de *Hamilton* recebeu as primeiras lições *Frederico de Schlegel*, talento primoroso, e índole poética e elevada como a de seu irmão o grande poeta e glotólogo *Augusto Guilherme de Schlegel*.

Assim quando *Chézy*, um dos discípulos de *Hamilton* (1), teve conhecimento da gramática samscritica de *Carey*, impressa em Calcutá em 1810, e da de *Wilkins*, em Londres em 1808, já ele havia traduzido e estava imprimindo o texto do célebre drama de *Calidaça* (*Xacuntalá*), seguindo a recensão bengali.

9. — Mas a descoberta do — « Novo Mundo intellectual » — deve-se à perspicácia, à vidência de *Frederico de Schlegel*, na sua obra « Língua

(1) Langlès não fez o catálogo dos Manuscritos orientais em colaboração com Alexandre Hamilton; o — « Catalogue des Manuscrits Sanscrits de la Bibliothèque impériale avec des notices du contenu de la plupart des ouvrages », par MM. Alex. Hamilton et L. Langlès. Paris, 1807 — foi feito por Hamilton que o escreveu em inglês e vertido para francês pelo bibliotecario Langlès, que apenas sabia ler os caracteres devanagricos, diz Fr. Adelung in « Bibliotheca samscrita », páj. 103.

e Sabedoria dos Índios » (Heidelberg, 1808).

Não foi ele quem explorou esse continente vastíssimo e rico. Não foi ele quem nos trouxe os produtos e as maravilhas do ubérrimo torrão. Mas foi ele quem teve a felicidade de mostrar aos sábios o que vira desenhar-se no lonjínquo horizonte, e já quasi adivinhara o esquecido *Cœurdoux* — as fórmias colossais dum mundo antigo ressuscitado, que era ao mesmo tempo um mundo novo que surjia para a ciência: o mundo árico, arrancado ao segredo dos séculos pre-históricos por *Bopp* e por *Pictet*, sondado até o fundo da sua primordial constituição glotolológica por *Schleicher* e por *Fick*.

10. — *Chézy* foi o primeiro catedrático, lente (professeur) de sâmscrito. Luís XVIII fundava a cadeira no *Colégio Real de França* em 1814. Pelos conselhos do barão *Stein von Altenstein* e de *Guilherme de Humboldt* criava depois o rei Frederico Guilherme III, em 1818, as cadeiras de Berlim e Bonn. Seguiram-se criações idénticas por toda a Alemanha, e na Inglaterra; na Áustria; em quasi toda a Europa, e nos Estados Unidos.

Só tarde chegou a Portugal a sua vez. Teria

sido por certo mais tarde se o Duque de Ávila e de Bolama não fôra dotado de coragem para criar em 1877 no Curso Superior de Letras a cadeira de *Língua e literatura samscritica clássica e védica*, dando assim execução a parte do plano dum modesto desconhecido.

§ 4.º

Os criadores dos estudos védicos.

1. — Se não se tivessem descoberto os *Vedas* estaria ainda hoje por conhecer o capítulo, mais importante e assombroso de maravilhas, da história da nossa raça. Em 1789 o coronel *Polier* trouxe para Inglaterra a cópia dum manuscrito dos *Vedas* que lhe deu o Português *Pedro da Silva*, médico na Índia do rajá de Jaipur. *Joseph Bankes*, a quem ela foi presente, entregou-a no *Museu Britânico*, onde está arrecadada.

Conheceram-se posteriormente outras cópias. Merece especial nota a colecção de manuscritos de *Sir Robert Chambers*, comprados, depois da morte do célebre juiz do supremo tribunal de Calcutá, aos seus herdeiros, e existentes hoje na *Biblioteca* de Berlim.

2. — Antes do conhecimento destas differentes cópias, já a Europa havia sido abalada pelo rebate falso dado por *Voltaire*, que, por acreditar que possuía o verdadeiro *Veda*, engrandecera em vulto a importância da obra de um autor cristão, o qual desejoso de impugnar as crenças hindus escrevera um livro e o fizera passar por manuscrito hindu antigo.

Este livro, como outras composições feitas no sul da Índia pelos habilísimos missionários da Propaganda, traduzido e impresso sob o título « *L'Ésur Veidam traduit du sanscretam par un Brame (Yverdun 1778)* » é uma pia fraude no estilo dos *Puranas* e não dos *Vedas*. Atribui-se ao Jesuíta *Robertus de Nobilibus* ou *Roberto De'Nobili da Montepulciano*, homem eruditíssimo no tocante à antiguidade indiana, conhecedor de obras sams-críticas actualmente apenas conhecidas de número diminuto de sábios indianistas e ainda não impressas. Foi conhecida a fraude por *Ellis*, empregado civil de Madrasta, que descobriu e publicou, em Pondichéri, o texto desta fraude literária, no volume XIV das *Asiatic Researches* de Calcutá, em 1822.

3. — O grande *Colebrooke* (1805) foi quem pri-

meiro deu análise autêntica dos *Vedas*. Os outros fundadores dos estudos védicos foram os Alemães *Rosen* (1830), *Roth* (1840) e *Benfey* (1848). *Rosen* faleceu poucos anos depois de os haver iniciado, como lente na Universidade de Londres. A sua obra foi impressa póstuma em 1838. *Benfey* proseguiu esses estudos até que desapareceu, em idade adiantada, dentre os grandes orientalistas que com ele desbravaram o terreno e teem sido sempre guias seguros, e mestres e descobridores exímios. Deles ainda temos vigorosos : um dos fundadores, o grande *Rudolfo Roth*, e dos melhores mestres que pertencem ao tempo dos primeiros estudos, *Weber* e *Aufrecht* na Alemanha, *Whitney* nos Estados Unidos, *Max Müller*, de orijem e por nascimento Alemão, em Inglaterra.

Em França existe ainda a relíquia veneranda *Adolfo Regnier*, contemporâneo e discípulo do grande *Burnouf*, dêsse jénio possante e delicadíssimo talento, que por suas lições admiráveis no *Colégio de França* muito concorreu para a bôa direcção dos estudos védicos na Europa, por onde disseminaram doutrina e método os discípulos que dele ouviram a palavra autorisada.

A *Max Müller* deve-se a primeira edição do *Rigveda* em caracteres devanágricos; mas *Aufrecht* publicara antes o texto em caracteres romanos.

4. — Dentre os modernos vedistas realçam no assentar da interpretação: o malogrado *Grassmann*, da escola de *Roth*; *Martinho Haug*, falecido ainda novo também (um dos mestres do autor deste magro resumo); *Ludwig*, de Praga; *Bergaigne*, de Paris (outro mestre de quem escreve estas linhas).

Trouxe grandes valores para o tesouro adquirido *João Muir*; continuam a acrescentá-lo *Delbrück*, *Windisch*, *Henrique Zimmer*, *Bergaigne*.

Na Índia concorrem meritóriamente para o adiantamento dos estudos védicos os Hindus *Rajendra Lala Mitra*, *Xankar Pandurang*, *Daiànan-da Sarasuati* e outros *pânditas*.

5. — Deixei pensadamente para só agora o lembrar o nome de *Langlois*. Foi êste orientalista francês o primeiro tradutor de todo o *Rigveda* (1848-59). O seu arrôjo foi, na verdade, notável, mas o resultado não correspondeu ao improbo trabalho. Os nomes de *Barthélemy Saint-Hilaire* e de *Félix Nève*, são dignos de reconhecimento. O nome de *Foucaux* é o de um orienta-

lista distinto que tem jus a grande consideração pelas bases que lançou noutro campo de estudos; mas não é o de um vedista. É falso que a ele se deva a segunda edição do *Rigveda* de Langlois (Maisonneuve, Paris, 1872).

§ 5.º

Os fundadores da teoria da unidade árica. — Principais trabalhos históricos e filológicos posteriores.

1. — Quási contemporâneo do descobrimento do sâmscrito e da aquisição de manuscritos védicos foi o descobrimento do *xenda* e de manuscritos *avésticos*. Vieram para a Europa os primeiros em 1723; eram uma cópia do *Vendidad Sadé* que os Parses de Surrate deram a Jorje Boucher, e Ricardo Cobbe trouxe para Inglaterra; mas só em 1777 o mundo científico leu a primeira tradução do livro sagrado dos Parses — *O Avesta* — trasladado por Anquetil Duperron dos manuscritos por ele próprio trazidos da Índia e depositados na *Biblioteca do Rei*, em Paris. A tradução foi feita para francês e segundo a explicação dada em persa pelo *Dástur Darab* o mestre de Duperron, e um dos mais hábeis Dástures de Surrate.

Os contemporâneos não souberam apreciar a sublime dedicação e a grande modéstia daquele homem digno de todo o respeito — nem *Kant*, o grande filosofo; nem *W. Jones*, o célebre orientalista; nem *Richardson*, o mestre em lexicografia persa!! Só depois de assegurado o estudo do sâmscrito, poudeser útil a colheita que tantas fadigas e peripécias românticas havia custado a *Duperron*. *Rask*, um sábio dinamarquês, foi quem demonstrou cabalmente não só a autenticidade dos textos avésticos, mas a da língua zenda, conjénere e não dialecto do sâmscrito. A sua obra, impressa em 1826 em Copenhague, foi nesse mesmo ano traduzida em alemão e impressa em Berlim. Estava assegurada cientificamente a existência não só de uma língua oriental conjénere do sâmscrito, mas também a de novos textos orientais.

2. — A este tempo já o célebre *Bopp* havia escrito o seu famoso livro do « Sistema da Conjugação em sâmscrito » (Francforte, 1816); e era a época maravilhosa dos jénios colossais que se chamavam (os dois) *Schlegels*, *Creuxer*, (os dois) *Humboldts*, (os dois) *Grimms*, *Burnouf*, *Rémusat*, *Sacy*, *Rask*, homens de letras, poetas,

filósofos, naturalistas, filólogos, mitólogos, orientalistas, de profundíssimo saber e crítica penetrante.

A ciência não podia ficar por mais tempo no cepticismo ignorante ou ingrato; porque estes homens de coração e inteligência pertenciam à primeira parte da época inaugurada por *Adelung*.

Com efeito, no ano de 1816 também, terminava *Vater* a publicação dos escritos do famoso investigador, a quem se deve não só a decisiva condenação do enraizadíssimo preconceito de que o hebraico tivesse sido a língua originária da humanidade, mas também o assentamento do problema da unidade étnica dos povos que denominamos indo-célticos. A grande obra de *João Cristóvão Adelung* « Mitridates ou Arte jeral das línguas » assinala, pelo método científico, a passagem da antiga glotolojia para a moderna.

Anquetil Duperron escrevera na sua obra (tomo I, p. XVII) — « daqui a 200 anos, quando os sábios conhecerem verdadeiramente o zenda e o pélvi, poder-se ha então rectificar aquilo em que eu tenha errado; e o mundo terá mais exacta tradução do Avesta ». Não foi preciso tanto tempo. A perspicácia de *Eujénio Burnouf*, guiado

pelo sâmscrito e seguindo pelo caminho aberto pelo célebre *Rask*, ganhou ao tempo quasi século e meio. A sua obra capital é o célebre : « Comentário ao *Iácena* ».

Bopp, em 1816, havia já comparado o sâmscrito com o grego, com o latim, com o persa, com o eslavo e com o alemão. Depois de 1833, poudé completar a sua obra majistral e de inexcedível clareza, padrão de glória de um jénio e uma das mais belas manifestações do jénio do homem. Com a sua obra « Gramática comparada do sâmscrito, zenda, arménio, grego, latim, litá-vico, gótico e alemão » demonstrou *Bopp* a unidade árica.

3. — À discussão do parentesco glotolójico ligou-se immediatamente a do problema capital : *qual teria sido o ponto de partida, a séde originária, e primitiva pátria dos povos que denominamos indo-célticos.*

Frederico de Schlegel defendia a orijem indiana; *Link*, em obra também notabilíssima para o seu tempo (1821-22), opunha a esta opinião a de que o zenda era a língua mãe do sâmscrito, e que dela se derivavam o grego, o latim e o escravo, e ainda, embora secundariamente e no

mesmo grau do persa, o alemão. A séde orijinária teria sido, ensinava *Link*, o planalto da Média, a Arménia e a Jeórgia ou Gurjistão; e tal era o modo de ver de *Duperron*, *Herder* e outros investigadores e o mais aceito no princípio dêste século.

Quem primeiro procurou o logar da pátria primitiva dos indo-celtas, sem se perder na falsa hipótese de que uma das línguas de que possuímos documentos seja a orijinária, foi *Rhode* no seu livro « As tradições sagradas do povo zendá » (Francforte, 1820).

Por considerações feitas tendo por base designações jeográficas que se encontram no primeiro *Fargard do Vendidad*, concluiu que a séde orijinária tinha sido a *Eeriene Véedjo* (*sic*), nos altos e frios planaltos e soberbos montes, cujas vastas cumiadas e altos píncaros estão eternamente cobertos de neve, na rejião onde nascem o Óxus e o Iaxartes.

Independentemente de *Rhode*, pensava *Guilherme de Schlegel* do mesmo modo; e posteriormente assentou a teoria de que a rejião entre o Mar Cáspio e os planaltos da Ásia Central tinha sido a séde orijinária dos proto-Árias.

Ha trinta anos, pois, e desde *Adelung*, acci-
tava-se na ciência a doutrina de que a *Ásia*
Central, entre o Himálaia e o Mar Cáspio, havia
sido o berço da nossa raça (indo-céltica); e com
as palavras de *Pott* « *EX ORIENTE LUX* » por
lema, tinha-se como certo que: *a civilização se-*
guira o curso aparente do sol (Pott); o povo que
mais a ocidente se encontrava na Europa era o
que mais cedo se partira do oriente e aquele a
quem mais fundas raízes prendiam no seu caminho
(Jacob Grimm).

Pictet (1859) deu alma a estas teorias, na sua
obra fundamental de pre-história árica « *Asoríjens*
indo-europeas, ou os Árias primitivos », protentoso
trabalho a que o ilustre jenebrino deu o subtítulo
de *paleontologia lingüística*, mas classificou mo-
destíssimamente como — *Essai*.

Fundado nos escritos e ensinamento de *Bopp*
e *Pictet*, e nos de *Grimm* (1822, 1848) e *Pott*
(1859), o malogrado *Schleicher* lançou as bases
da reconstrução do *proto-árico* com o seu « *Com-*
pêndio de Gramática comparada » (1861); *Fick*
escreveu o vocabulário « *Tesouro das línguas*
áricas e do proto-árico » (3ª ed. 1874-76).

4. — Em 1877 a teoria da emigração dos Indo-

celtas tinha entrado em fase inteiramente nova. *Schleicher*, *Lottner*, *Scherer* e *Fick* dividiam a unidade proto-ária em dois ramos: *oriental* e *occidental*, ou *asiático* e *européu*. Na contenda para êste assentamento *Fick* teve por certo a melhor parte, e dentre os seus livros não esqueçamos o intitulado « A antiga unidade glótica dos Indo-germanos da Europa ».

O debate, porém, tinha-se quasi exclusivamente restrinjo ao campo glotológico. Os naturalistas, — botânicos, zoólogos, jeólogos — haviam contribuído com subsídios valiosos para a resolução do problema; todavia só com o livro de *Poesche*, « Os Árias » (Iena, em casa de Hermano Costenoble, 1878), entrou a ciência definitivamente no caminho da antropologia histórica, por onde continua levada por *Carlos Penka* sem que se esqueça a importância da glotologia.

Assim como *Pictet* deu alma às teorias aceitas em seu tempo, assim actualmente *Otto Schrader*, de Viena d'Áustria, condensou num livro admirável as modernas teorias, antes de ter conhecimento do livro de *Penka*: e pelo caminho lingüístico, sem desprezar a antropologia, chegou a determinar a séde originária dos proto-Árias

nas planícies ao nordeste na Europa. *Poesche* determinára já antes as terras baixas e marneis de Rokitno entre os rios Niémen e Dniepre. *Penka* dá como séde orijinária da Jente Árica a Escandinávia.

5. — Além dos estudos de glotolojia e dos novos pontos de vista em etnolojia criados pelo conhecimento do sámscrito e zenda, criaram-se, principalmente a partir de 1859 e depois da obra de *Pictet*, e do trabalho fundamental de crítica mitolójica « O Fogo e a Bebida dos Deuses » de *A. Kuhn*, os estudos de jurisprudência comparada e de religião comparada.

Os textos de direito hindu acumulados desde *Colebrooke*, a seu exemplo e pela diligência proveitosíssima de *Stenzler*, *West*, *Bühler*, *Burnell* (ha pouco falecido na idade em que o homem se avigora!) constituem sôma de materiais bastante para se proceder à investigação das orijens do direito. O que valem mostram-no os trabalhos de *Sumner Maine*, *Fustel de Coulanges*, *Julius Jolly*, *Edward Hearn*, *Vixuanat Naraian*, etc.

Depois do tratado de *Kuhn*, outros marcos indicadores e normas no proseguimento do estudo comparativo das mitolojias e religiões são : o

pequeno volume, porém notabilíssimo, dado a estampa em 1863 por *Miguel Bréal* « *Hércules Caco* », a obra de *Guilherme Mannhardt* « *Culto religioso das Florestas e Campos* » (2 vl. 1875-77) e a paciente, severa e larga dissecção do Rigveda intitulada « *A religião védica segundo os hinos do Rigveda* » de *Abel Bergaigne* (3 vol. 1878-83).

Na Holanda e na Alemanha principalmente mas também na Inglaterra e França e ainda na Itália, o estudo histórico das religiões e da evolução da idea religiosa ou religião (em geral) tem ultimamente chegado a desenvolvimento tomado interêsse de tal ordem que os seus resultados influem já na instrução histórica desde as primeiras letras, e vai tardando em alguns países cultos a criação no ensino superior de cadeira especial dêste ramo de ciências sociológicas.

Tiele na sua obra capital « *História comparada das religiões do Egipto e da Mesopotâmia* » e no seu resumido mas precioso « *Manual da História das Religiões* », *J. Darmesteter* nas obras modelos de sagacidade no desvendar dos segredos do *Avesta*, *Barth* no seu óptimo livro « *As religiões da Índia* », *Sénart* na excelente e eruditíssima obra « *Lenda de Buda* »; sem falarmos nas

publicações das «Hibbert Lectures», dos «Sacred Books of the East» nas que *Mauricio Vernes* tem dirigido, e noutras das escolas da Holanda e Alemanha, dão idea clara do processo que hoje segue o investigador da evolução do facto social relijião.

6.—Para que se façam as sínteses eficazes que revolucionam o mundo das ideas é mister o árduo e constante acumular que nestes estudos da antiguidade indiana devemos a *Goldstücker*, *Böhtlingk*, *Muir*, *Aufrecht* e outros orientalistas, que em menor grau teem seguido prudente e despreocupadamente o caminho aberto pelo grande *Weber*, o sábio a quem mais devem os indianistas. São necessárias as excavações arqueológicas em que sobresaem *Cunningham*, *Burgess*, *Edward Thomas*, os quaistanta luz teem derramado na esfrajística, numismática e epigraphia, em que os secundam *Sénart*, *Bergaigne*, e o Hindu *Bhagvanlal Indraji*. É absolutamente indispensável a decifração paleográfica em que tanto se distinguio *Burnell* e já antes o seu predecessor *Prinsep*.

Se houvesse hoje quem reunisse como o célebre *Lassen* (1858-73), todo o saber actual numa

« História das Antiguidades indianas » teria de avolumar em dôbro a estupenda obra (4.967 páj. in. 8.º gr. compacto) que o grande indianista sueco, e sucessor de G. de Schlégel em Bonn, legou aos estudiosos futuros para admiração deles e de todo escolar.

§ 6.º

Interêsse do estudo do sâmscrito.

1. — *Hegel* (Obras, vol. XVI p. 361. Berlim 1834) disse que o descobrimento do sâmscrito é na ordem das ideas, e ficará para sempre, o que foi no século XV na ordem dos factos, e ficou para sempre, grande e memorando acontecimento, a descoberta da América.

2. — Por longo tempo se duvidou da autenticidade da literatura sâmscritica. Mas hoje reconhece-a todo o mundo científico, e até a política das nações assenta sobre ela o principio das grandes nacionalidades formadas pelo nexu glotológico.

3. — O sâmscrito estudado nos textos clássicos revela-nos os seguintes factos principais: — característicos específicos do povo hindu; — estudo notabilissimo da gramática, da poética e da re

tórica samscríticas, feito pelos Hindus; — analogias com literatura da antiguidade clássica europeia; — uma filosofia cuja influência é manifesta pelo menos nas doutrinas gnósticas e dos Maniqueus, e na filosofia de *Plotino* e seu discípulo *Porfírio*, e mais tarde foi a base da filosofia de *Schopenhauer* notóriamente; — contos, fábulas, tradições e lendas populares cujo conhecimento é indispensável para a história da literatura medieval europeia; — concepções que só teem iguais no Evangelho; — lendas hieráticas aproveitadas no ocidente e transformadas em histórias de santos ou mártires de que reza a Igreja Católica.

Isto seria bastante para que se estudasse o samscrito.

4. — O samscrito estudado nos textos védicos assegurados pela escrita alguns séculos antes de Cristo, mas constituídos successivamente desde remotíssimos tempos e talvez a principiar de 2.000 ou pelo menos 1.500 anos antes da n. era, revela-nos as seguintes ordens de factos: — o organismo da sociedade árica na Índia; — elaboração da mitolojia dos Árias na Índia e transformação, até os inícios do politeísmo, das suas crenças religiosas e processos cultuais;

— orígens do seu direito familiar, e social; — organismo íntimo, morfológico, da língua árica, dialecto na Índia do falar comum proto-árico; — bases de crenças, lendas, contos, práticas e pensar na época clássica samscritica, da maior importância na história da psicologia dos povos áricos europeus.

5. Não é pois o estudo do sámscrito mero capricho de erudição. A sua importância nos estudos históricos é capital e hoje absolutamente indispensável numa faculdade de letras, filosofia e história, como aquella em que se vai constituindo o Curso Superior de Letras em Lisboa.

Os resultados práticos de estudo do sámscrito são: — conhecimento singlótico, ou por comparação gramatical, da estrutura do grego, latim, germânico, eslavo, litávico e celta, na Europa; do zendá, páli e arménio, na Ásia; — revelação de uma língua estirpe comum a todas estas, e reconstrução teórica dela; — nova compreensão da origem da linguagem; — reforma de todo o estudo da gramática; — descobrimento do nexó psicológico entre a linguagem e os outros factos sociais chamados mitos, religiões, constituição familiar, leis domésticas, constituição social, leis

sociais; e subsecuentemente — estudo histórico-comparativo de jurisprudência, das religiões e do desenvolvimento da religião, do viver primordial, séde orijinária e translocação dos principais povos a cuja família étnica pertencemos.

Estudos que arrancam da escuridão pre-histórica a estirpe de que são oriundos os povos senhores do mundo, e trazem à democracia e à liberdade de consciência os seus mais seguros esteios, são estudos de superioridade incontestável e base de toda a história e da crítica moderna; são o *novo mundo* nas ideias como lhes chamou *Hegel*. — *Vide*, páj. 170.

CAPÍTULO IV.

A LITERATURA BÚDICA E O BUDISMO. — CONJECTURAS
SÔBRE ANALOJIAS ENTRE O BUDISMO E A FILOSOFIA
GREGA.

§ 1.º

A literatura búdica em jeral. Seus cultores.

1. — Os monumentos literários, de que ficam dadas sucintas noções nos parágrafos precedentes, pertencem propriamente a uma só das duas fases de transformação da religião árica depois

de assegurada a posse do Hindustão pelos Árias immigrantes -- à fase brahmânica.

É evidente em parte dessa literatura a influência das doutrinas do budismo, chegando em alguns textos a haver reprodução, apenas modificada, de literatura propriamente búdica. Ha, porém, em sâmscrito textos importantes que pertencem exclusivamente à fase búdica. Os mais conhecidos são o *Lálita-Vistara* « Desenvolvimento (História desenvolvida) das Jestas » de Buda, e o « Lódão branco da Boa Lei » ou « Lódão da Boa Lei » cujo título em sâmscrito é SAD-DHARMA-PUNÐARĪKA. Os outros textos de literatura árica da Índia antiga são em páli; a sua colecção canónica tem o nome de *Tripitaca* (em páli TĪPĪṬAKA, em sâmscrito TRIPITAKA) « os tres pítacas ou cestos » « o triplo panário ».

2. — Os livros búdicos em sâmscrito teem autoridade de textos sagrados em o Nepal, onde os descobriu, haverá uns sessenta anos, Brian Hodgson. Os livros búdicos em páli são os cánones de Ceilão. Além do sâmscrito e do páli os livros búdicos estão escritos noutros idiomas, o tibetano, o chinês, etc.

Aos Budistas que reconhecem a autoridade dos

cánones samscríticos dá-se o nome de *Budistas do norte*, aos que reconhecem a autoridade dos cânones em páli dá-se o nome de *Budistas do sul*.

São Budistas do sul os Budistas de Ceilão; de Bermânia; de Sião; do Anám; os Jainas da Índia em Bombaim, Bengala, Panjab, Provenças Centrais, Maissor ou Missor, e alguns raros em Madrasta. São Budistas do norte os Budistas de Ladaque; do Nepal; do Tibet; da Mongólia; da China; do Japão; as hordas de Quirguizes e Tártaros do Volga.

3. — O *Tripitaca* é constituído por *tres panários* ou colecções diferentes: o *Vinaia-pitaca* ou panário da disciplina da ordem, o *Sutta-pitaca* ou panário de ensinamento dos que não seguem a vida monástica, o *Abidamma-pitaca* ou panário da doutrina transcendente (1).

Estes textos são de diversas épocas. Segundo a opinião de d'Alwis, Childers e Minaief toda a literatura búdica original e genuína foi primordialmente escrita em páli, e só mais tarde se

(1) Pronunciem-se as letras dobradas *tt*, *mm*. Em páli escreve-se VINAJA PITAKA, SUTTA-PITAKA, ABHIDHAMMA-PITAKA correspondendo em samscrito a SUTTA SŪTRA « fio, preceito », a DHAMMA DHARMA « prescrição, dever, doutrina ».

trasladou a sâmscrito; mas é de crer tivessem os Budistas escrito em sâmscrito e em páli sem precedência de época. O falar vernáculo devia de ser a linguagem duma parte de escritos, a dos destinados à propaganda; outra, principalmente a mais filosófica, a mais metafísica e a que seria de gosto particular dos Bráhmanes sectários do budismo, devia de ser em sâmscrito que era a língua esotérica deles. Segundo a opinião de Hodgson, Burnouf e Lassen, os livros canónicos búdicos foram simultâneamente escritos em sâmscrito e em páli: em sâmscrito para os eruditos, para os filósofos; em páli para os indoutos.

Quando o budismo se alargou para o ocidente do Hindustão, a língua de que se serviam os sectários de Buda havia necessariamente de ser diversa do páli. Assim encontramos no *Lálita-Vistara* uma parte — a das *gatás* — cantada em verso e num dialecto samscritico popular por sectários, uns coevos, outros sucessores dos primeiros discípulos do grande prægador hindu. Os *Gátacs* ou Rapsodos indianos escrevem o sâmscrito correctamente; mas os seus cantares, as suas baladas, os seus versos encomiásticos, teem na linguagem o cunho de affectada vernacu-

lidade; e são tanto mais estimados os poetas, e populares as suas canções, quanto maior é nestas o número de palavras e termos vulgares de uso comum dos ouvintes.

Estas considerações, devidas em parte a Rajendra Lala Mitra, deram força a Foucaux para asseverar com Wassilief que a origem do *Lálita-Vistara* é dos primeiros tempos das lendas búdicas.

Segundo Oldenberg, ao tempo do primeiro concílio ecuménico, em Rajagaha, a capital de Mágada, anos depois da morte do fundador do budismo, havia já um *duplo panário* (DVIPITAKA) composto de *Vinaia*, « disciplina », e *Damma*, « doutrina ». A redacção pois do primeiro panário e de parte pelo menos do segundo (esta, base do *Sutta-pitaca*) existia já ao tempo do concílio de Vesali, cêrca de 380 anos antes de Cristo.

4. — É certo, e muito para notar, que, em baixos relevos de monumentos architectónicos do III século antes da nossa era, se vêem passos dos contos búdicos que são a parte para nós mais singularmente interessante do *Sutta-pitaca*.

Estes contos são as historietas dos supostos nascimentos de Buda precedentes à sua última

aparição no mundo. Teem por este motivo o nome de *Játacas* (ĠĀTAKA « natividade »), e são a base dos apólogos samscritos, como o são igualmente os *Apadanas* ou *Avadanas* « lendas, jestas, *acta* », de santos do budismo, as quais se encontram, como os játicas, no panário *Suttapitaca*.

Além do interêsse dos contos e lendas que o investigador do *Folk-lore* pode achar na literatura búdica, tem esta grande preciosidade para o historiador nos textos *Dipa-vamsa* e *Mahá-vamsa* as fontes quasi únicas de história da Índia e Ceilão em idade anterior à cristã, e no *Milinda-pamha* « Disquisições do rei Menandro ». O glotólogo encontra no páli abundante colheita; e o hierógrafo e o hierólogo dados valiosíssimos para resolver problemas de história da religião e assentar outros que a critica pode sugerir.

A vida histórica e lendária de Buda, e a sua doutrina e modo de a ensinar atraem e surpreendem singularíssimamente (1).

(1) Os principais investigadores do budismo depois dos primeiros descobridores de textos em sâmscrito e em tibetano, Brian Hodgson, e Alexandre Csoma ou Csoma de Körös (do nome de sua terra natal, na

§ 2.º

Identidade de origem no Budismo e na doutrina pitagórica.

1. — Buda, BUDDHA « desperto, iluminado, sábio », é um KHRISTÓS « unjido » da graça, um inspirado, um salvador. Junto dele reuniram-se discípulos e acercaram-se mulheres que lhe escutaram a palavra reabilitadora e lhe levaram presentes como a outro Salvador fez a mulher mundana, que se perfumava na alma lançando aos pés do Mestre os aromas custosos. Buda também converteu a meretriz; também falou entre os doutores e confundiu seus mestres; também teve um discípulo amado, e outro como o apóstolo Pedro, e outro qual foi Paulo o apóstolo

Transilvânia), e depois dos primeiros escolares que levaram a dianteira nestes estudos, Eujénio Burnouf, Lassen, Fausböll e Jorje Turnour, são — Rémusat, Stanislas Julien, Spiegel, Foucaux, Alberto Weber, Max Müller, Jaime d'Alwis, Spence Hardy, António Schiefner, Vassilief, Minaief, Emílio de Schlagintweit, Benjamim Clough, Oldenberg, Ernesto Kuhn, Köppen, Sénart, Fernando Hù, Leão Feer, Ricardo Morris, Kern, Childers, Rhys Davids, Beal, Edkins, Trenckner, Rajendra Lala Mitra, Coomara Swamy, Pischell, Rockhill, Frankfurter e outros.

das Jentes. Ele provocou iras com a sua manifestação, e vindo para trazer a paz acendeu a guerra.

Desde tal momento a vida social na Índia manifesta-se, como de anterior época não temos notícia. Tudo se transforma. Asseguram-se as tradições pela escrita, levantam-se edifícios soberbos, escavam-se templos riquíssimos de asombrosa fábrica. A arte encontra assunto. Começa a vida histórica da Índia.

2. — Mas o que é o budismo, donde veio ele para irromper quasi de repente? Que fogo latente era esse que tão larga e rapidamente se comunicou, a ponto de aquecer mais de quinhentos milhões de almas?

O budismo é uma evolução filosófico-religiosa de princípios estabelecidos já nas *Upanixadas* — base dos sistemas, propriamente de filosofia *sânquia* e *vedanta*. O aspecto religioso do budismo é *ateu* na concepção, e sob o ponto de vista de meio é : *a expressão de relação entre um estado de existência e outro estado para o qual se tende* (1)

(1) Definimos *religião*, na máxima jeneralidade : *fenómeno psicológico social expresso na síntese explicativa da experiência e reguladora da vida*. Esta sín

assim o budismo não cuida do *Ser* nem da origem do *Ser*, cuida da *existência*, da sua modificação, e da sua perfeição. Ateu na sua fase mais pura, não foi popular; à custa da sua pureza e por se tornar politeístico com os numerosos *Bodisátvas* « Eleitos » ou « Futuros Budas », conquistou maior número d'almas que nenhuma outra religião.

3. — A origem da filosofia hindu, no sentido mais lato, é a especulação intelectual, se não quasi exclusiva da classe guerreira, pelo menos

tese é a resultante de duas ordens de forças — uma individual, outra social — a *emoção* ou *fôrça sentimental* própria a cada indivíduo, a *razão* ou *fôrça critica* em relação com o desenvolvimento social. A *fé* é a confiança subjectiva conforme a grandeza relativa das duas forças *emoção*, *razão*. Assim pois a religião tem o lado *concepção*, e um *fim* que procura alcançar; para este fim ha um *meio* que é o outro lado pelo qual se pode estudar uma religião. Sob o aspecto da *concepção* a religião é a expressão de faculdades mentais concorrentes para darem explicação das cousas do homem e do universo; sob o aspecto do *meio*, atinente ao fim que procura alcançar, é a expressão da relação entre dois termos, um dos quais é o crente, o outro a sua aspiração. A religião meio é ou teológica ou filosófica; teológica, é a expressão de relação entre o homem e os poderes sobre-humanos em que ele crê, que ele depreca, ou exconjura; — filosófica é a que acima se define, e tanto é a de Buda, como a de Comte.

iniciada por ela; e a ela com efeito, mais do que à classe brahmânica se deve. Dizemos classe e não casta, porque a classe só passou a casta na Índia depois de sistematizádo o pensar, o discorrer de filósofos, nas Upanixadas, e prescritos os ritos sacrificiais nos Bráhmanas. O característico da filosofia hindu é a meditação em opposição ás obras, isto é: às práticas sacrificiais, à liturgia da classe sacerdotal.

É certo que, entre os Árias do Brahmárxi-dexa, já antes deles entrarem no oriente ganjético, havia a especulação filosófica. Dos hinos védicos se colhem textos filosóficos evidentemente anteriores à constituição das castas. É provavel que a tendência manifesta nos hinos a oporem-se cada vez mais as concepções ritualísticas às concepções, digamos, filosoficas, proviesse de em diferentes logares, do Hindustão pelo menos, ter prevalecido um modo de concepção, excluindo-se outro que prevaleceria em logar diverso. Mas ao passo que as necessidades sociais obrigaram a separarem-se a classe guerreira e a classe sacerdotal; ao passo que o chefe da casa, o paterfamilias, perdendo o seu culto doméstico absorvido pelo culto que se ía tornando comum,

entregava ao cuidado de um intermédio a prática das suas relações com a divindade; o sacrificio foi o ponto de apoio dos Bráhmanes e ficou o único meio de comunicação com os deuses, de que o paterfamílias tinha a solicitar a prosperidade para todas suas acções. E depois disto a classe passou a casta propriamente dita; e a casta brahmânica assentou as pretensões de superioridade sôbre origem divina.

4. — Os *mantras*, isto é — as *riches*, os versos dos hinos, os hinos adequados a tal ou tal pretensão — e as obras, isto é, a execução rigorosa, em todos os pormenores e minudências, do sacrificio, eram os únicos instrumentos para se obter o fruto da devoção. O mundo *era sustentado pelo sacrificio*; o curso dos astros, os fenómenos periódicos do universo eram considerados como *resultado do sacrificio*; o fogo sagrado, o fogo do altar ficou imagem do sol; a ordem cósmica, emfim, ficou explicada pela ordem litúrgica inalterável.

A par desta concepção levanta-se a especulação sôbre a união intellectual dos seres no Ser Universal, por meio da *ciência*, fim supremo do homem, que o conduz ao fim último — a absorção.

A *ciência* é para estes pensadores o conhecimento do *átman* — o conhecimento do homem em si e separado de tudo que não é elle; e secundariamente — o conhecimento do *aviactam* « infinito », e do *viactam* « finito ».

Nárada, vae um dia ter com Sanatcumara, e diz-lhe :

— « Instrue-me, ó venerável ! »

Sanatcumara respondeu-lhe :

— « Dize-me o que sabes, e eu te farei saber o que está acima. »

Nárada enumera-lhe o que estudou : os Vedas, o Veda dos Vedas (isto é, a gramática que os Hindus estudavam como *fim* e não *meio*), a arte mágica, e outras cousas, e finalmente diz-lhe :

— « Ó venerável, conheço os *mantras*, mas não conheço o *átman*; e ouvi dizer que aquelle que conhecer o *átman* passa para além das aflições e dos pezares, com o auxílio de um homem como tu ! Eu sinto-me aflito, passa-me tu para a outra marjem ! »

— « O Rigveda, o Iajurveda, o Veda dos Vedas e tudo o que estudaste — diz-lhe Sanatcumara — não são mais do que nomes ! »

Êste diálogo mostra quanto a classe, se não j

casta sacerdotal, se inquietava com a filosofia dos que meditavam no *átman* e ensinavam a doutrina oposta às obras, ao culto tradicional. Esta opposição é manifesta nas Upanixadas. « A ponte que dêste mundo leva à immortalidade, diz a Upanixada Mundaca, é o conhecimento do *átman*; tudo mais é inútil. » Todavia aceita-se o sacrifício como obra preparatória, da qual o homem, que deseja chegar à absorção, deve libertar-se; porque, se é a melhor das obras, é comtudo obra, e por consequência o fruto dela prejudicial ao desprendimento das cadeias da vida pelas quais, successivamente, vai passando a alma no decorrer das transmigrações.

5. — A ortodoxia védica tinha-se tornado, já anteriormente às Upanixadas, ritualística, formal, regulada, adstrita à prática tradicional. Para os homens que não conheciam essas práticas, ou aos quais não era dado executá-las, e tinham ócios para meditarem no porquê das cousas, e cuidarem de resolver os eternos problemas, a observação dos fenómenos, de que a vida parece depender, sugeria a explicação do mundo por fôrma diversa da que os Bráhmanes entre si ensinavam. Os Bráhmanes, porém, que

não tinham a seu cargo o cuidado da salvação das almas, antes nunca apostolaram com fervor (se não eram contrários a todo apostolado fóra de um proselitismo restrito, íntimo, que as Upa-nixadas nos revelam), não se opunham às especulações filosóficas, e de certo modo até as auxiliavam. A êste auxílio devemos talvez mesmo a confusão de sistemas filosóficos, porque na Índia ha separação de homens e confusão de tudo quanto os possa unir!

A classe, depois casta guerreira, os Xátrias, foram os principais especuladores em filosofia, opondo sempre às *obras*, a que na literatura védica se chama *carma-canda*, a *meditação* e a *especulação mental*, a que na literatura védica se chama *jenhana-canda*. Esta opposição do sacrifício e da meditação é evidente, e ao mesmo tempo ambas as concepções igualmente ortodoxas: que em livros sagrados se ensina, em uns que o princípio primordial dos seres é o *manas* « pensamento », noutros o « sacrifício ». Mais tarde uma escola, a de *Prabácara*, chega a negar a qualidade de Veda, isto é, de revelação, ao *jenhana-canda* — parte da literatura védica cuja doutrina é esotérica, oposta à que trata do *carma* ou obras — e

nega ainda esse carácter a tudo quanto não se refere directamente ao culto.

6. — O ponto de origem da nova explicação é a concepção do *átman*. *ĀTMAN* « sôpro », *PNEÛMA*, *ANIMA*, *PSYKHĒ*, *SPIRITUS*, são vocábulos que nos revelam idea comum. A teoria do *átman*, a sua evolução e as suas consecuéncias, porém, são exclusivamente hindus.

Ātman é, para aqueles protestantes contra o ritualismo, mas teósofos apesar de tudo, o principio incorpóreo da existência; é o agente primordial dos fenómenos intellectuais e dos de vida de relação. *Ātman* é o (*ip*)-*Se em cada um e em a natureza*, ou, empregando com certo direito a linguagem moderna europea, o *Eu universal*, e o *Eu individual*. *Ātman*, considerado de um modo abstracto, é, diz um distinto orientalista, « o ser universal em que estão reunidos o sujeito e o objeto com fôrma idéntica »; e considerado na sua relação com o mundo sensível é « a consciência e o agente, a madre e o tûmulo da natureza ou conjunto dos modos materiais do ser que ele emite, recolhe, concentra, coordena e anima », é « a supressão de toda á mitolojia e de todo o antropomorfismo, e portanto a negação

sentimentos humanos e de fôrma em Deus ». E com efeito, o *âtman*, diz uma das Upanixadas, « não é isto nem aquilo ; inapreensível porque não pode ser tocado, indivisível porque não pode ser separado em partes, independente porque nada o pode combinar a si, sem nada que o enlace, não sofre nem morre ».

A ser verdadeiramente lójico, quem aceitasse esta doutrina havia necessariamente de conceber o Ser Universal como absolutamente inalterável e permanente, destituído de qualquer atributo material e o que mais é, ininteligente e sem consciência, e por tanto sem bondade nem paixão, que ambas estas qualidades são resultados da vontade activa.

Êste *ser* insulado, intanjível, em que o homem devia absorver-se para libertar-se das successivas transmigrações pelas quais se sustenta a continuação do mal pelas obras; êste *ser* em que vão terminar, aniquilar-se, desaparecer todas as manifestações materiais e da consciência individual, não está longe da concepção ulterior do *nirvana* búdico — *libertação absoluta das cadeias materiais da alma*.

7. — O espírito hindu segue todas as conclu-

sões de um princípio estabelecido, até o extremo. O nosso progresso europeu não provém senão da feliz inconsequência de que somos dotados em matéria religiosa. O espírito hindu seguiu no seu desenvolvimento social o andamento, que de conclusões em conclusões, levou, a partir do princípio estabelecido — a concepção do *átman*. O Hindu embebeceu-se em misticismo; as únicas lutas em que se empenhou a casta guerreira foram lutas contra os Bráhmanes, mas sempre sem alcance social previsto pelos revolucionarios, a que nem ousamos chamar reformadores (1).

Os nomes mais notáveis que a tradição nos conserva são os de *Vixuamitra*, *Janaka*, e *Sidárta* o *Gautama*, ou *Xákia-Múni* o *Buda*. Foram eles que primeiro puseram, em frente da religião a ciência, em frente da tradição a especulação, em luta com a fé a razão. Notemos aqui quanto estas expressões são relativas. Lembremo-nos de que ciência propriamente dita nunca existiu na Índia, e de

(1) O budismo não só não tentou abrogar as castas, mas, segundo parece, introduziu esse nefando sistema em Ceilão; e é certo distinguirem os budistas na sua dogmática entre castas superiores e inferiores. Buda nos seus múltiplos renascimentos não teve nunca *natividade* noutra casta que não fôsse a brahmânica ou a xátria (!)

que à tradição só devemos antepor a crítica, à fé a demonstração; e assim olharemos com simpatia ou pelo menos inclinar-nos hemos, testemunhando a humildade da nossa natureza, ante os grandes absurdos do passado. Tiremos deles lição para evitarmos alguns no presente.

8. — A filosofia sânquia assenta sobre a base — *eternidade da matéria*; e tem por fim — *a extinção do ser cognoscente e paciente*. O motivo da sua especulação é o *tédio-doloroso* da vida. Explicou as cousas, as manifestações materiais, corpóreas, e os fenómenos mecânicos, pela existência de cinco elementos ponderáveis: terra, água, ar, fogo, e ainda espaço ou fluido etéreo; afirmou que de nada nada se tira, e portanto não especulou sobre a natureza de um Criador nem de um Ser regulador das cousas do universo.

Não é, porém, esta falta, o defeito que notaremos na filosofia sânquia. Se todos os filósofos seguissem a Quena-Upanixada, resumida no preceito magnífico: « O verdadeiro conhecimento do espírito supremo consiste na consciência que o homem adquire da incapacidade para o compreender, por isso que a intelição humana só pode compreender os objetos finitos

e não o que é infinito», o homem teria realizado mais obras com menos orgulho e não se teria contentado com palavras, insuflado de vaidades. O grande defeito da filosofia sánquia é a sua moral negativa, pela sua própria tendência ascética, pela renúncia das obras, e portanto pelo seu carácter de egoísta abstenção. Podemos dizer que para os discípulos desta doutrina não havia que procurar-se o bem; para eles o bem consiste em evitar todo mal. O verdadeiro sábio, o VIDVÂN dos Hindus, como o SOPHÓS e o SAPIENS dos estoicos, é o que chegou à impassibilidade absoluta. Mas os primeiros discípulos de Zenão, quasi todos asiáticos, não tiveram na Europa continuadores cujo carácter fôsse o indiano.

Uma das causas da decadência da civilização hindu, e essa por motivo da sua extrema consequência religiosa, é a falta de personalidade, de individualidade, o que obsta a toda a dignidade própria. Outra causa foi a existência de livros sagrados, que na Índia mantinham o dogma. A Grécia não teve Bíblia. Os filósofos gregos não tiveram que lutar contra a religião preocupada com a salvação do homem; e à sua filosofia não se opunha nem dogma revelado nem

livro que o mantivesse. Não os enredava um sem número de minudências ritualísticas, não os detinha o símbolo guardado por casta sacerdotal. Antes, Aristóteles, discípulo de Platão, não diz nada da immortalidade. É assim a filosofia grega: quando não chega a contestar a vida ulterior do homem, esquece-se dela, porque o espírito grego expande-se ante a magnificência do mundo terrestre e góza das belezas da vida que o cativam. Aristóteles notava que o amor da vida não tinha outro móbil senão a própria vida, e entende que este instinto levado até a paixão é uma das perfeições da humanidade.

A apatia dos estoicos não é exactamente a impassibilidade hindu. Já está modificada a idea, porque se lhe opõe o poder da vontade. O estoico não tem apatia senão por equanimidade, serenidade; e possui, além disso, a altiva independência, a ponto que, se o dualismo do próprio Aristóteles na sua concepção de Deus transcendente e do mundo movido pelo impulso dêsse Deus é, como diz Lange, base excelente para, alma contricta, o Cristão da idade-média jemer lançado por terra e aspirar à eternidade, o não é todavia para o estoico. Demais, como diz o mesmo Lange,

« à liberdade e à audácia do espírito helénico juntava-se a faculdade innata de tirar consequências, e enunciar, com precisão e clareza, proposições jerais, fixar com rigor, com segurança, o ponto de partida da investigação, cujos resultados classificava clara e luminosamente; tinham, numa palavra, os Gregos o talento de dedução científica ».

O Hindu possuía a mesma faculdade innata de tirar consequências; mas os seus hábitos de discussões de palavras e sôbre palavras, não de ideas, os seus estudos favoritos de interpretação por meio de subtilezas, e de gramática como ciência, não como instrumento de linguagem educada, deram-lhe o vício da prolixidade, das repetições estêreis; e o místico e o metafísico só produziram a grandeza no volume.

9. — Vieram à Grécia os conhecimentos matemáticos pelo Oriente. Pelo Oriente recebeu a Grécia o seu alfabeto. Mas em breve a Grécia excedeu Babilónia em astronomia; e, depois de Alexandre, a Índia, que, muito antes da Grécia, tinha estudado os princípios de geometria, astronomia e cronometria necessários para a edificação dos altares dos seus sacrificios segundo

imensões e fórmulas prescritas, e para a celebração dos sacrifícios em épocas próprias de antemão marcadas, recebeu da Grécia a verdadeira ciência astronómica, que depois voltou à Europa por intermédio dos Árabes.

O uso da matemática dava à Grécia, em tempos tão remotos como o do alvorecer do seu filosofar de escola, elementos bastantes para a salvar do misticismo hindu. A associação pitagórica sobretudo, a escola itálica, cujo carácter era mais de austeridade religiosa do que de serenidade filosófica, teria caído nos extremos do misticismo dos Iogues, se o estudo das matemáticas e das ciências físicas e naturais, como era então possível fazê-lo, não fôsse levado pelos seus membros ao grau a que a Grécia não chegou antes do período alexandrino.

10. — Os princípios da escola de Pitágoras, e ainda os de Platão, eram, como na doutrina sânquia, libertar o espírito dos estorvos que lhe tolhiam o levantar-se à contemplação da verdade imutável, arrancando-o a toda paixão humana resultado da comunicação com os objetos sensíveis. Consequia-se este fim pela meditação e contemplação do mundo da inteligência.

Os seguidores de Pitágoras, e Ocelo em particular, distinguem como partes do mundo, o ceu, a terra, e o espaço entre ambos a que denominaram METÁRSION KAI 'AÉRION; entre os Hindus estas partes do mundo eram SVAR « ceu », BHŪ « terra », ANTARIKṢA « o transparente », a que também chamavam AKĀŚA « éter ». Para uns e outros o ceu era a morada dos deuses, a terra a dos homens, e o espaço intermédio a dos seres espirituais, invisíveis e maléficos contra os quais os Vedas ensinam exconjurios. Para uns e outros destes filósofos havia a distinguir-se entre *órgãos materiais* e *alma*. Pitágoras julgava que a alma era revestida de um invólucro etéreo ao qual ainda envolvia o corpo externo, o verdadeiramente material. Assim também a filosofia sânquia nos doutrina acêrca do corpúsculo em que a alma se abriga e é subtilíssimo e incoercível, e acêrca do corpo grosseiro, material, mortal, que envolve aquele e é o exterior de fôrma animada. Era comum ainda à filosofia hindu e à pitagórica o ponto característico da metempsicose.

11. — A doutrina da transmigração e da metempsicose é um resultado do princípio comum aos filósofos hindus e pitagóricos, das *qualidades*

opostas—o *duándua* dos Hindus, a *diade* de Pitágoras, indefinida e origem de todo mal. Para uns e outros é preciso evitar o *duándua*, a *diade*, a dualidade; o que é preciso conseguir é o desaparecimento das qualidades opostas, fazer por que, morto o corpo grosseiro, não entre noutro o corpo subtil e incoercível, e que se absorva em o Ser Absoluto.

Weber, que ninguém pode acusar de querer achar relações exajeradas entre as doutrinas da antiguidade clássica e as da samscritica, nota a conexão com referência aos cinco elementos e à metempsicose.

Devemos distinguir entre a origem da idea de transmigração e a origem da idea de vida além do túmulo. A origem desta idea encontra-se em tres factos pelo menos: na concepção de fôlego que os seres vivos tiravam da atmosphera e para ela voltava quando eles morriam, na explicação dos sonhos com os mortos, e na ignorância da morte, isto é, na explicação da paralisação dos fenómenos mecánicos, à qual denominamos morte, como um estado de repouso, pela ausência do fôlego, do duplo, explicação da morte enfim como um estado de vida.

Na India a concepção do *átman* é ao princípio toda material. Êste *átman* é um verdadeiro corpo, um duplo. Tal concepção foi por um lado orijem do mito da séde dos mortos no espaço entre o ceu e a terra, por outro lado o jérmen mitológico da doutrina vedántica da absorção no Ser Universal. O desenvolvimento mitológico é peculiar de um povo ou de povos cuja evolução é semelhante quer por afinidades étnicas, quer por influências idénticas climatéricas e outras. Mas a base dêsse desenvolvimento é por vezes comum a todos os povos. Está neste caso a concepção do fôlego, a explicação dos sonhos, e ainda a idea de que os mortos teem necessidades como os vivos. São parágrafos da psicologia jeral da humanidade. O Ária hindu pede à terra que abra o seu seio e receba o morto envolvendo-o brandamente, com amor «qual mãe nas pregas do vestido ao filho que estremece». Êste modo de pensar está expresso ainda hoje na fórmula «a terra lhe seja leve» que a antiguidade clássica consagrara e nos transmiliu (1).

(1) Rigveda, X, 18, 11. Cf. Iliada, XXIII, 221; Pausânias, II, 7, 2; Virgílio, Eneida, III, 68; Catulo, Ovídio, etc.

Da idea de vida para além do túmulo, e do amor à vida de que fala Aristóteles, do amor de reprodução e continuidade, de saber-se o homem perpetuado, proveiu a idea de immortalidade, toda activa e rica de personalidade, de nobre altivez. Pelo contrário, da idea de transmigração nasceu a de absorção, idea inactiva, estulta, indigna, deshonra da humanidade. O Hindu nunca foi além da idea de « não morrer »; não comprehendeu nunca a immortalidade como nós a comprehendemos. É por isto que, na Índia, o Ária perdeu, toda, a consciéncia individual, e hindu nunca possuiu o sentimento de personalidade; nele então extinguiu-se toda a enerjia de vida moral.

A idea de immortalidade da alma, ainda mesmo quando não tenha a significação espiritualista moderna, é contudo testemunho de civilização muito adiantada. O Ária-hindu tendia para a concepção da immortalidade da alma; passou, porém, ou *fez uma reversão* para a de transmigração. Esta idea de transmigração encontra-se, jeralmente, nas civilizações inferiores. Além da India e do Ejipto, existe entre selvajens da África e da América.

12. — Qual fôsse a orijem da idea de transmi-

gração, em geral, não o podemos dizer com aquela segurança que temos para descortinar a de immortalidade. A doutrina de transmigração, tal como os Hindus a formularam, podemos determinar as bases. Mas entre a idea de transmigração e a doutrina metafísica ha o intervalo preenchido por elaborações próprias de uma civilização. A idea é comum a diversíssimos povos e raças. A doutrina é hindu. Podemos resumí-la em breves palavras: *A alma, de natureza immortedoura, transmigra enquanto dura o estado (a que chamaremos) de quéda.*

Esta mesma doutrina é em suma a doutrina de Platão.

Duas condições são inerentes à alma no estado de *quéda*: separação da Alma Suprema, ignorância da identidade da sua natureza com a natureza da Alma Suprema. O estado beatífico realiza-se pela união da alma *separada* com a Alma Suprema; a êste estado chega-se quando se adquire a certeza perfeita de que a natureza da alma é a natureza da Alma Suprema, do *átman* absoluto. Cessando a ignorância cessa a *separação*. Mas enquanto a ignorância existe, a alma adapta-se a objetos indignos da sua natureza

superior. Esta adaptação é um resultado dos actos praticados. Assim o destino é fruto das acções — doutrina do *carma*, das obras. Mas a alma é immorredoura por virtude da sua própria natureza que ela desconhece, logo os actos succedem-se ainda mesmo depois do desaparecimento do objeto a que ela se adaptou uma vez. Daqui resulta a série de destinos, emquanto a alma não chega a conhecer a sua própria essência. A alma por êste modo levada pelo *samsara*, pelo colossal e incessante redemoinho da vida, transmigra — doutrina do PUNAR-BHAVA, das existências sucessivas, das renascensas.

Comparemos com a doutrina de Platão. Esta resume-se nas seguintes palavras: HOMOIÔSIS TÔ THEÔ, isto é, em que a essência e o fim da elevação do pensamento até Deus é a assimilação a Deus, porque a alma humana e a Divindade são coessenciais.

13. — Na Índia a doutrina da transmigração estende-se a todos os seres vivos e até a natureza inerte. Na doutrina pitagórica ha a metempsicose, que é a transmigração, o PUNAR-BHAVA limitado ao homem e aos seres animados mais próximos dele pela organização e pela intelição. Esta

limitação é superioridade, e esta superioridade é um progresso na mesma linha; porque tanto na doutrina da Índia como na doutrina pitagórica, a base — e não diremos a origem? — a base doutrinal da necessidade da transmigração é a *dualidade das qualidades opostas*.

A dualidade, *duándua* dos Hindus, e *diade* de Pitágoras é concepção artificial, que nada tem espontâneo, como tem a primitiva concepção do *átman*. Da concepção do fôlego « espírito », própria à raça árica, ha vestíjios na linguagem. Da concepção da *dualidade das qualidades opostas* não ha vestíjios de que fôsse comum. Na Grécia apparece a *diade* como um enxerto que se fez sem ninguém saber de que tronco viesse o ramo com que se enxertou. O *duándua* tem, todo o carácter ascético; e a Grécia não é ascética, ascética é a Índia. O *duándua* é o dogma involvente de toda a Índia; é de uma sociedade vastíssima unida quasi exclusivamente por este laço a que se prendem religiões diversas. A *diade* é de uma pequena escola no meio de uma sociedade cujo carácter lhe é oposto. A dualidade é teoria nascida da necessidade de sustentar doutrinalmente a opposição entre as obras, isto é — os sacrificios, o culto ritua-

listico — e a meditação na Alma Suprema. Assim o vemos na Índia.

Por consequência a teoria da metempsicose provém da Índia, temos direito a conjecturá-lo.

Alguém tem querido explicar o nome de Pitágoras pelos vocábulos samscritos PITĀ-GURU. É absurdo. Outra hipótese é de ver em PITA a forma grega de BUDDHA. O final do nome seria, em tal hipótese, o final comum aos nomes gregos como Anaxágoras, Protágoras, etc. *Pitágoras* seria pois o vocábulo *buddha* tornado nome próprio e com forma grega. Esta hipótese é aceitável; tem pelo menos o merecimento de não ser absurda. Houve muitos BUDDHAS antes do BUDDHA, de família, Gáutama. Era possível que o adjectivo chegasse à Grécia com a doutrina que aí foi a da metempsicose, e se individualizasse o epíteto formando-se o nome à maneira grega.

§ 3.º

Influência das ideias orientais na Grécia e diferença entre a teoria pitagórica de metempsicose e a ejípcia de transformações. Os povos comerciantes.

1. — As tradições gregas dizem-nos que foi do Oriente que Pitágoras trouxe para a Europa as

doutrinas com que ele fundou a escola itálica, e que ainda depois se encontram em obras de Platão. Em o X livro da *República* encontra-se indício precioso para podermos concluir, contra os que ainda hoje pensam ter Pitágoras trazido do Egipto as suas doutrinas, que foi da Ásie Menor, e de local que ficava no caminho da Índia, da Arménia como julga Barthélemy Saint-Hilaire, ou de Pamfília, como podemos supor da mesma passagem das obras de Platão.*

A passagem é importantíssima, — não só pelo que dela conclui Saint-Hilaire e fica mencionado, mas ainda pelo carácter oriental do contexto, diferente das ideas gregas.

Er, arménio, ou filho de um Arménio, e de origem pamfílio, caíra morto no campo de batalha. Quando vieram levantar os cadáveres, o seu corpo não estava como os outros corruto. Levaram-no para lhe prestar as honras fúnebres, e dispuseram-no sobre uma pira. Ele, então ressuscita, e conta o que vira no mundo dos mortos.

Até este ponto nada se opõe às ideas dos Gregos. Se nos tempos primitivos se enterrava o corpo morto, em Esparta voltando-se-lhe o rosto para o ocidente, em Mégara voltando-lh'o

para o oriente; mais tarde lavava-se o cadáver, e unjia-se com óleos perfumados, envolvia-se em roupas brancas, e ao som de címbalos e de liras levavam-no à pira onde o consumia o fogo alimentado por substâncias aromáticas. Em espirais de chamas e fumo o espírito ascendia e entrava depois nas misteriosas rejiões dos Campos Elísios, ou na rejião do ocidente onde o sol mergulha no fim de cada dia, se a vida mundana não dava direito a que entrasse naquela rejião dos privilegiados. Esta concepção é árica. Outra tinham ainda os Gregos tomada dos Semitas, era a concepção do mundo dos mortos no seio profundíssimo da terra, onde o morto continuava a viver nas sombras densas sem sentimento e sem inteliência.

Nenhuma destas concepções inspirou a Platão. O mundo dos mortos, de que fala Er, é concepção erânica. O espírito de Er, liberto pela acção das ardentes chamas, chega a um lugar maravilhoso donde vê na terra dois buracos próximos um do outro, e outros dois no ceu na direcção daqueles. Juizes dos mortos estavam assentados entre essas aberturas e indicavam o caminho a seguir : à direita aos justos para subirem ao ceu,

à esquerda aos maus para descerem às profundidades (1), levando sinais distintivos, e a enumeração dos actos condenáveis. Pela outra abertura do ceu desciam os espíritos alegres contando as maravilhas e as delícias da mansão dos justos. Pela outra abertura da terra saíam os espíritos impuros maculados de lama e poentos, carpindo os seus penares e jemendo os males que sofrem nesse lugar os condenados.

Todas estas ideas são eránicas: a passagem entre o ceu e a terra é a ponte *Chinuat*, estreita para os maus, que dela caiem, precipitando-se no ínfimo *Duxaque*, onde os espíritos malévolos os atormentam. O planalto onde se encontram os espíritos é o monte *Arexura*, onde *Anromáinus* delibera com os outros demónios.

2. — A civilização grega, propriamente dita, foi precedida pela brilhante civilização que se dilatou por toda a costa ocidental da Ásia Menor e chegou até Creta. Esta civilização tinha elementos étnicos diversos: entravam nela elementos fenícios, fríjios, eránicos e helénicos, distinguíveis na lenda de Troia.

(1) Cf. Evangelho de S. Mateus. XXV, 54, 41.

PĀRIS, DAREÏOS, são provavelmente nomes fríjios com fôrmas eránicas. Encontra-se em monumentos de Nínive o nome de ASSARACOS. O de seu filho CAPYS é nome fríjio e são fríjios o nome de DYMAS jenro de *Priamo* e o de *Ascânio* e o de *Cassandra*. Heródoto dá a Troia o nome de « terra dos Teucros », e segundo, parece TROIA quer dizer « terra da travessia ». Aos *Teucros* identificou o autor do presente volume os povos de nome TUKHĀRA da literatura samscítica, TOKHARRI das inscrições assíricas, TSEKKARI, TAKKERRI ou TEKKRI das inscrições ejípcias; e mostrou que eles eram um vasto povo do ramo eránico essencialmente errante já antes do século XIV até o II antes da nossa era, indo das ilhas do Mar Ejeu até o Tibet e o Hindustão, senhor das principais vias comerciais e aguerrido a ponto de entrar em batalhas e tomar parte em invasões e combates navais.

3. — Na Fenícia, anteriormente a Pitágoras ou à epoca por êste nome designada, era já conhecida a doutrina da metempsicose pitagórica. Mas esta doutrina, baseada sôbre o mérito e demérito das criaturas, não é análoga à doutrina ejípcia da renovação da existência e trans-

formação, a que erradamente se tem dado o nome de metempsicose ejípcia. A absorção da alma individual, ou *separada* como dissemos, na Alma Suprema ou *una*, que Pitágoras prometia como prémio da virtude, não é a doutrina ejípcia da identificação do morto com Osiris. A doutrina de Pitágoras ensina que a alma passará a habitar outro corpo superior ou inferior na escala animal, não na escala dos seres (doutrina hindu), conforme o merecerem os actos praticados durante a existência anterior. A doutrina ejípcia não é doutrina de metempsicose necessária, dependente das obras, é doutrina de transformação *voluntária*.

4. — Toda a mitolojia ejípcia assenta em dois princípios semelhantes entre si : as trevas vencidas pela luz, a morte vencida pela vida. Êste duplo triunfo é a idea capital da religiãõ ejípcia em todos os seus modos de representação. A vitória da luz triunfante das trevas é representada pelo combate de *Rá* contra a serpente *Apap*; a vitória da vida triunfante da morte é representada no mito de *Osiris*. Os factos naturaes expressos nos dois mitos capitais, são : a sucessão do dia à noite, a sucessão do vigor da natureza

ao seu marasmo periódico, a produção e a esterilidade alternativamente, as estações. Por aquele segundo triunfo principalmente estabelece-se o ponto de afinidade com a doutrina de ressurreição. Esta ressurreição é propriamente regresso à vida, e prometida ao *fiel, cumpridor da lei, ao triunfador, ao que tem palavra de verdade*, МАА-KHERU (véridique, dizem os Franceses; one whose word is aw, diz *Le Page Renouf*), como bem-aventurança.

Devemos considerá-la por tres modos:

1.º existência readquirida, ou nova existência; 2.º como transformação; 3.º como identificação com Osíris.

A renovação da vida traz ao homem as grandezas e as prerogativas da sua natureza perdidas pelo pecado e pela morte. O morto encontra todos os seus membros, conta-os, e vê-se tal como era entre os vivos, com ossos e carnes nas fórmulas em que existia sobre a terra, e praticando ele todos os actos da sua vida material.

O bem-aventurado, porém, não fica sujeito a um lugar único; pode percorrer o universo inteiro, não fica obrigado a tomar para sempre a forma humana, pode tomar a forma que quizer. Para chegar à bem-aventurança, o morto não passa

por estado nenhum intermédio de expiação para purificar-se. Atravessa apenas certo número de rejiões, recitando certas fórmulas. Se a sentença lhe é favorável quando ele chega ao *Recinto da Lei*, fica semelhante a um deus, é idêntico a *Osiris*.

A identificação é de certo modo ainda também transformação. Assim como *Ostris* se identifica com outros deuses, assim o morto pode identificar-se com *Rá*, *Tmu*, *Seb*, *Horus* ou outras divindades. Se o espírito, a alma de *Osiris* brilha no ceu em Órion, a alma do defunto pode brilhar numa estrêla.

O cadáver na sepultura é como a semente na terra fértil; ambos esperam nas trevas misteriosas, em silêncio, os raios vivificadores do sol que lhes ponha em movimento a seiva. O túmulo é para o Egípcio antigo o berço da nova vida; a terra é para ele, nela sepulto, mãe divina.

Em todas estas concepções não vemos nada semelhante à metempsicose de Pitágoras; vemos, sim, ideas e frases repetidas por S. Paulo. Se o Egípcio conhecesse e seguisse a doutrina pitagórica, não lhe seria necessário o cuidado do embalsamamento. Mas a múmia espera o seu

próprio espírito, íntegra, perfeita, para ouvir com os seus ouvidos, ver com os seus olhos, quando o sôpro divino tornar à vida o corpo inerte, quando o homem, triunfante, tiver vencido as trevas, como *Av* — o sol considerado *carne, matéria animal*, e tipo das evoluções misteriosas da substância orgânica entre a morte e o regresso à vida.

5. — Nesta série de concepções em que se considera o dia imagem da vida, e a noite imagem da morte; em que o pôr do sol é o protótipo do termo da existência terrestre, e o levantar do sol o emblema e testemunho de novo nascimento; ha grande analogia com a série de concepções védicas da luta da luz com as trevas, e da concepção de *Iama* o juiz dos mortos na rejião misteriosa e escura, como *Osiris* na *Amenti*. Ha ainda no Egipto a concepção de *Má*, representando o bom princípio realizado na ordem universal, como ha na India védica a concepção do bom princípio *Rta* ou *Arta*, de que depende a ordem moral e a ordem cósmica, semelhante ainda de certo modo ao bom princípio do *Eran*.

Mas estas concepções simétricas, como quadros que fazem *pendant*, não se correspondem todavia

como parece à primeira vista, se definirmos o que se entende por *bom principio, verdade, ordem*, na Índia, no Eran, no Egipto.

Buscando analogias é preciso investigar também as dissemelhanças. São estas dissemelhanças que vão muitas vezes mostrar-nos a falsidade da analogia.

A primeira cousa que devemos fazer é conhecer até que ponto as doutrinas semelhantes mereçam o mesmo nome. Neste estudo de analogias é perigosíssima a influência do nome. Por isto daremos : à doutrina de Pitágoras, exclusivamente, o nome de metempsicose ; à búdica, o de transmigração à ejípcia, o de transformação.

6. — Vejamos agora sucintamente como poudo orijinar-se a confusão, por fórmula tal que ainda ha poucos anos grandes ejíptólogos falavam de metempsicose ejípcia, e é hoje comum dar-se como certo ser de orijem ejípcia a doutrina de Pitágoras.

Os Ejípcios, como os Gregos, separavam a alma humana em duas partes ou princípios : noÿs « inteliência », que é KHU em ejípcio, e PSYCHĒ « alma material dos sentidos e dos órgãos », que é BA em ejípcio.

Morto o indivíduo, o corpo repousa no seu túmulo, dentro do seu caixão, envolto nas tiras que o apertam múmia; a parte mais etérea, subtil, menos tanjível se não immaterial, KHU, liberta-se; a parte menos subtil, de certo modo material, BA, agente responsável dos actos condenáveis do morto, vai passar pelas provas e lutas enumeradas e descritas no *Livro dos Mortos*.

Segundo êste *Livro* é a alma inteligente, KHU, que fala a *Osiris* e confessa as acções da alma sensível, BA.

Ao chamamento dos mortos, no dia de juízo, quando BA tiver de comparecer perante *Osiris*, o coração baterá de novo e a alma achará o seu caminho (capítulos xxvi a xxix). Mas antes de ver a face de Deus passará por múltiplas provações de que só poderá escapar a alma do justo (capítulos xxx a LIII).

Se a alma fica absolvida, se BA resistiu a toda provação, e não morreu na divina rejião inferior, se BA é MENKH « perfeita », pode reunir-se à alma inteligente KHU (capítulo c) e entrar no corpo, que é o seu corpo próprio, ou noutro, como ela quizer, e passar por novas existências, ao que o *Livro dos Mortos* chama « transformações volun-

tárias ». Pode então tomar a fôrma de diferentes animais, que são representação da divindade na mitologia egípcia.

Estas transformações, pois, não são mais do que a representação da natureza divina da alma por um símbolo pelo qual se representa a divindade.

Se a alma, BA, é condenável, se é ímpia, rebelde, torna-se *cousa immóvel* durante milhões de anos (capítulo xciii), morre segunda vez, para não voltar mais a ver os vivos. É a *segunda morte*, como dizem alguns textos e a Apocalipse (1).

Mas antes desta segunda morte, a alma inteligente encarregada de amparar a alma sensível, e de lhe comunicar a sentença, entra nela. Recorda-lhe os conselhos que lhe deu e ela desprezou, fustiga-a com os seus pecados, e atira-a à tempestade dos elementos revoltos de indignação. Batida entre o ceu e a terra, a BA, acoieta-se dentro de um corpo humano, a que tortura, flajela e atormenta com doenças e males morais.

(1) Por ex.: XX, 6. O livro da Apocalipse é um repositório de quasi todas as fórmulas das crenças religiosas anteriores, da humanidade.

O corpo possessor é um doido ou um assassino. Rebelde sofre depois a segunda morte.

7. — A diferença entre a doutrina pitagórica da metempsicose, e a doutrina egípcia das transformações é pois evidente. Não encontrarmos no Egipto a doutrina hindu, mostra-nos que, apesar das antigas relações dos Fenícios com o Egipto pagando a Tutmósis III tributos que tiravam da Índia já no XVII século antes da nossa era, a teoria da transmigração se propagou por outra via. Esta via não podia ser senão a Ásia Menor: Troia era a terra da travessia. A Arménia foi povoada desde o século VIII antes de Cristo por gente árica do ramo erânio. Os Cilas do Ponto Euxino eram Arias erânios. Séculos antes do esplendor intelectual da Grécia, os habitantes de Mileto e de Éfeso, empreendendo lonjínquas viagens, realizavam transacções comerciais, conheciam os costumes e familiarizavam-se com o modo de pensar dos povos mais ao interior. Foi na Ásia Menor que, por este contacto com estrangeiros, a colónia jónica chegou ao auge da opulência, acendrou o seu talento artístico e realizou na vida material os mais apurados requintes do luxo.

Lange, que assim o diz, acrescenta que foi no seio da aristocracia rica, independente, instruída, das colónias gregas, livres das ambiciosas famílias sacerdotais, que nasceu a filosofia a cujos progressos correspondeu entre os Jónios, em relação frequente com a Fenícia, com a Pérsia, com o Egipto, o desenvolvimento das matemáticas e das ciências naturais.

A todos estes argumentos vem dar fôrça o que hoje se sabe a respeito de Demócrito, tão caluniado, quanto merecedor de respeito pelo seu saber, pela sua modéstia, pelo seu desprendimento das cousas do mundo e pela sua moral.

Demócrito era da colónia jónica da Trácia, de Abdera; seu pai era um dos mais ricos cidadãos. Em Abdera esteve Xerxes acompanhado dos seus Magos. Demócrito, moço, inteligente, entusiasta, colheu então as primeiras luzes da sua instrução.

Longas viagens, em que ele gastou toda a sua fortuna, nos países do oriente, deram-lhe o saber que ele trouxe ao occidente, e de que, parece, tanto se serviu Aristóteles, e tanto receou Platão.

8. — A idea de orijinalidade absoluta para a cultura helénica é cientificamente inadmissível.

Lewes diz : « Os factos levam a crer que a aurora do pensar científico coincide, na Grécia, com um grande movimento religioso no Oriente ».

Êste movimento foi, por certo, o que as Upanixadas revelam preparado já antes do século VI, e base do Budismo.

São os povos errantes e dados ao comércio, que pelo seu trilhar contínuo de um ponto para outro, batem no solo as estradas distribuidoras das riquezas das terras e das especulações mentais; são eles que pelo seu curioso instinto e pelo seu espírito comunicativo, récolhem, formam em parte, e transmitem as lendas que precedem e de certo modo substituem a história. São eles que estabelecem a comunicação entre civilizações que, sem esse plasma dos glóbulos sangüíneos, sem esses reóforos da electricidade, ficariam anémicas, isoladas, e por condensadas estéreis. Tais povos encontramos desde o século XIV até o século II antes da nossa era nos *Teucros* ou *Tucaras*, nomeadamente; e sem época determinada em todos os povos de ramo eránico sem integração política como os *Citas* da Ponto, e todos mais ou menos em contacto com as grandes civilizações do Egipto, da Ásia

Menor, da Assíria e da Índia. É ainda gente erânica dispersa a que introduz em Roma, doutrina e lendas, que mais tarde se tornaram a parte verdadeiramente popular do Cristianismo.

Quantas ideas de importação estranha, diz Lange, se filiam míticamente em um nome célebre, sem que a posteridade possa jamais ter conhecimento do verdadeiro introdutor!

NOTA COMPLEMENTAR

a páginas 77-78

SÔBRE OS CINCO MODOS DE SE RECITAREM OS VEDAS.

Os cinco modos de recitar o Rigveda foram desde tempos remotíssimos, e teem sido até hoje, o melhor meio de conservação dos textos védicos. Graças a essa prática assombrosa de que mal se pôde fazer idea, não se perdeu um verso, nem uma palavra, nem um acento; conservou-se a enunciação rigorosíssima até hoje.

Para brevidade e clareza vamos exemplificar tomando um *sucta* (hino) qualquer.

Seja II, 3, 1.

Transcreva-se a primeira parte da *riche* em caracteres europeus da seguinte maneira :

SAMIDDHO AGNIR NIHITAḤ PṚTHIVJĀM PRATJAY VIŚVĀNI
BHUVĀNĀNJ ASTHĀT.

O metro é *trixtup* (TRIṢṬUP). Compõe-se de quatro *padas* (como se transcreve só metade da *riche* temos aqui só dois *padas*), de onze sílabas cada um. Na leitura faz-se a primeira pausa na sílaba *vja(m)* e assim no fim de cada *pada*.

A recitação dos Védas não é uma simples leitura. Ha uma entoação melódica ou melhor *acentuação melódica* característica. Nos textos, esta acentuação é marcada por dois sinais : um horizontal (-) e subposto, outro vertical (†) e sobreposto à sílaba respectiva, como se vê na transcrição. Estes sinais de-

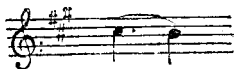
nominam-se respectivamente :SVARITA, ANUDĀTTATARA,
e correspondem em notação musical europea :

SVARITA :

em sílaba longa, a



em sílaba breve, a



ANUDĀTTATARA :

em sílaba longa, a



em sílaba breve, a



As outras sílabas, que não são marcadas na escrita,
são recitadas com o som



ou

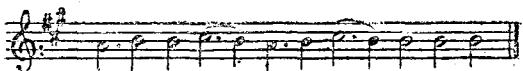


conforme forem respectivamente longas ou breves.

Assim os dois padas, cuja transcrição precede, devem ser lidos do seguinte modo (pronunciando-se todas as consoantes e aspirando o *h*).



sâ - mi - ddhō a - gni - rni - hi - tâha pri - thi - viâm



pra - riāg vi - xuâ - ni bhu - va - nâ-niâ - sthât.

Este modo de dizer os Vedas, *ligando-se* as palavras segundo leis fonéticas especiais (como se escrevessemos em português A-zà-rma-zi-o-jba-rõe-za-ci-na-lâ-dos), chama-se SĀHITĀ-PĀṬHA «recitação com ligação» (1).

Se as palavras se separam da frase, e se pronuncia cada uma delas separadamente, este modo chama-se PADA-PĀṬHA (*recitação das palavras* de per si, cada uma, e independentemente da precedente ou da seguinte na frase).

O texto retro transcrito seria lido segundo o *pada-pāṭha*.

SAM - ; IDDHAḥ ; AGNIḥ ; NI - ; HITAH ; PRTHIVJĀM ; PRATJAY ; VISVĀNI ; BHUVANĀNI ; ASTHĀT.

A sua recitação melódica também seria diferente, que é diferente em cada um dos cinco modos.

(1) *Samhitā* é também o nome da «collecção, do corpo dum Veda» e propriamente escrita naquela forma.

Os tres que restam para explicar são : KRAMA, GATĀ e GHANA.

Designaremos por números as palavras, seguindo a sua ordem na *riche*, na fórmula *pada-pāṭha* : 1 ; 2 , 3 ; 4 ; 5 ; 6 ; 7 ; 8 ; 9 ; 10.

Aquelas mesmas palavras na fórmula *crama* seguiriam esta ordem : 1 2 ; 2 3 ; 3 4 ; 4 5 ; 5 6 ; 6 7 ; 7 8 ; 8 9 ; 9 10 ; 10 íti 10.

Este íti designa que 10 é a ultima palavra, e portanto repete-se consigo mesma. As regras fonológicas applicam-se com rigor a cada grupo de duas palavras. Ex. : 1 2 = SAMIDDHAṂ ; mas 2 3 = IDDHO AGNIḥ ; 3 4 = AGNIRNI, etc.

Na fórmula *jatā* as mesmas palavras darão :

1 2 2 1 1 2 ; 2 3 3 2 2 3 ; 3 4 4 3 3 4 ; 4 5 5 4 4 5 ;
5 6 6 5 5 6 ; 6 7 7 6 6 7 ; 7 8 8 7 7 8 ; 8 9 9 8 8 9 ;
9 10 10 9 9 10 ; 10 íti 10.

Na fórmula *gana* as mesmas palavras serão dispostas na seguinte ordem.

1 2 2 1 1 2 3 3 2 1 1 2 3 ;
2 3 3 2 2 3 4 4 3 2 2 3 4 ;
3 4 4 3 3 4 5 5 4 3 3 4 5 ;
4 5 5 4 4 5 6 6 5 4 4 5 6 ;
5 6 6 5 5 6 7 7 6 5 5 6 7 ;
6 7 7 6 6 7 8 8 7 6 6 7 8 ;
7 8 8 7 7 8 9 9 8 7 7 8 9 ;
8 9 9 8 8 9 10 10 9 8 8 9 10 ;
9 10 10 9 9 10 ;
10 íti 10.

. Esta fórmula é composta da *jatā* a que se junta a 3.ª palavra, e em seguida esta, a sua precedente e a anteprecedente; e estas na ordem conversã de 1 a 3.

A esta primeira parte junta-se a segunda, começando com a 2.^a palavra, e formando, com a 3.^a, *jatá* em seguida ao qual modo vem a 4.^a palavra, a sua precedente e anteprecedente, e estas tres palavras na ordem conversa de 2 a 4. A esta segunda parte junta-se a terceira, começando com a 3.^a palavra que com a 4.^a fórma *jatá* a que segue a 5.^a palavra, e esta, a sua precedente e anteprecedente, e as mesmas tres na ordem conversa de 3 a 5; etc.

Em todos estes modos de ler, sempre que ha duas ou mais palavras em contacto, êste é regulado rigorosamente pelas leis fonológicas.

A alguém pode parecer, porque assim o pensou um dos maiores orientalistas (*Colebrooke*, páj. 18 do 1.^o vol. dos « *Essays* »), que estes modos de recitar são ridiculamente supersticiosos. Quer supersticiosos, quer não, a eles devemos a exactidão dos textos como não existe em nenhuma outra literatura transmitida por cópia de MSS ou oralmente.

O grande orientalista francês, Adolfo Regnier, fazendo a análise dos capítulos X e XI do *Pratixáquia do Rigveda*, diz que o *crama-pāṭha* é « très-efficace pour la conservation du texte sacré dans toute sa pureté, et très propre à appeler l'attention, par un rapprochement immédiat, sur tous les faits remarquables de phonétique, de quantité, d'accentuation » (« *Études sur la Grammaire védique* » in *Journal Asiatique*, 1857).

Uma das grandes vantajens do *crama* é obstar a que a *riche* se altere pela fórma *pada-pāṭha* no caso de *tmese*. Ex. : *Rgv.* V. 2, 7.

A pronúncia e a acentuação melódica das palavras, consideradas *per se*, diferem da pronúncia e acentuação melódica *frásicas*, e portanto : a *fórma pada* não conserva nem preserva a pronúncia e a acentuação melódica próprias da *riche* (em simples leitura — não preserva a enunciação frásica), como também não

preserva a enunciação do vocábulo a *fórma samhitá*. Mas porque a *fórma crama* é a combinação das duas *samhitá* e *pada* (por ligação e por palavra), tem ela a grande vantagem, ainda, de preservar absolutamente a enunciação do vocábulo e a frásica.

A leitura ou recitação (PĀṬHA) na *fórma crama* é pois a crítica por excelência da exactidão do texto.

NOTA COMPLEMENTAR

do n.º 14 páj. 67 e n.º 5 páj. 85.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS ACERCA DA LENDA DOS SANTOS BARLAÂM E JOSAFAT.

A literatura hindu teve o seu período áureo do século III antes da nossa era até o século I; estagnação durante uns 400 anos depois, sob o domínio na Índia dos povos que aniquilaram o império grego da Ásia Central; e revivescência notabilíssima desde o século III da nossa era até o século VII.

A êste tempo estava a literatura hindu clássica no se auge. A fama da sabedoria dos Índios havia chegado à Pérsia quando ali governava *Cosru* (ou *Cosroas*) *Nuxirvan*. Por ordem dêste monarca traduziu *Barzoi*, médico de sua côrte, o original, hoje perdido, do *Panchatantra* para língua pélvi (páhlavi). Era, portanto, já conhecida a existência da literatura hindu pelos Persas antes de o ser em Bagdad, na côrte

de *Almançor*; podemos, todavia, dizer que os Árabes foram os primeiros povos a occidente do Hindustão que estudaram a literatura hindu. Não foi só pelo livro de KALILAH UĀ DIMNAH, tradução feita por *Abd-Alah-ibn-al-Mocafa*, da collecção de apólogos indianos dados em língua siríaca segundo versão pélvica feita no VI século, que o Occidente e principalmente o Occidente cristão conheceu a literatura da Índia. À corte do *Almançor* haviam chegado também livros búdicos; e *João de Damasco* a quem a Igreja reconhece por *São João Damasceno*, o qual exercia na corte do Califa um alto cargo, ali conheceu a lenda de Buda, tal como a dá o *Lálita-Vistara* e o comentário dos *Játacas*.

São João Damasceno verteu para grego essa lenda na segunda metade do século VIII. Tanto ele como os Cristãos do Oriente disseram *Iusaf* e *Iudasatf* pelo árabe BUDASF e BUDASATF, que são o páli BODHISATTA e o sâmscrito BODHISATTVA « Bodisátua, futuro Buda ». Disse-se depois *Ióasaf*, *Ioasafat*. A troca de B por I consoante era facilísima, para o que bastaria a diferença de um ponto diacrítico. Por este motivo a lenda de Buda entrou no « Martirológio » com o título de « Vida de São Josafat ».

O texto grego foi publicado a primeira vez por *Boissonade* no 4º volume das suas « Anecdota Græca », Paris, 1832. *Migne* reproduziu o texto no vol. XCVI da série grega, « Patrologia Cursus Completus », com a tradução latina feita por *Billy* no século XVI.

Schubart corrijiu o texto da ed. de *Boissonade* onde fervilham os erros. Serviu-se de seis Mss. existentes em Viena de Áustria. « Wiener Jahrbücher ». LXIII.

F. Liebrecht traduziu o texto grego em alemão, « Des heiligen Johannes von Damascus Barlaam und Josaphat. Aus dem Griechischen übertragen von Felix

Liebrecht. Mit einem Vorwort von Ludolph von Beckedorff». Münster, 1847.

Laboulaye no jornal dos «Débats», 21 e 23 de julho, 1859, foi quem primeiro fez notar a relação entre São Josafat e Buda nas lendas búdica e cristã. *Liebrecht*, em 1860, no tomo II, do «Jahrbuch für romanische und englische Literatur», páj. 314 sgs., escreveu um estudo sério e largo acêrca do assunto. Reproduziu êste trabalho in «Zur Volkskunde (1879)», páj. 441-460.

Littré, no «Journal des Savants», 1865, páj. 337, resolveu a questão relativa a autor, assentando que a lenda cristã era obra de São João Damasceno.

Tem-se contestado, todavia, esta opinião, e tem-se negado que *Buda* ou *Jósafat* seja um santo das Igrejas cristãs romana e grega. O facto, porém, é que todos os dados são a favor da opinião de *Littré*, e de que *Josafat* foi canonizado. A êste respeito são para nós irrefutáveis os argumentos últimamente apresentados por *T. W. Rhys Davids*, in «Buddhist Birth Stories; or Jataka Tales», vol. I, intr. xxxvi sgs.

No «Martyrologium Romanum, Gregorii XIII. Pont. Max. jussu editum, et Clementis PP. X. auctoritate recognitum» impresso em Antuérpia em 1701, lê-se a pájinas 332: «Quinto Kal. Decembris..... Apud Indos Persis finítimos sanctôrum Bárlaam et Jósaphat, quorum actus mirândos sanctus Joânes Damascênus conscripsit. »

A primeira versão do texto grego foi *siriaca*. A segunda foi em *drabe* (século XI?). A terceira em *latim*: ignora-se a data e o autor. Ha Mss. do século XII.

Foi a versão latina abreviada, e dada em epítome por *Vicente de Beauvais*, ou *Vicentino Bellovi-*

censis, no séc. XIII, no «*Speculum Historiale*», cuja 1ª ed. é de Estrasburgo em 1473. Outro domínico e contemporâneo do Belovicense, *Jacobus a Voragine*, escreveu também um epítome latino que se lê na «*Legenda Aurca*». A edição antiga mais estimada é a de Paris, em 1475.

Na primeira metade do século XIII *Guy de Cambray* deu em francês a lenda de Barlaâm e Jósafat. A edição crítica é a feita por *Zotenberg*¹ e *Paulo Meyer*, in «*Bibliothek des Literarischen Vereins*», Stuttgart, vol. LXXV, 1864, com o título: *Barlaam und Josaphat französiches Gedicht der dreizehnten Jahrhunderts von Guy de Cambray nebst Auszügen aus mehreren romanischen Versionen*. Segundo comunicação feita por *Miller* a *P. Meyer*, existe no convento de *Iveron*, no monte *Atos*, um Ms. orijinal do séc. XI em grego com tradução marjinal em francês do séc. XIII.

Ha outros textos franceses antigos da famosa lenda. Não os podemos aqui mencionar todos, nem os de que temos notícia em italiano, sueco, holandês, alemão, polaco, bohémio; mencionamos por ser notável o facto, que em *Manilha* se publicou, em 1692, uma versão no dialecto hispanhol das Filipinas. Em *Madride* havia já em 1607 apparecido uma versão hispanhola.

Para terminar esta nota, diremos que em Portugal conhecemos dois textos. Um em latim na Biblioteca da cidade do Porto; é o códice nº 45 do respectivo catálogo; é do século XV-XVI. Pertenceu ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. O outro é em português; é um códice do séc. XV-XVI que pertenceu ao Mosteiro de Alcobaça, e está na Torre do Tombo, em Lisboa; tem o nº 266.

¹ O snr. Zotenberg acaba de publicar no «*Journal Asiatique*» (maio-junho 1885) um notável artigo acerca do livro de Barlaâm e Jósafat.

O códice de Santa Cruz abre assim :

« Incipit liber gestorum barlaam et iosaphat serur. dei. editus greco sermone a iohanne damasceno uiro s̃co. et emerito.

Cvm cepissent monasteria construi. ac monachor. congregari multitudines.....»

O códice de Alcobaça abre assim :

« Aqui se começa auida do honrrado Iffante Josaphat filho de ElRey Auenir.

Em o começo q̃ os mosteiros começarõ a seer fectos e os monges começarõ a suir anoso senhor em terra dindia..... »

NOTA COMPLEMENTAR

do § 6º, páj. 112-115

SÔBRE O INTERESSE DO ESTUDO DO SÁMSCRITO.

Já depois dêste volume pajinado lêmos o livro do snr. *Max Müller* « India : What can it teach us ? » Londres 1883.

Em estilo vigoroso que reflecte o calor e a luz dum talento esplêndido e dum espírito entusiasta, o ensinamento do livro deve entrar no ánimo de quem faça aquella pergunta, e confundir os ignorantes cujo despejo moral não se haja ainda completado.

Aconselhamos a leitura a alguns homens que se julgam doutos em Portugal e desdenham dos estudos de sámscrito.

A páginas 88-89, diz o snr. *Max Müller* :

« Mas a maior parte desta última literatura (a do 2.º periodo, ou clássica) é artificial ou escolástica (confronte-se o que fica por nós dito n.º 7 páj. 61, n.º 8 páj. 63) ; tem muitas composições interessantes a que

não falta nem originalidade, nem por vezes beleza. Todavia o seu valor é de mera curiosidade (confronto-se o que deixamos dito, n.º 7 páj. 94) para o historiador e para o filósofo, cuja simpatia pelas cousas propriamente humanas, não tem ali o estímulo que impele o escolar orientalista. (Isto é absolutamente exacto se considerarmos, como alguns autores consideram, a *Bagavadguitá*, e a filosofia de que ela é uma expressão, anteriores ao I século precedente à era cristã; no caso contrário devemos exceptuar aquele notabilíssimo poema filosófico, e a doutrina sânquia e a vedanta).

Diferente é, porém, o caso pelo que respeita à literatura em que predominam as religiões védica e búdica. Essa abre deante de nós um capítulo no *Ensino do Género Humano*, tão notável, que em parte nenhuma tem paralelo. — Quem quizer investigar o desenvolvimento histórico da linguagem, isto é dos nossos pensamentos; — quem quizer investigar o primeiro desabrochar apreciável da mitologia e da religião; — quem quizer investigar as origens do que posteriormente se tornou ciência e tem o nome de astronomia, metronomia, gramática, etimologia; — quem quizer investigar o primeiro despontar do pensamento filosófico, e as tentativas primeiras de regularização da vida familiar, da de comunidades, da civil, baseada na religião, nas cerimónias e ritos, na tradição, e no contrato (SAMAJA); — ha de, para futuro, dar à literatura do período védico a mesma importância que dá às literaturas da Grécia, de Roma e da Jermânia.

F I M.